

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000

Tel.: (011) 3061-7551 - Fax: 3061-7561

C.P. 41633 - CEP 05422-970 - São Paulo - SP - Brasil

JULIANA SANTOS AMARAL DA ROCHA

**VIVÊNCIA DOS EGRESSOS DO PROGRAMA DE
ESTÁGIO EXTRACURRICULAR EM ENFERMAGEM**

SÃO PAULO

2018

JULIANA SANTOS AMARAL DA ROCHA

**VIVÊNCIA DOS EGRESSOS DO PROGRAMA DE
ESTÁGIO EXTRACURRICULAR EM ENFERMAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de concentração: Gerenciamento em Enfermagem

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

SÃO PAULO

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Rocha, Juliana Santos Amaral da
Vivência dos egressos do Programa de estágio extracurricular em enfermagem / Juliana Santos Amaral da Rocha. São Paulo, 2018.
150 p.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

Área de concentração: Gerenciamento em Enfermagem

1. Enfermagem. 2. Graduação. 3. Estágios. 4. História da Enfermagem. I. Título.

Nome: Juliana Santos Amaral da Rocha

Título: Vivência dos egressos do programa de estágio extracurricular em enfermagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que tem me capacitado todos os dias e me dado forças para superar todos os desafios que a vida oferece.

Ao mestre, professor Dr. Genival Fernandes de Freitas pela oportunidade de aprendizado e por todos os ensinamentos.

Ao meu esposo, Juliano Pereira Rocha, pela paciência, companheirismo e todo apoio que tem me dado para continuar a busca incessante pelo conhecimento e aprimoramento profissional. E ao meu filho, Diogo Amaral Rocha por ser minha grande inspiração.

Aos meus pais Diogo Rodrigues Amaral e Maria Teresinha Santos Amaral, pois sempre foram meus heróis e me ensinaram a ter determinação e lutar pelos meus objetivos.

Aos membros do Grupo de História, Ética e Legislação da EEUSP, por terem me acolhido com carinho e apoiado em toda esta trajetória. Em especial à Dra. Bárbara Bonini, pela paciência, pelas dicas e por todos os ensinamentos.

À superintendente assistencial do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Fátima Silvana Furtado Gerolin, por ter me estimulado a iniciar esta jornada e ter proporcionado a elaboração desta pesquisa.

Rocha JSA. Vivências dos egressos do Programa de estágio extracurricular em enfermagem. [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2018.

RESUMO

Introdução: O estágio extracurricular é uma opção de aprendizagem e desenvolvimento de prática profissional, não obrigatório e possibilita a aquisição de conhecimento sobre o campo de trabalho da enfermagem, podendo contribuir para o aprimoramento da formação dos alunos de graduação em enfermagem. Considerando o impacto que o estágio extracurricular possui para os esses alunos, esta pesquisa torna-se importante para ampliar o conhecimento sobre esta prática. **Objetivos:** Caracterizar o estágio extracurricular na perspectiva dos estagiários; descrever e analisar as experiências vividas pelos egressos do programa de estágio extracurricular a partir de pressupostos de Pierre Bourdieu. **Método:** Este estudo é de natureza histórico-social, qualitativa e exploratória. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas com os egressos do programa de estágio extracurricular do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, obtidas por meio da técnica *Snowball Sampling*. Esta instituição oferece o estágio extracurricular há muitos anos e tem aprimorado o programa ao longo do tempo. Foi utilizado o método da História Oral Temática para realização de entrevistas semiestruturadas, e a análise temática estabelecida por Minayo, que permitiu realizar uma reflexão geral sobre a apreensão da significação de textos produzidos. O referencial teórico de Pierre Bourdieu foi utilizado para análise dos resultados, permitindo a compreensão das relações sociais, analisando o campo social e o *habitus* que são incorporados pelos indivíduos e que são direcionados por um simbolismo intencional que determina o que Bourdieu denomina de "violência simbólica". **Resultados:** Foram entrevistadas 12 egressas do programa de estágio extracurricular entre os anos de 1979 a 1993. Emergem das entrevistas, três categorias compostas por 10 subcategorias: Categoria 1. Motivação para o estágio extracurricular: a aquisição de capitais, retrata os principais motivos que levaram as participantes a procurarem o estágio extracurricular durante a graduação de enfermagem. Categoria 2. O estágio extracurricular: descrevendo o campo social, descreve, sob o ponto de vista das participantes, como era o estágio extracurricular no período analisado e como este campo social permitia a incorporação de novos *habitus*. Categoria 3: A percepção do estágio extracurricular para o egresso, nesta categoria emergiram diversos significados sobre a percepção que as egressas tinham em relação ao estágio extracurricular. **Conclusão:** Esta pesquisa possibilitou ampliar o conhecimento a respeito da história do estágio extracurricular em enfermagem, especialmente no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, cenário escolhido, além de caracterizá-lo, sob a óptica de egressas que participaram do programa, no contexto analisado. Dentre os principais achados destaca-se a influência que o estágio extracurricular pode exercer sobre o desenvolvimento de competências comportamentais que são projetadas pela instituição, e que podem definir a aquisição de um dos troféus deste campo social, que é a contratação profissional do estagiário, ao término do programa. A possibilidade de inserção profissional e a influência do estágio extracurricular para a trajetória profissional são outros pontos que se destacaram, pois evidenciam o quanto o estágio pode facilitar a transição entre a escola e a vida profissional dos alunos de graduação em enfermagem.

Palavras-chave: Enfermagem; Estágio Extracurricular; Formação; História da Enfermagem; Estudantes de Enfermagem; Egressos.

Rocha JSA. *Experiences of the egresses graduates of the extracurricular training program in nursing*. (Dissertation). "São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo"; 2018.

ABSTRACT

Introduction. Extracurricular training is an option to learn and develop the professional practice. It is not mandatory and enables knowledge acquisition about the work in the nursing field, and may contribute to the improvement of undergraduate nursing students. Considering the impact that the extracurricular stage has on these students, this research becomes important to increase the knowledge about this practice. **Objectives.** To analyze the experiences lived by the extracurricular internship program egresses according the assumptions of Pierre Bourdieu. **Method.** Present study is of historical and social, qualitative and exploratory nature. Data collection, were based on interviews with the undergraduates of the extracurricular training program of the German Hospital "Oswaldo Cruz", obtained through the Snowball Sampling technique. This institution offers the extracurricular internship for many years and has enhanced the program over time. The Thematic Oral History method was used to conduct semi-structured interviews and the thematic analysis established by Minayo who allowed performing a general reflection on the apprehension of the produced texts meaning. The theoretical framework of Pierre Bourdieu was applied for results analysis, allowing the understanding of social relationships, analyzing the social field and the *habitus* that are incorporated by the individuals and that are directed by an intentional symbolism that determines what Bourdieu called as "symbolic violence". **Results.** Twelve egressed students of the extracurricular internship program between 1979 and 1993 were interweaved. Three categories comprised of 10 subcategories emerged from the interviews: Category 1. Motivation for the extracurricular stage: the capital acquisition depicts the main reasons that led the participants to seek the extracurricular training during the nursing graduation: Category 2. The extracurricular stage: depicts the social field from the point of view of the participants; how the extracurricular stage was like during this period and how the social field allowed the incorporation of the new *habitus*. Category 3. The perception of the extracurricular stage for the egressed students. In this category, several meanings emerged about the perception that the egresses had due to the extracurricular stage. **Conclusion.** This study allows extending the knowledge about the history of extracurricular training course in nursing, especially in the German Hospital "Oswaldo Cruz", the chosen scenario. In addition, characterize it from the perspective of the egressed students who participated in the program, in the analyzed context. Among the main findings, we highlight the influence that the extracurricular stage can exert on the development of behavioral skills designed by the institution, and which can define the acquisition of one of the awards in this social field, which is the professional hiring of the trainee at the end of the program. The possibility of professional insertion and the influence of extracurricular internship to the professional career are other highlighted points since it is evident how much the internship can facilitate the transition between the school and the professional life of undergraduate students in nursing.

Keywords: Nursing. Extracurricular internship. Formation. History of nursing. Nursing students. Egressed.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Naturalidade dos participantes de acordo com o estado e país	37
Gráfico 2	Quantidade de participantes de acordo com o ano de início e término do estágio extracurricular	38
Gráfico 3	Idade dos entrevistados quando iniciaram o estágio extracurricular ..	39
Gráfico 4	Característica da unidade hospitalar onde o estágio foi realizado	40
Gráfico 5	Quantidade de pós-graduações realizadas após o término do estágio extracurricular	41
Gráfico 6	Quantidade de entrevistados por tipo de Pós-Graduação	42
Gráfico 7	Total de entrevistados que permaneceram na Instituição após término do estágio	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Resultado da Pesquisa em Base de Dados	06
Quadro 2	Estudos selecionados	07
Quadro 3	Identificação dos participantes e ano de início e término do estágio extracurricular	36
Quadro 4	Categorias e subcategorias conforme a fala dos participantes	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	01
1.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	03
1.2	JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	05
1.3	REVISÃO INTEGRATIVA	06
1.4	PROBLEMA DE PESQUISA	13
2	OBJETIVOS	15
3	PERCURSO METODOLÓGICO	19
3.1	TIPO DE ESTUDO	21
3.2	SUJEITOS DA PESQUISA	23
3.3	LOCAL DO ESTUDO	23
3.4	ASPECTOS ÉTICOS	24
3.5	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	24
3.6	COLETA DE DADOS	25
3.7	ANÁLISE DOS DADOS	25
4	REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO DE PIERRE BORDIEU NO CONTEXTO DO PRESENTE ESTUDO	27
5	RESULTADOS	33
5.1	CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO	35
5.2	SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS	43
6	DISCUSSÃO	49
7	CONCLUSÕES	73
	REFERÊNCIAS	77
	APÊNDICES	83
	Apêndice A – Questionário	85
	Apêndice B – Perguntas norteadoras	86
	ANEXOS	87
	Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	89
	Anexo 2 – Depoimentos dos egressos do programa de estágio extracurricular em enfermagem	91

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A enfermagem é uma das profissões mais nobres da área da saúde, e sua trajetória em busca do aprimoramento do ensino e da formação dos alunos pode ser destacada em diversos estudos históricos. Muitas lutas e desafios já foram enfrentados para garantir que os profissionais estejam capacitados para oferecer um cuidado humanizado, com qualidade e segurança.

É importante destacar que o Brasil sofreu mudanças políticas importantes na década de 1980 que trouxeram algumas propostas de reformas na organização dos serviços de saúde, possibilitando a criação de novos momentos para o mercado de trabalho dos enfermeiros, o que repercutiu diretamente na sua formação (Lima, 1994).

Ao retroceder um pouco no tempo, ainda na década de 1970, o país estava sob a direção do Governo Militar (1964-1985), e vivenciava a ação de diversos movimentos sociais que se opunham ao Estado e reivindicavam a execução de ações no campo social. Em 1975, foi criado o Sistema Nacional de Saúde e aconteceu um amplo debate social sobre a saúde nas Conferências Nacionais de Saúde. No final da década de 1970 o país apresentava uma crise econômica com inflação alta e aumento do desemprego (Santos, 2013).

É neste cenário político e econômico que foi iniciado um programa de estágio extracurricular para alunos de enfermagem em uma instituição filantrópica do estado de São Paulo. Este programa buscava aprimorar a habilidade do aluno de graduação em enfermagem, e prepará-lo para o mercado de trabalho (Secaf, Lorencette, Marx, 1989). Neste sentido, destaca-se que, em um mundo onde ocorrem mudanças e transformações constantes, é imprescindível que cada ser humano busque diferentes saberes, para desenvolver competências que permitam aprimorar sua qualificação. Ao considerar este contexto, a escola de enfermagem, representada pelas mais diversas instituições de ensino no país, possui um papel importante na sociedade, ao oferecer amplo conhecimento teórico nas mais diversas áreas, porém, nem sempre permite que o aluno tenha a oportunidade de desenvolver competências técnicas e comportamentais ao longo de um curso regular. Sendo assim, os estágios profissionais têm por objetivo integrar a teoria à prática e a política educacional brasileira tem dado ênfase às práticas pedagógicas relativas ao ensino superior (Paiva, Martins, 2012).

O estágio é conceituado como ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho que tem como objetivo a preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de nível superior, de educação profissional, de ensino médio, de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional em educação de jovens e adultos. De acordo com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, existem duas formas de estágio: o *obrigatório* que deve respeitar a carga horária exigida para cada curso; e, o *estágio não-obrigatório*, ou extracurricular, que é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (Brasil, 2008). O estágio extracurricular também é um método alternativo de aprendizagem e desenvolvimento de prática profissional, no qual, diferentemente do estágio curricular obrigatório, a escolha do campo de atuação é realizada pelo aluno.

A história do estágio extracurricular no contexto brasileiro, mostra que na década de 1980 poucas instituições de saúde ofereciam este programa de aprimoramento. Observava-se que nem as instituições de ensino, nem os educadores e os próprios alunos de graduação em enfermagem, que na época, em sua grande maioria, cursavam a graduação em período integral, valorizavam o estágio extracurricular (Secaff, Lorencette, Marx, 1989).

Secaf, Lorencette e Marx (1989) descreveram a experiência de sucesso do programa de estágio de uma instituição filantrópica do estado de São Paulo, e mostraram seus benefícios para a formação do enfermeiro. Inicialmente registraram que o aluno ingressava na referida instituição e realizava o estágio extracurricular como observador ou voluntário. Este processo acontecia durante o período de férias e, se a avaliação fosse eficiente, o aluno era convidado a ingressar no estágio remunerado que acontecia nos finais de semana, das 7h às 19h, ou em dias alternados durante a semana, das 16h às 22h. Observaram, durante as entrevistas realizadas no processo seletivo, que a procura pela instituição ocorria por causa de alguns fatores como a falta de conhecimento e habilidade técnica, desenvolvimento das medidas terapêuticas mais modernas e da atuação do enfermeiro, corroborando com o princípio de que o estágio pode contribuir com o desenvolvimento de novas habilidades.

É importante considerar que, quando uma instituição oferece o estágio extracurricular, existem três grandes agentes que atuam neste campo social com perspectivas diferentes. De um lado o aluno está cheio de anseios, expectativas e embasado em conteúdo teórico e científico, e, de outro lado, o enfermeiro que precisa compreender sua importância no desenvolvimento e aprimoramento do aluno e como virá a se tornar uma referência profissional para o estagiário. E, por fim, a empresa que oferece uma estrutura física e humana, busca encontrar e preparar

profissionais qualificados e competentes que venham, mais tarde, agregar à sua equipe de enfermagem.

Ao considerar este contexto e compreender como o estágio extracurricular pode contribuir para o processo de formação de competências dos enfermeiros, tendo como parâmetro as competências previstas na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e aquelas requeridas por um hospital na cidade de São Paulo, em 2006, foi realizada uma pesquisa por Pires (2006) que descreveu todo o processo do estágio extracurricular na instituição e como ele poderia contribuir efetivamente neste processo de educação, para que o estagiário pudesse ter a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos na escola. O autor concluiu que, quando a instituição oferece um campo de atuação para o estagiário por meio de um processo seguro e com avaliações sistematizadas, é possível analisar o perfil do enfermeiro requerido pela instituição e atender as expectativas dos enfermeiros e dos estagiários.

Existem poucos estudos que descrevem a experiência de instituições de saúde no Brasil com a criação do programa de estágio extracurricular, portanto, acredita-se que seja importante conhecer um pouco mais da história deste método de aprimoramento profissional que teve início na década de 1970 e que até hoje permanece ativo em diversas instituições de saúde.

1.2 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A motivação para a propositura deste projeto de pesquisa advém do interesse pessoal da pesquisadora que participou do programa de estágio extracurricular na sua formação acadêmica, e possui inquietações em compreender, sob a óptica do próprio estagiário, como este programa pode contribuir para a formação do enfermeiro, além de registrar as experiências das primeiras gerações de egressos do programa, e o quanto este pode contribuir para o desenvolvimento no campo acadêmico e econômico do futuro enfermeiro. Além disso, a presente pesquisa fornece informações que possibilitam a elaboração de estudos que contemplem um período de análise mais amplo, e uma possível comparação entre as primeiras gerações de enfermeiros que vivenciaram o programa de estágio extracurricular e a geração atual, para conhecer melhor esta modalidade de capacitação na profissão de enfermagem.

1.3 REVISÃO INTEGRATIVA

Para aprimorar esta pesquisa e conhecer como o estágio extracurricular é desenvolvido nas instituições de saúde no mundo, foi realizado o levantamento de trabalhos científicos que abordaram a temática do estágio extracurricular para graduandos do curso de enfermagem.

A busca foi realizada por palavra-chave, e as palavras utilizadas nas bases de dados internacionais foram as seguintes: *nurse externship*; e, na base de dados nacional, utilizou-se a palavra-chave "estágio remunerado" com o operador booleano OR e "estágio extracurricular". A busca foi feita no mês de setembro de 2016.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados seguintes: CINAHL - *with Full Text (Cummulative Index to Nursing & Allied Health Literature)*, EMBASE, LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe de Ciências da Saúde), Medline e Scopus.

Foram considerados artigos que abordavam o estágio extracurricular na graduação em enfermagem, sem delimitação de tempo. Os critérios de exclusão utilizados na seleção dos artigos foram os seguintes: artigos publicados antes de 1977, ao considerar que neste ano foi publicada a primeira legislação brasileira sobre estágios; artigos que se repetiam nas bases de dados; os que não atendiam os critérios da pesquisa após a leitura do título e resumo; e, artigos que não estavam disponíveis na íntegra no momento da busca. Dois artigos foram excluídos após a leitura na íntegra por não tratarem de estágio extracurricular para alunos de enfermagem, e sim de cursos de capacitação para enfermeiros. O Quadro 1 mostra o resultado desta pesquisa.

Quadro 1. Resultado da pesquisa em Base de Dados

Base de Dados	Total de estudos encontrados	Estudos disponíveis que atendiam os critérios da pesquisa
Embase	09	01
PubMed	19	08
SCOPUS	08	02
CINAHL	07	00
LILACS	12	04

No Quadro 2 são apresentados os artigos eleitos para a pesquisa, em ordem cronológica decrescente:

Quadro 2. Estudos selecionados

Ano/ Revista/ Autor	Título	Base de dados	País
1989/ Acta Paul Enferm/ Secaf V, Lorencette DAC, Marx LC.	Enfermagem: O estágio extracurricular remunerado.	LILACS	Brasil
1997/ Rev Min Enferm/ Caldeira VP.	Estágio extracurricular em enfermagem: Opção ou obrigação? Uma contradição a ser superada.	LILACS	Brasil
2003/ Clin Res Regul Aff/ Redding DA, Flatley D.	Successful implementation of a student nurse externship program.	EMBASE	USA
2004/ J Nurses Staff Dev/ Stinson S, Wilkinson C.	Creating a successful clinical extern program using a program planning logic model	PubMed	Canadá
2005/ J Nurses Staff Dev/ Cantrell MA, Browne AM, Lupinacci P.	The impact of a nurse externship program on the transition process from graduate to registered nurse. Part I Quantitative findings.	PubMed	USA
2006/ J Nurses Staff Dev/ Cantrell MA, Browne AM, Lupinacci P.	The impact of a nurse externship program on the transition process from graduate to registered nurse. Part III Recruitment and retention effects.	PubMed	USA
2007/ AORN J/ Trice LT, Brandvold C, Bruno E.	Practice and education: partnering to address the perioperative nursing shortage.	PubMed	USA
2008/ J Prof Nurs/ Fenush JK Jr, Hupcey JE.	Investigation of clinical unit choices by graduating baccalaureate nursing students.	PubMed	USA
2012/ Rev Baiana Enferm/ Santos CM, Oliveira SMG.	Estágio extracurricular como complemento das práticas em saúde na graduação.	LILACS	Brasil
2012/ Rev Eletr Enf/ Paiva KC, Martins VLV.	Contribuições do estágio extracurricular para as competências profissionais: percepções de acadêmicos de enfermagem.	LILACS	Brasil
2013/ J Nursing Regul./ Ramirez Y, Zimmerman R, Judson LH.	A student nurse externship program: Academia and service collaboration.	SCOPUS	USA
2013/ J Nurses Prof Dev./ Oja KJ.	Financial, performance, and organization outcomes of a nurse extern program.	SCOPUS	USA
2013/ BMC Med Edu./ Tseng CN, Hsieh CJ, Chen KH, Lou MF.	Comparative study of an externship program versus a corporate-academic cooperation program for enhancing nursing competence of graduating students.	PubMed	China
2014/ J Nurses Prof Dev./ Remle RC, Price RAW, Derrick T, McDowell L, Johnson B.	An 8-week externship program designed for recruitment and retention.	PubMed	USA
2014/ AORN J/ Gregory S, Bolling DR, Langston NF.	Partnerships and new learning models to create the future perioperative nursing workforce.	PubMed	USA

O estudo publicado por Secaf, Lorencette e Marx (1989) descreve uma parte da história da criação do estágio extracurricular no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, na época denominado Hospital Oswaldo Cruz. Os autores relatam que de 1977, ano de criação do programa, até 1988

o Hospital ofereceu estágio para mais de 100 alunos, de acordo com os registros do setor de educação continuada da época, e que, em 1989, do total de 90 enfermeiras do hospital, 44 tinham concluído o estágio extracurricular, o que mostra a valorização do programa pela Instituição.

Caldeira (1997) realizou uma pesquisa qualitativa com alunos do 4º ao 8º período de uma Universidade Federal em Minas Gerais e observou que os alunos têm um certo fascínio pelo estágio extracurricular por ter oportunidade de executar, na prática, as técnicas aprendidas na escola. Para alguns alunos, a busca pelo programa é a aproximação da teoria com a prática e poucos alunos o procuram pelo ganho financeiro que oferece. O autor ressalta as vantagens e desvantagens do programa, a partir da realidade de que algumas instituições que oferecem o estágio extracurricular, permitem que os alunos atuem sem acompanhamento sistematizado do enfermeiro responsável e que trabalhem em diversos períodos, inclusive no período noturno. Mesmo diante desta realidade, acredita que seria ingenuidade proibir esta modalidade de aprimoramento profissional, sendo necessário compreender as motivações que levam os alunos a buscar esta prática e assim, diminuir a lacuna entre a teoria e a prática, possibilitando um saber sistematizado.

Redding e Flatley (2003) descreveram a experiência da criação do programa de estágio extracurricular no *Memorial Medical Center* de Illinois que incluiu as enfermeiras da instituição que participaram de sua estruturação, e consideraram o programa como uma ferramenta de recrutamento utilizada pelos hospitais para atrair futuros enfermeiros. As enfermeiras que se tornaram mentoras dos alunos e mostraram como é “ser enfermeiro”, foram selecionadas de acordo com suas habilidades em prover suporte e apoio ao estagiário, além disso receberam capacitação para apoiarem o seu desenvolvimento. Foi realizado um processo seletivo rigoroso para a seleção dos alunos, com apoio do departamento de Recursos Humanos, e os aprovados vivenciaram o estágio por um período de oito semanas, inicialmente com a possibilidade de período integral, ampliado posteriormente para meio período também. Os autores concluíram que o programa ajudou os estagiários a desenvolver habilidades práticas e mais conhecimento técnico-científico, e os mentores relataram que desenvolveram mais habilidades para identificar necessidades de aprendizagem nos funcionários recém-admitidos. Dos 13 estagiários que realizaram o programa em 2001, sete foram contratados como enfermeiros após a graduação.

Um hospital pediátrico no Canadá, diante da dificuldade de recrutar e reter enfermeiras pediátricas, criou o programa de estágio extracurricular com objetivo de aumentar o recrutamento e a retenção, e facilitar a transição do aluno da escola para o ambiente de trabalho.

O hospital contratou alunos que estivessem, no mínimo, no último ano da faculdade e que tivessem interesse em seguir a carreira de enfermeiro pediátrico na instituição. A descrição de cargo do estagiário foi cuidadosamente planejada, considerando como princípio a segurança do paciente, e foram criados indicadores para apoiar a avaliação do programa. Os alunos relataram que o estágio contribuiu para que cumprissem o papel do enfermeiro no hospital com maior tranquilidade, e se tornassem mais confiantes e desenvolvessem habilidades de comunicação. (Stinson, Wilkinson, 2004)

Cantrell, Browne e Lupinacci (2005) relataram que o programa de estágio extracurricular para alunos de enfermagem foi desenvolvido no final da década de 1970 com o objetivo de recrutar e reter enfermeiros profissionais, e, também, reduzir o impacto da transição do aluno da graduação para a vida profissional. Os autores pesquisaram dois grupos de enfermeiros: os que tinham e os que não tinham participado do programa na instituição. Cada grupo possuía 26 enfermeiros que responderam um questionário com diversas questões que buscavam avaliar o impacto do programa na retenção de enfermeiros. Concluíram que não há diferenças quanto a satisfação profissional entre os dois grupos, e com relação à socialização precoce do enfermeiro são necessárias mais pesquisas com abordagem qualitativa para avaliar este impacto.

A terceira parte do estudo de Cantrell e Browne (2006) permitiu que os autores avaliassem o impacto do programa de estágio extracurricular para alunos de enfermagem, descreve que o *turnover* de profissionais na área da enfermagem é mais alto no primeiro ano de prática profissional e está relacionado com o fenômeno de choque da realidade. Neste estudo, uma outra parte da história é destacada ao abordar que no final dos anos 70, os Estados Unidos vivenciaram uma escassez de profissionais enfermeiros e que a criação do programa de treinamento externo para alunos de enfermagem foi uma estratégia de recrutar e reter enfermeiros nas instituições de saúde. Os pesquisadores acompanharam os grupos por seis anos, e ao compararem o *turnover* entre eles concluíram que, em geral, o programa mostra ser uma boa estratégia de recrutamento e retenção, porém é preciso analisar o *turnover* com cautela, pois o número da amostra é muito pequeno comparado aos dados nacionais.

Ainda sobre a problemática do alto índice de *turnover* em instituições americanas, Trice, Brandvold e Bruno (2007) descreveram que no final dos anos 80 um Centro Médico localizado no norte do estado da Flórida estava com um grande desafio por não conseguir reter enfermeiras recém-contratadas na unidade de cuidados perioperatórios. Diante disso, a instituição iniciou o programa de estágio extracurricular de verão para alunos de enfermagem. Todos os profissionais da unidade de cuidados operatórios participaram do desenvolvimento do

programa, estabelecendo os pré-requisitos para os candidatos. No mês de março de cada ano, visitavam escolas de enfermagem e apresentavam o programa para os interessados. O critério para participar do processo seletivo era que os alunos tivessem concluído com sucesso o primeiro ano do curso de bacharelado em enfermagem. O programa permitiu que os alunos atuassem em período integral, de modo que pela manhã fossem acompanhados por um enfermeiro preceptor, para aprender sobre o papel do enfermeiro em uma unidade de cuidados perioperatórios, e à tarde participassem de estudos didáticos. Como resultado, em 13 anos do programa, 100 alunos concluíram o estágio e destes, 38 foram contratados, e a taxa de retenção durante os dois primeiros anos de contratação foi de 89% e após os três anos 78%. Dentre os vários benefícios identificados no programa, Trice, Brandvold e Bruno (2007) observaram o impacto positivo para os funcionários e médicos, pois criou um ambiente novo na instituição, focando menos na tarefa e mais na educação.

Fenush e Hupcey (2008) publicaram um estudo que tinha como objetivo investigar a escolha da unidade clínica por estudantes de enfermagem e identificar os fatores que influenciaram esta decisão, compreendendo as experiências dos alunos com o sistema de saúde antes do bacharelado, durante os estudos superiores e no programa de estágio extracurricular. Ao analisar os enfermeiros que fizeram o programa de estágio extracurricular e que tiveram uma experiência positiva durante esta vivência, o estudo mostrou que o programa parece influenciar na decisão dos enfermeiros pela escolha da unidade de cuidado com especialidade em clínica médica ou cirúrgica.

Santos e Oliveira (2012) descreveram em sua pesquisa a vivência de uma aluna de enfermagem, bolsista na área de Vigilância Epidemiológica (Núcleo de Epidemiologia Hospitalar), por um período de um ano com carga horária de 20 horas semanais. Os autores observaram que o estágio extracurricular permitiu à aluna uma aproximação maior com a especificidade da área. Além disso, o aprimoramento prático, o despertar de um pensamento crítico sobre o processo de saúde-doença no âmbito do Sistema Único de Saúde, especificamente da epidemiologia hospitalar, de modo que a aluna pudesse contribuir para melhoria destes processos.

Em um estudo descritivo com análise quantitativa, que avaliou 30 estagiários de um hospital público, o objetivo de Paiva e Martins (2012) era descrever e analisar como os acadêmicos de enfermagem percebiam as contribuições *ideais*, aquilo que se deseja e contribuições *reais*, aquilo que é efetivado, do estágio extracurricular para a formação e o desenvolvimento de suas competências profissionais, dada a importância desse tipo de

atividade para a formação acadêmica e profissional do estudante. Os autores concluíram que o estágio extracurricular contribuiu para o desenvolvimento das competências profissionais dos acadêmicos de enfermagem e que são necessárias mais pesquisas sobre este tema, buscando uma melhor compreensão do mesmo.

A Kaiser Permanente, instituição localizada no Sul da Califórnia, EUA, compartilhou sua experiência em instituir o programa de estágio extracurricular no hospital. Os alunos das universidades eram convidados a participar do programa quando estavam no último ano do curso de bacharelado e, por isso, recebiam crédito acadêmico na escola. Ao término do programa esperava-se que o aluno fosse capaz de integrar competências de qualidade e segurança ao planejar e prover cuidados de enfermagem para pacientes, em colaboração com a equipe interdisciplinar e usar um modelo baseado em evidências e autorreflexão para desenvolver julgamento clínico. O estudo conclui que os estagiários foram melhor preparados para a prática e que o estágio trouxe experiências valiosas para a sala de aula. Além disso, houve uma grande parceria entre a academia e a equipe do hospital. (Ramirez, Zimmerman, Judson, 2013)

Um hospital localizado no sudoeste dos Estados Unidos, com 659 leitos, instituiu o programa de estágio extracurricular com o objetivo de capacitar enfermeiras qualificadas e bem preparadas, e avaliou o custo do programa e da orientação de enfermagem, além das taxas de retenção dos novos enfermeiros graduados que realizaram o programa, comparado aos enfermeiros que não participaram. Os dados do estudo permitiram concluir que houve uma redução da quantidade de contratados de 100 para 36, que mostrou uma redução de custo importante. Os alunos que participaram do programa estavam mais preparados para a profissão e os dados refletiram o benefício financeiro para a organização quanto a taxa de retenção e custo da educação das novas enfermeiras que participaram do programa, ratificando seus benefícios (Oja, 2013).

Em 2013, Tseng, Hsieh e Chem realizaram um estudo em Taiwan, China, para comparar o programa de estágio extracurricular com um programa de cooperação empresa-escola, para melhorar as competências dos alunos de graduação em enfermagem, e concluíram que as estratégias do aprimoramento de prática profissional podem ajudar o aluno do último ano da faculdade a atingir competências na profissão e manter uma taxa elevada de retenção. Neste estudo os autores sugerem que as instituições de saúde e a academia precisam estabelecer parcerias para diminuir a distância que existe entre a teoria da sala de aula e a prática do enfermeiro, para facilitar a transição da faculdade para o campo de trabalho.

Com o objetivo de investigar se o programa de preceptoria durante o estágio extracurricular, aumenta a habilidade de autonomia para tomada de decisão e auto-eficácia, Remle et al. (2014) concluíram que a maioria dos alunos aumentam sua autopercepção em atuar e lidar em situações novas ou difíceis, definido como auto-eficácia, porque melhoram a confiança em si mesmos e sentem-se mais preparados para o mercado de trabalho. Neste estudo os autores sugerem a realização de mais pesquisas que permitam avaliar se o programa de estágio extracurricular aumenta a satisfação no trabalho.

Ao observar uma oportunidade de transformar o ensino e aprendizagem dos alunos do curso de graduação em enfermagem no Centro Médico da Virgínia, Estados Unidos, foi estabelecida uma parceria entre a universidade e o hospital, e, em 2005, iniciada a estruturação de um programa de verão de estágio extracurricular no Centro Cirúrgico, com foco no cuidado perioperatório. Os professores mestres da Universidade apoiaram os enfermeiros que seriam os preceptores dos alunos nas atividades diárias de prática clínica. O curso teve a duração de 180 horas e possibilitou aos alunos ganharem 1,5 pontos de crédito na Universidade. Além disso, os alunos aprendiam por meio de simulações realísticas e tinham que desenvolver projeto baseado em evidências com relação ao que observaram na unidade durante o estágio. Este projeto foi apresentado em forma de pôster ou apresentação oral para os funcionários da unidade de cuidados perioperatórios e demais alunos. Esta parceria entre a Escola de Enfermagem e o Serviço de Enfermagem do Hospital resultou em um programa inovador de aprendizagem que apoia a formação de enfermeiros capacitados para o cuidado perioperatório. (Gregory, Bolling, Langston, 2014)

Ao realizar uma reflexão sobre a temática do estágio extracurricular observa-se que a maioria das instituições de saúde destaca o quanto o estágio apoia a retenção de profissionais, de modo que possa ser feita a contratação de enfermeiros melhor preparados, com mais habilidade e conhecimento técnico-científico, além de aproximar a teoria da prática e apoiar o estagiário na decisão por uma especialidade e clínica de atuação. Porém, constata-se que poucos estudos no Brasil apresentam o programa pela perspectiva do estagiário, dando voz às suas experiências e permitindo preencher lacunas na história que não puderam ser conhecidas mediante documentos escritos. Além disso, a maioria das pesquisas é descritiva e nenhuma permitiu produzir conhecimento científico a partir do método da História Oral.

A presente pesquisa permite elucidar uma parte da história do programa de estágio extracurricular de acordo com o olhar dos estagiários, ao conhecer suas motivações, lutas e

desafios enfrentados durante a jornada do estágio e quais são as prováveis contribuições do programa para a formação do enfermeiro.

1.4 PROBLEMA DA PESQUISA

O enfoque da pesquisa e, portanto, sua problemática é a experiência dos alunos de enfermagem que participaram do estágio extracurricular. Ao considerar a limitação temporal do presente estudo, indaga-se: *“Como era o estágio extracurricular naquela época?”* e *“Quais as contribuições do estágio extracurricular para a formação do enfermeiro?”*.

2 OBJETIVOS

2 OBJETIVOS

1. Caracterizar o estágio extracurricular sob a perspectiva dos estagiários;
2. Descrever e analisar as experiências vividas pelos egressos do programa de estágio extracurricular a partir de pressupostos de Pierre Bourdieu.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo é de natureza histórico-social, qualitativa e exploratória, pautado no método da história oral temática.

O método histórico, entre outros, busca narrar as coisas como efetivamente aconteceram, e o historiador decide e reflete sobre fundamentos gerais acerca da natureza histórica, porque sem a teoria não é possível haver o avanço do conhecimento (Aróstegui, 2001).

Para Aróstegui (2001), história é investigação, é buscar o conhecimento de uma realidade vivida, e é designada pelo processo investigativo e também pelo resultado desta investigação como reconstrução, em forma de uma série de afirmações dos historiadores sobre os feitos passados.

A história oral se firmou como disciplina acadêmica no século 19 e desde então tem sido explorada por diversos pesquisadores que possuem profundo interesse em conhecer fatos e acontecimentos (Janotti, 2008).

Matos e Senna (2011) relatam que a história oral é uma prática muito antiga, ligada aos contos populares e ao universo da comunicação humana. Com objetivo de preservar nosso passado, a história oral surgiu de maneira contada, até constituir-se na anotação do depoimento realizado, das impressões registradas e da legislação disciplinada.

A história oral permite a ampliação de possibilidades de interpretação do passado, e mediante as fontes orais o historiador produz as próprias fontes, por meio de entrevistas que são gravadas (Janotti, 2008).

Segundo Alberti (2008), a história oral surgiu no século 20 com a invenção do gravador com fita magnética, usado para gravar entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente, para ouvir seus atores e testemunhas, que, ao contar suas experiências, permitem transformar o que foi vivenciado em linguagem. É uma metodologia que utiliza e se beneficia de ferramentas fornecidas por diversas disciplinas como a Antropologia, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia.

O *Columbia University Oral History Research Office* (Escritório de Pesquisa em História oral da Universidade de Colúmbia) teve início em 1948, e era um programa de história

oral, em Nova York que privilegiava o estudo das elites. Paralelamente surgiam na Europa algumas iniciativas como coleta de relatos de chefes da Resistência Francesa no imediato pós-guerra. No final da década de 1950, o Instituto Nacional de Antropologia do México começou a registrar as recordações dos chefes da Revolução Mexicana. Na década de 1960 teve início a história oral "militante" na qual as minorias ou as classes menos favorecidas registravam a construção de uma história "vvida de baixo" contrapondo a linha de pesquisa sugerida pelo *Columbia History Office*. Em 1975, a história oral chegou ao Brasil onde aconteceu o I Curso Nacional de História Oral, organizado pelo subgrupo de história oral do Grupo de Documentação em Ciências Sociais - GDSCS. Desde então, no Brasil e no mundo, a história oral tem se desenvolvido e consolidado como metodologia e uma fonte histórica importante (Alberti, 2008).

Segundo Luchesi e Lopes (2011), a história oral utiliza entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos e, entre outros, instituições e na qual se estabelece um processo de comunicação entre o entrevistado e o entrevistador, que por meio de um gravador permite ampliar o conhecimento sobre fatos históricos. Além disso, Alberti (2008) reforça que uma única entrevista ou um grupo de entrevistas analisadas e interpretadas é uma fonte importante que necessita de interpretação e análise.

Busca-se, por meio da memória, a reconstrução de um passado, em que memórias individuais e coletivas se confundem, podendo influenciar ou ser influenciadas por um grupo ao qual se pertence (Matos, Senna, 2011).

A história oral é importante para esclarecer um fenômeno e é dividida em várias modalidades. A história oral temática é um método ou técnica de pesquisa que permite compreender a construção de processos de cuidados, da formação, da vida e da comunidade assistida pela enfermagem (Macedo et al., 2014).

Barros (2013) descreve que o pesquisador que utiliza a história oral como método de pesquisa, precisa se preocupar com o tipo de entrevista que será utilizada, bem como a análise dos depoimentos.

O método da história oral temática busca traduzir a expressão e opinião do entrevistado sobre um fato ocorrido, e no presente estudo, as experiências que os egressos de enfermagem de um hospital filantrópico vivenciaram ao realizar o estágio extracurricular. Portanto, quanto às fontes de investigação, o presente estudo é pautado na técnica de história oral temática.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Foram entrevistados egressos de enfermagem, que participaram do programa do estágio extracurricular no Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC) de 1977 a 1997.

Buscou-se no banco de dados do Departamento de Recursos Humanos no HAOC arquivos que remetessem aos profissionais que participaram do programa de estágio extracurricular no período pré-definido nesta pesquisa, porém na falta destes optou-se por uma Amostra Não Probabilística, utilizando a técnica denominada "bola de neve" ou *Snowball Sampling*. De acordo com Baldin e Munhoz (2011), esta técnica permite que o pesquisador escolha os participantes iniciais do estudo e estes indiquem novos participantes que, por sua vez, indicam os próximos e assim sucessivamente, até que se obtenha material suficiente para proceder a análise e responder a pergunta da pesquisa.

Albuquerque (2009) cita que o método de amostragem "bola de neve" permite a utilização de cadeias de redes para recrutamento da pesquisa, e pode ser muito útil em pesquisas qualitativas nas quais um dos objetivos seja o de conhecer a população estudada. Desta forma, no presente estudo foram incluídos os egressos que concluíram o Estágio Extracurricular, que tiveram interesse, voluntariedade e disponibilidade em participar da pesquisa e que residiam na cidade de São Paulo.

3.3 LOCAL DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada no Hospital Alemão Oswaldo Cruz um dos primeiros hospitais em São Paulo a iniciar o programa de estágio extracurricular na área de enfermagem, de 1977 a 1997. Em 1997, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) publicou uma nova norma na Resolução 199/97 e o estágio extracurricular na instituição foi interrompido para adequações, e reiniciado anos depois, permanecendo até os dias atuais (Pires, 2006).

O HAOC foi fundado no final do século XIX por um grupo de imigrantes de língua alemã e, em 2017, completou 120 anos de história. A sede da Instituição fica em São Paulo, em um complexo hospitalar, com mais de 96 mil metros quadrados, e hoje é um dos grandes centros hospitalares da América Latina. É uma associação sem fins lucrativos, classificada como hospital de alta complexidade e possui duas áreas ênfase: oncologia e doenças digestivas (HAOC, 2016).

3.4 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP – EEUSP) e aprovado sob número 1.915.904, e ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (CEP - HAOC), aprovado sob número 1.966.138. Após aprovação a pesquisadora formalizou seu comprometimento mediante aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) aos participantes convidados.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas, mediante um questionário, de forma individual, em horário previamente agendado. As entrevistas foram realizadas somente após aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado em duas vias, e rubricado em todas as suas páginas e assinado pelo convidado a participar da pesquisa, assim como pelo pesquisador.

As entrevistas foram gravadas em suporte digital e transcritas e transcriadas, e pautadas nas questões norteadoras (Anexo 2), aplicadas aos egressos do estágio extracurricular. Foi permitido aos sujeitos discorrerem sobre o assunto, enriquecendo, desta forma, o conteúdo da entrevista.

Os entrevistados foram identificados por nomes de flores, para manter o sigilo.

3.6 COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados consiste em um questionário semiestruturado, que aborda questões que buscam caracterizar os participantes da pesquisa antes da realização da entrevista, na qual a investigadora fez as perguntas norteadoras, como mostra o Apêndice B.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

A premissa é que a análise de dados deve ser: *objetiva* ao possuir regras preestabelecidas e obedecer diretrizes claras para que qualquer investigador possa replicar os procedimentos e obter os mesmos resultados; e, *sistemática* de forma que o conteúdo seja ordenado e integrado nas categorias escolhidas, de acordo com os objetivos e metas já estabelecidos. O presente estudo aplicou a Análise Temática por causa de sua simplicidade e adequação às pesquisas qualitativas (Minayo, 2014).

Para Minayo (2014), *Tema* está ligado à afirmação de um determinado assunto e pode ser apresentado por meio de uma palavra, de uma frase ou de um resumo. A análise temática busca descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação. Para a análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes ao discurso.

De acordo com Minayo (2014), a análise temática possui três etapas, respectivamente:

1ª etapa: Pré-Análise. É a fase da escolha dos documentos que serão analisados, retomando as hipóteses e objetivos da pesquisa. É o momento em que se determina a unidade de registro, a unidade de contexto, os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais.

A fase pré-analítica foi subdividida em: **Leitura Flutuante**, momento em que o pesquisador toma contato direto e intenso com o material de campo; **Constituição do Corpus** que se refere ao universo estudado em sua totalidade, e deve responder a algumas normas de validação qualitativa de uma pesquisa que são a exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; **Formulação e reformulação de Hipóteses e Objetivos**, neste momento valoriza-se o processo exploratório do material, ao manter as indagações iniciais como parâmetro, possibilitando, porém, reformulações de hipóteses e abertura para novas indagações.

2ª etapa: Exploração do Material. Esta etapa tem como objetivo alcançar o núcleo de compreensão do texto, exigindo do pesquisador a busca por categorias que são palavras e expressões significativas que apoiarão a organização do conteúdo de uma fala.

3ª etapa: *Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação.* Etapa em que os resultados brutos são destacados, permitindo ao pesquisador propor inferências e interpretações, tendo como base o quadro teórico pré-estabelecido, e é possível, também, fazer novas interpretações e dimensões teóricas a partir da leitura do material.

4 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO DE
PIERRE BOURDIEU NO CONTEXTO DO
PRESENTE ESTUDO

4 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO DE PIERRE BOURDIEU NO CONTEXTO DO PRESENTE ESTUDO

Ao buscar compreender como era o estágio extracurricular e o quanto ele contribuiu para a formação dos egressos, considerando as posições sociais e os relacionamentos com os diversos atores envolvidos durante a vivência do estágio, o referencial teórico de Pierre Bourdieu é pertinente nesta pesquisa.

Pierre Bourdieu é considerado um dos sociólogos mais importantes do século 20 e possui muitos estudos voltados para a leitura das relações sociais. Nascido em 01 de agosto de 1930, na cidade de Denguin, França, cursou graduação em filosofia em 1954, em 1955 ingressou no serviço militar francês e iniciou suas atividades como professor. Ao se interessar pelo processo de agricultura na Argélia, passou a desenvolver muitos estudos e se tornou um grande sociólogo, em 1964, quando retornou para a França e se tornou aluno do sociólogo Raymond Aron. (Vasconcelos, 2002)

De acordo com Ortiz (1983), existem três aspectos centrais no pensamento de Bourdieu que ajudam a compreender suas obras:

Conhecimento praxiológico - os métodos epistemológicos discutem dois tipos de conhecimento que se contrapõem entre si e são elementos de reflexão, o objetivismo e a fenomenologia. O primeiro constrói as relações objetivas que estruturam as práticas individuais, já o segundo busca a compreensão ingênua da vivência do indivíduo. A este tipo de abordagem do conhecimento que discute a oscilação entre o subjetivismo e o objetivismo, dá-se o nome de conhecimento praxiológico. Para Bourdieu, a ação é considerada como núcleo de significação do mundo, a sociedade existe a partir da intersubjetividade que tem origem na ação primeira do sujeito, e ele pretende com seus estudos ultrapassar o conhecimento objetivista, indo além dos argumentos desenvolvidos pela escola fenomenológica.

A sociologia de Bourdieu aborda as relações de interação que compreende a questão do poder exercido por uma minoria que detém o direito à palavra, sobre outros que escutam e são considerados dominados. Ele considera que o homem constrói sua própria história sem saber e que o conhecimento praxiológico busca superar e conservar o objetivismo e a fenomenologia, encontrando uma mediação entre essas duas ciências do conhecimento.

Noção de *habitus* - Bourdieu retoma o conceito de *habitus* que é a maneira como o indivíduo age de acordo com a sua posição social, não exigindo reflexão nem consciência para

esta ação. É a incorporação de um aprendizado passado e traduz estilos de vida e julgamentos sociais (Vasconcelos, 2002).

De acordo com Bourdieu, o *habitus* é um produto das relações sociais que orienta a ação do indivíduo a partir da interiorização de valores, normas e princípios e os reproduz em seu meio social, assegurando a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade.

Miceli (2007) descreve que todo agente social é dotado de *habitus* que são incorporados ao corpo por experiências passadas, e que, ao analisar uma ação em um determinado contexto social, é preciso observar não só as estratégias utilizadas em busca de objetivos conscientes, mas, também, as estratégias desenvolvidas no campo social sem qualquer intenção manifesta, pois já estão ajustadas espontaneamente ao comportamento do indivíduo.

É possível, portanto, que o programa de estágio extracurricular em enfermagem estabeleça *habitus* que são incorporados pelos alunos e que possam traduzir o jeito de ser do estagiário. Um campo social pode possuir diversos *habitus*, portanto segue o terceiro aspecto central do pensamento de Bourdieu, o conceito de campo.

Conceito de Campo - É um espaço em que agentes sociais ocupam posições fixadas *a priori*, e nas quais ocorre a luta entre indivíduos por interesses específicos de acordo com a área em questão. É o local de ação dos atores em um campo socialmente predeterminado, em que só são reproduzidas ações aceitáveis e permitidas.

No espaço social existem posições justapostas definidas a partir de relações sociais dos indivíduos que se encontram situados em um lugar que pode ser caracterizado pela posição relativa que ocupam em relação a outros lugares e também pela distância que os separa (Miceli, 2007).

Segundo Vasconcelos (2002), o campo é um espaço social de dominação e conflitos, é estruturado e possui regras de organização e hierarquia social que facilita o posicionamento dos indivíduos.

Para Bourdieu o campo não é o resultado das ações individuais de cada indivíduo, é o local onde ocorrem relações de poder e que permite uma distribuição desigual de um *quantum* social que vai determinar a posição que cada um ocupa em um campo específico, e é definido como "capital social". Portanto, quanto mais capital social um indivíduo possui, maiores são as possibilidades de ganho dentro do campo, e é neste momento que se define o conceito de dominantes e dominados, em que o dominante possui maior capital social e conseqüentemente detentor do poder sobre os dominados.

Existem diversos campos na sociedade, por exemplo o campo acadêmico, o econômico, o da alta costura, o jornalístico, o jurídico, dentre tantos outros, e cada um destes campos possui capitais que diferenciam os indivíduos entre si dentro da disputa social.

Cada campo possui bens simbólicos que são consumidos pelos indivíduos de acordo com suas posições sociais, em razão do capital econômico e cultural que possuem. Portanto, o *habitus* que é a incorporação de comportamentos e valores de determinado campo adequa a ação do indivíduo de acordo com sua posição social, permitindo o consumo daquilo que é dito como legítimo pelo campo em questão, sem que se perceba as relações de poder daqueles que dominam os dominados, e, desta forma, manifesta-se um tipo de ascendência simbólica que Bourdieu chama de "violência simbólica".

Miceli (2007) afirma que o capital simbólico permite a dominação sobre os indivíduos sempre que estabelece um padrão a ser conquistado, por exemplo ser reconhecido, obter a glória, honra e reputação. É por meio do *habitus* que a violência simbólica é manifestada em um determinado campo, pois o indivíduo incorpora um comportamento e o reproduz em detrimento dos interesses da classe dominadora. A violência simbólica é uma coerção instituída pelo dominante que não permite ao dominado pensar e questionar essa relação, compreendendo-a como natural, por ter sido incorporada em um determinado campo social.

Ao considerar que o estágio extracurricular pode contribuir na formação do aluno do curso de graduação em enfermagem, preparando-o para um mercado de trabalho, podendo contribuir para a ampliação do seu capital econômico, o referencial teórico de Bourdieu ajuda a compreender o valor atribuído em participar do programa de aprimoramento.

5 RESULTADOS

5 RESULTADOS

O perfil dos egressos do estágio extracurricular foi avaliado para compor o resultado da pesquisa e apoiar a caracterização da população estudada, fornecendo informações relevantes como a característica da instituição de ensino superior na qual os entrevistados se formaram, o processo de educação por meio da busca do aprendizado e as funções que ocuparam ao longo da jornada profissional.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

As entrevistas foram realizadas em dias previamente agendados, conforme a disponibilidade de cada participante, e cada um preencheu espontaneamente um formulário contendo informações sócio demográficas (Apêndice A), após a pesquisadora ter explicado os objetivos da pesquisa e a metodologia.

Foram entrevistados 12 egressos do estágio extracurricular e como não foi possível obter informações no Departamento de Recursos Humanos da Instituição, na qual foram realizados os estágios, a respeito da totalidade deles no período de 1977 a 1997, foi utilizado a metodologia de amostra não probabilística na qual um entrevistado indicou outro colega que também participou do programa, este por sua vez indicou outro e assim sucessivamente até que a pergunta da pesquisa pudesse ser respondida, não sendo necessário realizar novas entrevistas. Desta forma, foram entrevistados egressos dos anos de 1979 a 1993 (Anexo 2).

Cada participante foi identificado com um nome de flor escolhido espontaneamente pelo entrevistado. As identificações são apresentadas na Quadro 3.

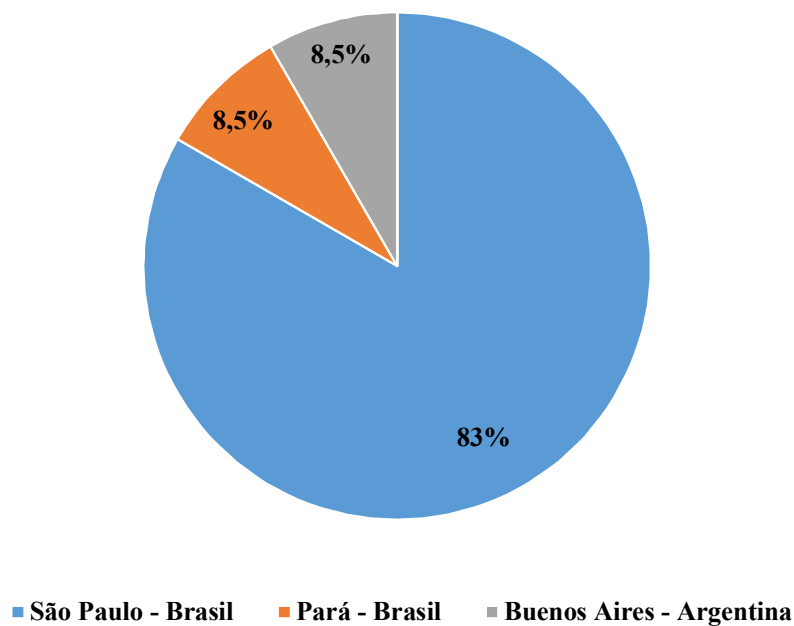
Quadro 3. Identificação dos participantes e ano de início e término do estágio extracurricular

Participante	Identificação	Ano de ingresso no programa de estágio extracurricular	Ano de término do programa de estágio extracurricular
1	Cravo vermelho	1985	1986
2	Girassol	1993	1993
3	Amor perfeito	1988	1989
4	Hortênci	1986	1987
5	Lírio	1982	1983
6	Bromélia	1986	1986
7	Camélia branca	1979	1979
8	Hibisco	1988	1988
9	Flor de lótus	1992	1993
10	Cravo branco	1986	1986
11	Acácia amarela	1990	1990
12	Azaleia rosada	1992	1992

Com relação ao gênero, todos os respondentes eram mulheres 100% (12). Este dado permite uma reflexão sobre o estudo realizado por Costa (2016) que descreve algumas dificuldades dos alunos do gênero masculino a partir da década de 1950, quanto a sua inserção na graduação de enfermagem. Estas dificuldades são descritas como falta de preparo das instituições em receber alunos homens, dificuldade no relacionamento entre alguns docentes em sala de aula e em estágios de Ginecologia e Obstetrícia, voltados à Saúde da Mulher e na falta de modelos a serem seguidos por eles.

Pereira (2008), por outro lado, mostra que a questão de gênero na enfermagem é um ponto crítico, pois discursos sobre a presença de homens no cuidado em saúde são produzidos e passados de geração em geração. Existe uma outra realidade sobre a presença do gênero masculino na enfermagem, demonstrando que a maioria deles exerce cargos de liderança e atua em uma dinâmica de poder entre homens e mulheres.

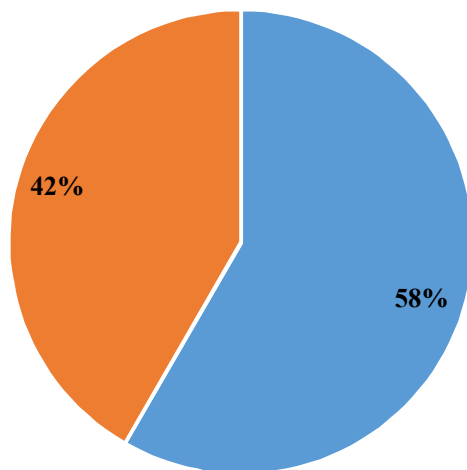
Com relação à procedência dos entrevistados, no Gráfico 1 observa-se que 83% (10) são originários do estado de São Paulo - Brasil, 8,5% (1) do estado do Pará - Brasil e 8,5% (1) do estado de Buenos Aires, Argentina.

Gráfico 1. Naturalidade dos participantes de acordo com o estado e país

Outro dado importante é que 100% (12) dos entrevistados se formaram em escolas públicas.

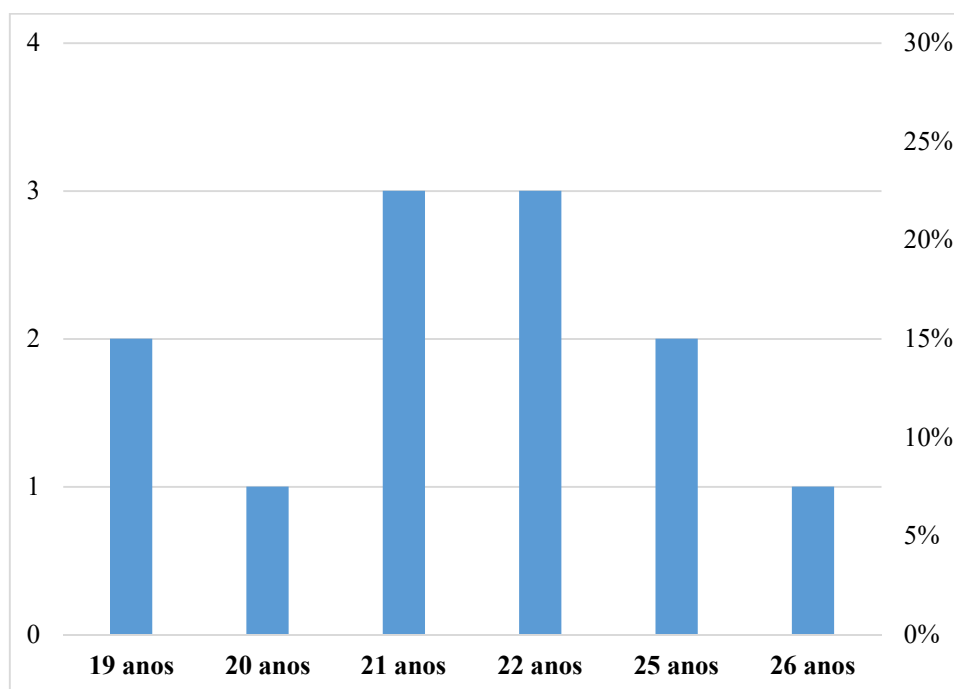
O Gráfico 2 mostra a quantidade de participantes que iniciaram e terminaram o estágio no mesmo ano, 58% (7), e os que iniciaram e terminaram o estágio em anos diferentes, 42% (5), pois era possível ingressar no programa em períodos distintos.

Gráfico 2. Quantidade de participantes de acordo com o ano de início e término do estágio extracurricular



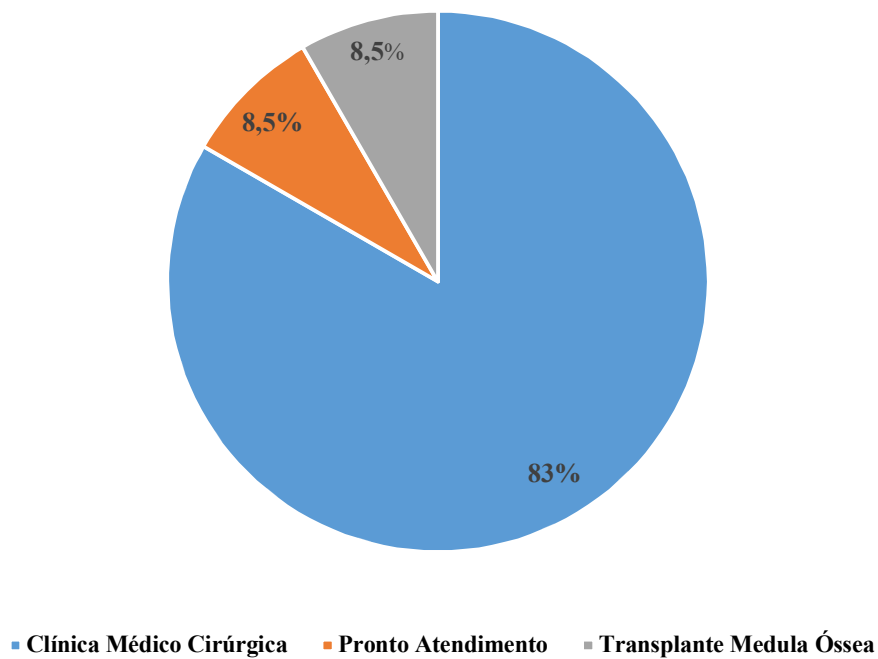
■ Início e fim do estágio no mesmo ano ■ Início e fim do estágio em anos diferentes

No Gráfico 3 observa-se a idade dos entrevistados no momento em que ingressaram no estágio extracurricular, 17% (2) com 19 anos, 8% (1) com 20 anos, 25% (3) com 21 anos, 25% (3) com 22 anos, 17% (2) com 25 anos e 8% (1) com 26 anos.

Gráfico 3. Idade dos entrevistados quando iniciaram o estágio extracurricular

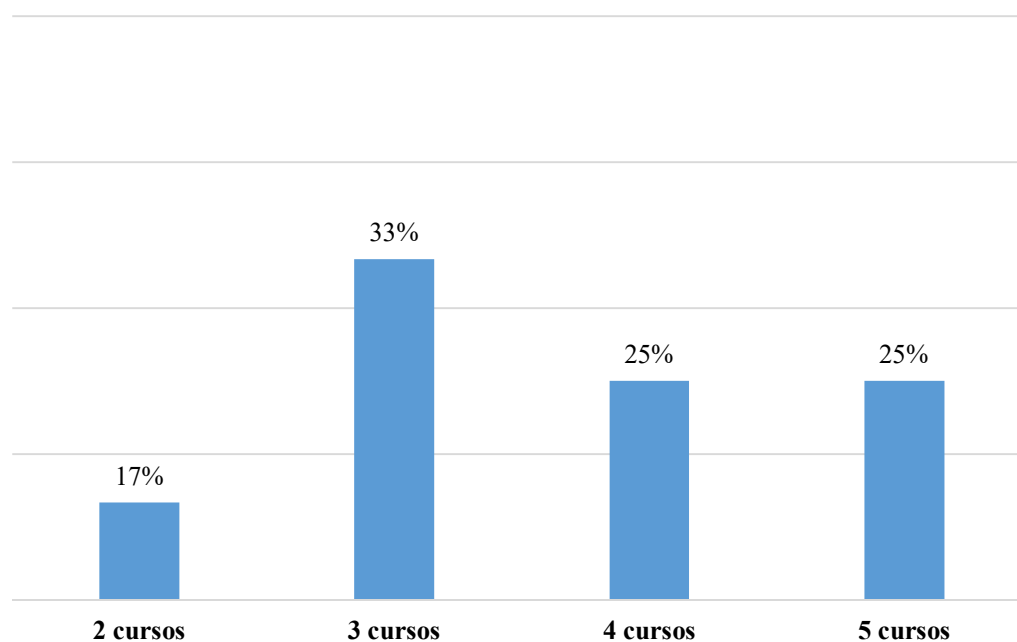
No Gráfico 4 é mostrado o tipo de clínica onde os entrevistados realizaram o estágio. A maioria, 83% (10), atuou na unidade de Clínica Médico Cirúrgica, 8,5% (1) realizou o estágio na unidade de Pronto Atendimento, e 8,5% (1) na unidade de Transplante de Medula Óssea (TMO). Secaf, Lorencette e Max (1989), citam que naquela época não era oportuna a presença do estagiário em unidades mais complexas e com atendimento a pacientes críticos, porém, a entrevistada que realizou o estágio no Pronto Atendimento ingressou no programa em 1992 e a que realizou o estágio no TMO, em 1993. Esses dados permitem concluir que ao longo dos anos algumas premissas com relação à unidade onde o estagiário seria feito, foram modificadas.

Gráfico 4. Característica da unidade hospitalar onde o estágio foi realizado

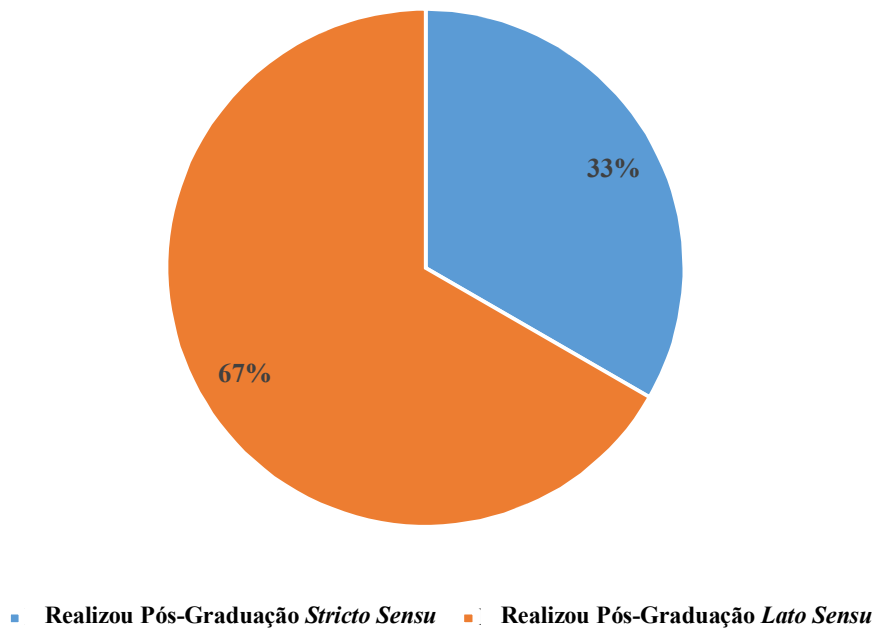


O Gráfico 5 destaca que todos os entrevistados realizaram cursos de pós-graduação após o término do estágio. A maioria, 33% (4), realizou três cursos de pós-graduação, seguida por 25% (3) que realizou quatro cursos, e 25% (3) que realizou cinco cursos e, por último, 17% (2) que realizou somente dois cursos.

Gráfico 5. Quantidade de cursos de pós-graduação realizados após o término do estágio extracurricular

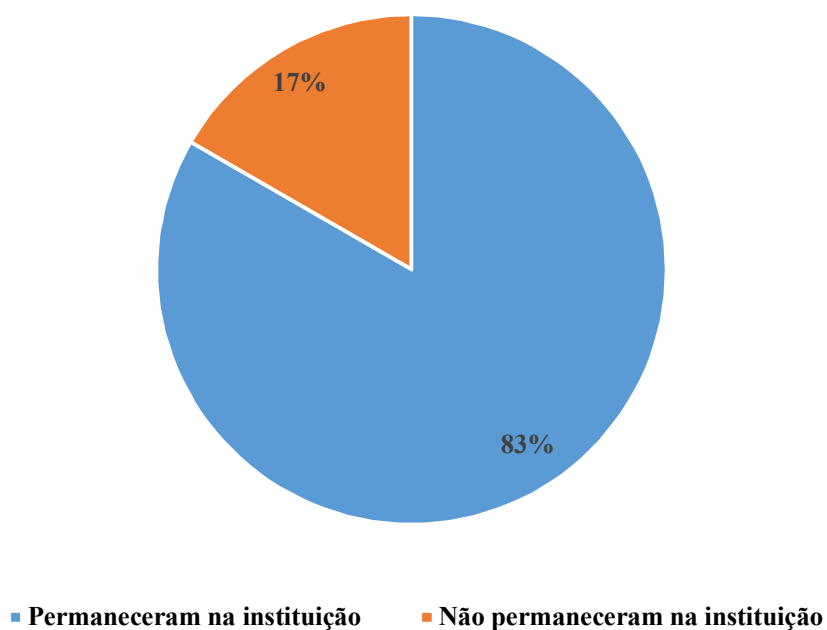


Do total de pós-graduações realizadas a maioria, 67% (8), fez cursos *Lato Sensu* e 33% (4) *Stricto Sensu*, conforme os dados apresentados no Gráfico 6. É importante citar que o primeiro curso de mestrado no Brasil teve início em 1972 na Escola de Enfermagem Anna Nery – Rio de Janeiro, onde formaram-se professoras de universidades do estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1982, foi iniciado o primeiro programa de doutorado em São Paulo como resultado dos esforços dos docentes da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e de Ribeirão Preto. Acreditava-se que, por meio da pós-graduação, era possível trazer inovações, adquirir novos saberes e tecnologias para fortalecer a Enfermagem e a Saúde (Silvan et al., 2013).

Gráfico 6. Quantidade de entrevistados por tipo de Pós-Graduação

Do total de entrevistados, 83% (10) atuaram exclusivamente em instituições privadas, 8,3% (1) atuou em uma instituição pública de ensino e posteriormente foi contratada em uma instituição privada na qual permanece até os dias atuais. Uma das enfermeiras foi contratada em uma instituição privada, atuou na área de Pediatria, e posteriormente foi para outra instituição privada e, anos depois, retornou para a instituição em que havia realizado o estágio e lá permanece até os dias atuais. Uma outra, anos após ter sido contratada na instituição onde realizou o estágio, foi atuar como enfermeira Auditora. Outra, ainda, após ter sido contratada na instituição onde realizou o estágio, lá trabalhou e anos depois abriu seu próprio negócio no qual atua até hoje.

Secaf, Lorencette e Max (1989) relataram que o estágio extracurricular não só permitia o desenvolvimento de competências, como também facilitava a inserção no mercado de trabalho, pois a instituição considera essa experiência importante no momento de contratação de novos colaboradores. Desta forma, observa-se no Gráfico 7 que a maioria dos entrevistados 83% (10) foram contratados pela instituição após o término do estágio e somente 17% (2) não permaneceram na instituição.

Gráfico 7. Total de entrevistados que permaneceu na Instituição após término do estágio

A maioria dos entrevistados, ou seja, 92% (11) adquiriram cargos de gestão ao longo da trajetória profissional, uma delas possui cargo de superintendente, três são gerentes de áreas específicas, uma atua como assessora assistencial, uma possui empresa própria, uma foi gerente de produtos e hoje atua como enfermeira auditora, e cinco atuam como coordenadoras assistenciais. Somente 8% (1) não teve cargo de gestão e hoje atua como enfermeira de Educação Continuada.

5.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

A totalidade das entrevistadas respondeu às perguntas da pesquisa satisfatoriamente. Na Quadro 4, são apresentadas as categorias e subcategorias que surgiram após a leitura sistematizada de todo o material.

Quadro 4. Categorias e subcategorias conforme a fala dos participantes

Categorias	Subcategorias
1. Motivação para o estágio extracurricular: a aquisição de capitais	<ul style="list-style-type: none"> A. Aprimoramento de habilidades técnicas e comportamentais B. Construção de uma identidade profissional C. Busca pela inserção no mercado de trabalho
2. O estágio extracurricular: descrevendo o campo social	<ul style="list-style-type: none"> A. Campo e condições de práticas no estágio extracurricular B. Incorporando competências comportamentais C. A relação com os outros profissionais
3. A percepção do estágio extracurricular para o egresso	<ul style="list-style-type: none"> A. Aspectos positivos da experiência dos egressos B. Vivências "negativas" apontadas pelos egressos do estágio C. Contribuição do estágio extracurricular para a inserção profissional D. Contribuição do estágio extracurricular para a trajetória profissional

Categoria 1 - Motivação para o estágio extracurricular: a aquisição de capitais

Esta categoria retrata os principais motivos que levaram as participantes a procurarem o estágio extracurricular durante a graduação de enfermagem. Além disso, ela reflete alguns conceitos importantes de Pierre Bourdieu, sociólogo selecionado como referencial teórico para esta pesquisa. Foram criadas três subcategorias que emergiram dos discursos das participantes, indicadas e exemplificadas a seguir.

Subcategoria A. Aprimoramento de habilidades técnicas e comportamentais

“A gente tinha a ideia de melhorar os nossos conhecimentos na prática realmente. Porque esperávamos mais alguma coisa em relação aquilo que a gente vinha aprendendo na faculdade. Então a gente queria aplicar aqueles nossos conhecimentos na realidade dentro de um hospital.” (Cravo vermelho)

Subcategoria B. Construção de uma identidade profissional

“[...] Quando eu vi a gerente do hospital, o jeito como ela nos recebeu, o respeito como ela falava com a gente, olhando para gente de verdade, frente às outras enfermeiras que nos recebiam também nas visitas, ela se destacou demais. Eu fiquei com ela na minha mente.” (Lírio)

Subcategoria C. Busca pela inserção no mercado de trabalho

“[...] e fora a oportunidade que a gente tinha de aprendizado, de crescimento e também, buscando lógico na formação, porque a gente sabia que os enfermeiros, os estagiários que aqui estavam muitos eram aproveitados. Então tudo isso fez com que eu tivesse o interesse.” (Amor perfeito)

Categoria 2 - O estágio extracurricular: descrevendo o campo social

Esta categoria descreve, sob o ponto de vista das participantes, como era o estágio extracurricular no período analisado e como este campo social permitia a incorporação de novos *habitus*. Além disso, é possível destacar como era a relação das estagiárias com os membros da equipe multiprofissional da instituição. Compõem essa categoria, as subcategorias apresentadas seguintes:

Subcategoria A. Campo e condições de práticas no estágio extracurricular

“[...] Naquela época (1986 e 1987) você fazia um mês de estágio que se chamava voluntário onde você vinha todos os dias da semana de segunda a sexta, você não recebia nada, nenhum salário e se ao fim daquele mês você tivesse um perfil que fosse desejável para o hospital ou tivesse um aprendizado que correspondesse e tivesse a carinha do hospital, você era aprovado. E eu fui aprovada e comecei a trabalhar nos finais de semana, na verdade eu trabalhava 4 dias por mês, ou sábado ou domingo, plantão de 12h.” (Hortência)

Subcategoria B. Incorporando competências comportamentais

“[...] e participava de todo o restante, tinha sempre uma supervisão de forma que eles iam moldando a gente, e eu observava muito o comportamento delas e não só a parte técnica. Isso me ajudou muito com certeza, para depois desenvolver um pouco daquela coisa da liderança, porque quando você se forma você não é e nem se sente líder, mas só que você vai ter que liderar, você vai trabalhar. Por exemplo, era eu e um auxiliar de enfermagem e de alguma forma você está liderando o trabalho dele, você delega inclusive. Só que quando você é recém-formado, você é extremamente cru, então você tinha que observar muito para poder desenvolver tanto a parte comportamental quanto técnica para poder trabalhar da mesma maneira. Eu aprendi muito observando as pessoas, era a maneira que a gente tinha para aprender [...]” (Cravo branco)

Subcategoria C. A relação com os outros profissionais

“Super boa, eram funcionários bem experientes, com bastante tempo de casa. Eles me acolhiam que nem uma filha: olha você quer ver isso, vem ver. Então o relacionamento sempre foi muito bom, sempre muito parceiros, e eu nunca tive problemas de alguma dificuldade, mesmo com a equipe médica [...]” (Azaleia rosada)

Categoria 3 - A percepção do estágio extracurricular para o egresso

Nesta categoria emergiram diversos significados sobre a percepção que as egressas tinham com relação ao estágio extracurricular. Foi possível identificar que a maioria, embora reconheça as dificuldades enfrentadas durante a experiência, valoriza o aprendizado e a oportunidade de ter vivenciado o dia a dia do enfermeiro. Emergiram quatro subcategorias, as quais desvelaram essas percepções.

Subcategoria A. Aspectos positivos da experiência dos egressos

“Ah eu acho que 99,99% pontos positivos, adquirir segurança, poder aplicar o que nós havíamos aprendido na faculdade na prática, poder conhecer tecnologia que nós praticamente não tínhamos nos estágios, materiais diferentes, por exemplo aquela torneirinha de 3 vias, no meu primeiro dia de estágio a enfermeira me deu com uma seringa e falou: olha você fica mexendo em casa. Eu nunca tinha visto, não tinha, e a questão também da SAE, que nos hospitais públicos nós acabávamos fazendo no nosso papel, mas não aplicar no paciente, pôr um horário, alguém checar. E outra coisa, aquele sonho de ser enfermeira do HAOC. Aprender como que seria ser enfermeira do HAOC, eu acho que isso foi uma das coisas mais importantes [...]” (Hortência)

Subcategoria B. Vivências "negativas" apontadas pelos egressos do estágio

“[...] é uma fase cansativa, isso é mesmo. Ter que levar a graduação e o estágio, é bastante cansativo mesmo, porque você sai daqui quase 22h da noite e final de semana você abre mão de tudo, do descanso. Mas assim, a gente vinha feliz (choro).” (Amor perfeito)

Subcategoria C. Contribuição do estágio extracurricular para a inserção profissional

“Com certeza, não tenho dúvida, porque na verdade eu tive a oportunidade que as pessoas daqui de dentro me percebessem [...]. Eu senti que ela também criou um vínculo e ela me recomendou, a coordenadora também teve a oportunidade de ver meu trabalho, como era meu comportamento, enfim com certeza me ajudaram a ficar no hospital, ainda mais porque era um grupo muito grande de pessoas. Se não tivesse ficado aqui com certeza a parte prática, a vivência que a gente tem com 1 ano de estágio é indescritível, quem não faz esse ano é diferente, eu tenho certeza disso.”

Imagina ter a oportunidade de ficar 12 horas aqui dentro com uma demanda. Eu até cheguei a mandar currículo para outros hospitais e chegaram a me chamar. [...] na época ela (funcionária da educação corporativa) me ligou e falou: presente de papai Noel. Eu tinha que decidir o que queria [...]. Daí eu pensei: acho que eu vou trabalhar um pouco e ver se é isso mesmo que eu quero. E aí eu entrei e nunca mais pensei em sair.” (Azaleia rosada)

Subcategoria D. Contribuição do estágio extracurricular para a trajetória profissional

“Olha talvez o que eu queria falar é que para mim, e eu tenho quase certeza que para as demais pessoas que trabalham aqui, a complementação na formação foi fundamental, fundamental. Eu não seria a mesma enfermeira quando eu me formei no final de 86, eu não seria a mesma pessoa se eu não tivesse feito estágio aqui. Eu não tenho a menor dúvida, eu não seria. Isso contribuiu fortemente e ainda bem que a gente tem estágio até hoje “risos”.” (Cravo branco)

6 DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

Categoria 1 - Motivação para o estágio extracurricular: a aquisição de capitais

De acordo com Bourdieu, o campo social é um espaço de posições sociais, no qual os agentes sociais ocupam tais posições de forma estruturada. O campo social é um local de disputas e de desenvolvimento de estratégias para alcançar alguns objetivos que são postos como troféus. Uma das estratégias que permitem um agente social lutar dentro de um determinado campo é a aquisição daquilo que Bourdieu denomina capital social, o que atribui reconhecimento para quem está atuando dentro de um determinado campo (Miceli, 2007).

A enfermagem é um campo específico dentro da área da saúde, e, de acordo com os participantes desta pesquisa, a busca pelo desenvolvimento de habilidades técnicas para atuarem na profissão era uma das estratégias reconhecidas para alcançarem seus objetivos. O estágio extracurricular foi uma oportunidade de desenvolverem capitais e se prepararem para atuar no campo econômico que seria desbravado após o término da graduação.

Nas subcategorias que se seguem apresentam-se os principais motivos que levaram as participantes a buscarem o estágio extracurricular durante a graduação de enfermagem.

Na subcategoria **Aprimoramento de habilidades técnicas e comportamentais** foi possível observar que as egressas reconheciam a qualidade do conteúdo teórico que recebiam na faculdade, porém tinham uma inquietação quanto a desenvolver habilidades técnicas; portanto, reconhecem o quanto isso era importante para a prática do enfermeiro e o quanto isso traria segurança para a atuação após a formação. O interessante é que foram encontrados discursos semelhantes em entrevistas de duas egressas que participaram do programa em momentos tão distintos, Girassol - 1993 e Lírio - 1982 e 1983:

“Eu queria conhecer um pouco da prática, e já tinha ouvido falar do estágio porque algumas alunas de anos anteriores já tinham feito e eu queria realmente vivenciar a prática, ou seja, colocar em prática aquilo que eu tinha aprendido nos anos anteriores. Esse foi um dos objetivos e eu também tinha medo porque eu fiz no finalzinho do terceiro ano e quarto ano, então eu já estava me formando e eu tinha medo como é que eu ia sair preparada para atuar no mercado.” (Girassol)

“[...] pensar que você em pouco tempo vai ter a responsabilidade de estar cuidando de pessoas com quadros muito diferentes, lidar com suas limitações de conhecimento, de técnica, chefiar equipe. Conduzir inúmeras situações que os estágios curriculares, apesar de na minha época terem sido maravilhosos, me proporcionaram experiências valiosas, eu ainda estava insatisfeita e eu sentia uma certa ansiedade de que o tempo

estava andando e em poucos anos eu estaria formada. Isso é um aspecto que vinha eu diria no meu coração e me deixava preocupada [...].” (Lírio)

No que se refere à formação da enfermeira, Gastaldo e Meyer (1989) apontam elementos críticos, destacam-se os primeiros modelos de ensino em enfermagem. Estes modelos se pautavam em uma forte valorização da postura (*hexis corporal*), moral e rigidez disciplinar dos profissionais em detrimento do conhecimento técnico, e remetiam esta realidade ao padrão de formação Nightingaleano, que tinha como uma de suas metas a mudança da imagem negativa que a enfermagem possuía na época.

Vale recordar que Charles Dickens, escritor da era vitoriana inglesa, retratou a enfermagem de sua época apoiado no personagem fictício de Mrs Sarey Gamp, no romance denominado “*Martin Chuzzlewit*”, para mostrar o despreparo, parca confiabilidade e a negligência no cuidado com os doentes. Em resposta a esse imaginário social da época de Florence Nightingale (1820-1910), é que o seu modelo de formação de enfermeira, especialmente na Escola de Enfermeiras do Hospital Saint Thomas, em Londres (fundada em 1860), buscou reverter essa imagem, por meio da forte disciplina e comportamentos, graças a um rigoroso processo de seleção e treinamento das candidatas ao curso de enfermagem naquela instituição (Oguisso, 2017).

Para Caldeira (1997), o estágio extracurricular passa a ser uma obrigação diante da realidade do ensino curricular que não atende às necessidades do aluno, além disso observou-se que o principal motivo da procura pelo estágio extracurricular é a tentativa de vincular o saber ao fazer, pois existia, segundo alguns relatos, um grande fascínio pela execução de técnicas, evidenciado no discurso de Cravo branco.

“[...] Então eu vejo uma diferença enorme na minha formação a partir do estágio que eu fiz aqui. Muita coisa que eu só via lá como teoria, eu só consegui aplicar aqui, lá eu não tinha nem sequer a oportunidade. Talvez nos meus estágios, não falando ainda do de administração, mas nos estágios práticos se eu tinha passado 2 sondas enterais foi muito, aqui eu passei 10, 15 se não mais. E tinha muita coisa que eu não via lá e via aqui, aqui contribui demais para minha formação, eu não tenho dúvida, mesmo se eu trabalhasse em outro hospital, o grande aprendizado foi aqui.” (Cravo branco)

É interessante observar que a aluna (Cravo branco) percebeu o distanciamento que existia entre a teoria e a prática, que era gerado até mesmo pela ansiedade da aprendizagem e pela busca do complemento do aprendizado, conforme sua fala:

“Para falar a verdade oficialmente eu fiz estágio em 1986, só que em 1985 eu estava no terceiro ano e a minha ansiedade era tanta e eu sabia que era só no quarto ano, mas eu vim aqui conversar com a gerente de enfermagem da época, e ela permitiu que eu ficasse acho que por uns 2 meses ainda quando estava no terceiro ano só observando, então eu fiquei dentro da UTI. Não podia pôr a mão em nada, não podia atrapalhar em nada, eu tinha só que observar. E eu fiz isso durante um tempo até para perder o medo do ambiente, para observar o comportamento das pessoas, e isso me ajudou bastante.” (Cravo branco)

A fala do Amor perfeito, egressa no ano de 1988 e 1989, retrata que as alunas buscavam mais que aprimoramento técnico, havia um encantamento sobre novas tecnologias e materiais, que até então não eram conhecidos nos estágios curriculares.

“[...] eu deixei meu estágio no hospital Beneficência Portuguesa e vim buscar um campo de estágio nesta instituição e quando eu entrei realmente eu vi que foi muito bom, porque desde um butterfly¹ que a gente nunca tinha visto na faculdade, aquilo para mim era uma coisa maravilhosa.” (Amor perfeito)

Referente ao discurso de uma estagiária que afirma ter sido uma das primeiras egressas do programa de estágio extracurricular no ano de 1979, Camélia branca, observa-se uma crítica sobre os modelos dos estágios curriculares, pois ela relata a dificuldade em desenvolver habilidades técnicas diante de turmas com uma grande quantidade de estagiários.

“Na época a gente fazia fundamentos de enfermagem, que é onde a gente tinha a vivência do hospital e às vezes era um paciente para cinco ou seis alunos, então eu comecei a ficar meio que desesperada. A minha natureza é ansiosa e eu falei: gente eu vou sair da faculdade sem saber fazer as coisas, [...] então eu e mais uma amiga começamos a procurar [...] porque a gente identificava que era muito mais importante naquele momento ter a prática. Conhecimento a gente ia pegar os livros e acabar lendo, e isso a gente conseguia adquirir, mas o conhecimento o relacionamento com o paciente, essa vivência mesmo a gente não tinha [...].” (Camélia branca)

O discurso produzido por uma egressa do programa, em 1988, Hibisco, mostra autonomia com relação à própria formação, e o quanto o aluno tinha a consciência de que era preciso buscar mais do que o conteúdo oferecido pela faculdade.

“Aprender a trabalhar como enfermeira porque a faculdade não dava esta formação. A gente tinha muita aula teórica, os estágios não davam tanta base e eu vi que quanto mais eu pudesse aprender em outros lugares eu ia me formar melhor, então eu procurei aprender de outra forma.” (Hibisco)

¹ *Butterfly* também é conhecido por *scalp*, dispositivo utilizado para puncionar acessos venosos. Possui calibres 19G, 21G, 23G, 25G e 27G

Para Caldeira (1997), a realidade do estágio extracurricular mostra o outro lado da vida real da profissão, que permitia ao aluno refletir sobre sua opção profissional, reforçar sua escolha pela enfermagem ou até mesmo desistir dela. O interessante é que esta afirmativa é corroborada pela egressa Bromélia.

“[...] Era para ver se você tinha condições para ficar lá, porque se a enfermeira falasse que você não tinha condições, você tinha 2 opções, ou você prorrogava esse seu estágio de aprendizado, não lembro exatamente qual era o termo que eles utilizavam, aí depois você poderia ser admitido, ou você desistia e ia embora.”
(Bromélia)

Na subcategoria **Construção de uma identidade profissional**, emergem discursos a respeito do que é ser profissional. Nessa direção, é possível verificar que uma das motivações para a realização do estágio extracurricular era a busca da construção de uma identidade profissional. Silva (2015) realizou um estudo com alunos de graduação em enfermagem de uma universidade privada, e sob a óptica do sociólogo Claude Dubar observou que a construção da identidade passa pela compreensão de como a sociedade enxerga e valoriza a profissão.

Redding e Flatley (2003) descreveram que os mentores dos estagiários do programa extracurricular queriam garantir que os alunos focassem em como era ser um enfermeiro, e não somente em desenvolver habilidades técnicas.

Na fala de Lírio, que participou do programa no ano de 1982 a 1983, observa-se que a egressa reconhecia comportamentos inadequados em alguns profissionais enfermeiros durante os estágios da graduação. Ao se deparar com um perfil de liderança diferenciado dentro de uma instituição privada, a egressa destaca “certo processo de encantamento” com o papel do enfermeiro, que de alguma forma apoiava a construção da identidade profissional.

“[...] ela nos cumprimentou (a gerente de enfermagem), nos falou algumas palavras, nos acolheu, agradeceu a visita e eu fiquei absolutamente apaixonada por ela, foi como ver um príncipe encantado para mim. Eu vinha já de estágios no hospital (hospital público) onde as enfermeiras berravam pelos corredores, brigavam com seus funcionários. Era uma época que o comportamento era um misto de muita responsabilidade, muito zelo, mas as vezes, dependendo da pessoa havia estilos de comportamentos que eu olhava e dizia: eu não quero ser isso. O que será que eu vou ser quando me formar, uma professora? Me identificava mais com a professora do que com o pessoal da assistência. E eu me recordo que na época que eu vim visitar o hospital eu estava fazendo estágio em uma unidade do hospital (hospital público), que eu nem vou te dizer para você não rastrear (risos), mas tinha uma enfermeira supercompetente, mas era tão pesada, tinha modos assim muito tensos de lidar no dia a dia. E aquilo gerava em mim uma rejeição interna. Porque você está vendo um profissional que até já tem um cargo importante, em uma instituição importante, então você vê que as regras são aquelas, é assim que o aluno enxerga: então é assim que eu tenho que ser? E aquilo não me agradava.” (Lírio)

Ainda, na fala de Lírio, observa-se uma “enfermagem forte”, que buscava reconhecimento dentro de um campo social cheio de lutas e enfrentamentos.

“[...]o modelo dela (gerente de enfermagem) destoava das outras, entende. Ela era uma referência de ser que eu não tinha, de comportamento que eu não tinha. A enfermagem lutava para conseguir ser boa, não era competente, pode parecer absurdo para você hoje, mas na época que eu me formei na década de 1980 era assim, a enfermeira que era boa era a enfermeira rassuda, era uma guerra [...] eu tenho que confessar para você que foi isso, foi olhar para uma pessoa e pensar “Jesus, meu Deus que mulher, olhar e querer estar perto para aprender, é isso.” (Lírio)

Algumas participantes declararam que apesar destes profissionais não terem recebido estudo e capacitação adequados para atuarem na área da saúde (referindo-se aos atendentes de enfermagem existentes na instituição de saúde, local da realização da presente investigação), eles executavam tarefas com muita destreza e qualidade e contribuíram para a construção da identidade da egressa durante o estágio extracurricular, conforme evidenciado na fala de Camélia branca que participou do estágio no ano de 1979.

“[...] eu aprendi muito e assim eu nunca vou me esquecer de uma atendente que começou com a gente. Era uma pessoa que você olhava para ela e a técnica do curativo, aquilo que a gente aprendia na faculdade e a via fazendo, eu dizia: gente que coisa maravilhosa. Uma pessoa que não teve chance de estudar mas com o passar e a prática da atividade ela fazia daquilo a coisa mais importante e passar para gente que ela fazia aquilo com amor. Para mim isso foi muito importante.” (Camélia branca)

Com relação à subcategoria **Busca pela inserção no mercado de trabalho**, observa-se que a grande maioria das participantes, 83%, foram contratadas pela instituição após a formação e finalização do programa. Estes resultados corroboram com a afirmação de Cantrell e Browne (2006) que descrevem que um dos maiores benefícios do programa de estágio extracurricular é a retenção dos estagiários que passam a compor o time de enfermagem da instituição e demonstram maior preparo para atuarem no mercado de trabalho.

Nesta subcategoria é possível identificar o quanto os participantes reconheciam que o estágio era uma grande oportunidade de se inserir no campo da enfermagem, conforme a fala de Bromélia.

“Na realidade foram dois motivos principais, um é você adquirir mais experiência, e outro é você conseguir uma colocação, porque na época a maioria dos estagiários eram admitidos, então a gente escolhia um hospital de referência que você gostaria de trabalhar para ser estagiária. Tanto que alguns colegas meus foram estagiários em outras instituições e ficaram nessas instituições. Então o motivo era esse, era mais pela questão de ser admitido como profissional, mas também tinha a questão do aprendizado.” (Bromélia)

Apesar da maioria das entrevistadas terem descrito como motivação principal para o estágio extracurricular o desenvolvimento de competências técnicas, também foi possível identificar algumas falas que abordaram os benefícios da remuneração financeira, porquanto os estagiários recebiam por hora de trabalho, conforme evidenciado na fala da Flor de lótus.

“[...] e também a parte financeira porque como a faculdade era período integral a gente não tinha outros recursos, então era uma boa oportunidade porque a remuneração era muito boa e a gente trabalhava de final de semana, tinha o expediente do final da tarde e começo da noite. Então dava para conciliar bem com a faculdade.” (Flor de lótus)

Ao aproximar o referencial de Bourdieu ao objeto do presente estudo, vê-se que dentro do campo social existem dois polos opostos: dominantes e dominados. O primeiro é formado por aqueles que possuem maior capital social e os dominados, por sua vez, não possuem capital social ou possuem uma quantidade infinitamente inferior àquela do dominante. Portanto, em um campo social não existe neutralidade com relação às ações, e a busca pela aquisição de capitais sociais pode ser compreendida como a busca para assegurar a posição de dominador (Ortiz, 1983). Tal assertiva, possibilita dizer que a aquisição de capitais, conferidos pelo estágio extracurricular às egressas da enfermagem, permite a ascensão social até uma posição almejada, que é tornar-se um enfermeiro competente e passar a ser um “dominante” no campo da enfermagem.

Categoria 2 - O estágio extracurricular: descrevendo o campo social

Ao longo das entrevistas foi possível identificar como era a estrutura do estágio na perspectiva das egressas e como elas incorporavam novos aprendizados, sobretudo relacionados ao desenvolvimento de competências comportamentais e nas relações com os profissionais da equipe multidisciplinar. Inserida nessa categoria, a subcategoria **Campo e condições de práticas no estágio extracurricular** descreve como o estágio ocorria na prática, e que no início do programa havia uma parte que tinha como objetivo avaliar o perfil do aluno interessado. Secaf, Lorencette e Max (1989) descreveram que era comum a realização de um estágio extracurricular voluntário por um período de 20 dias úteis, durante as férias da escola de enfermagem. Durante este período os alunos recebiam um treinamento teórico-prático por seis horas diárias. Era realizada uma avaliação específica com instrumento sistematizado, e caso o aluno fosse aprovado, ele era encaminhado para o Departamento de Pessoal para dar sequência

ao ingresso no estágio extracurricular remunerado dentro da instituição. Portanto, nem sempre o período de estágio voluntário acontecia no mesmo ano em que o aluno ingressava no estágio extracurricular remunerado.

Alguns estagiários permaneciam no programa por mais de um ano, conforme foi mostrado na caracterização dos participantes e 58% iniciaram e terminaram o estágio no mesmo ano e 42% iniciaram e terminaram o estágio em anos diferentes. Esta estrutura é comprovada nas falas de Cravo vermelho e Amor perfeito.

“Iniciamos lá pelo final de 1985 com este estágio voluntário, e mediante uma avaliação, acho que eram 15 dias desse estágio voluntário, que a gente fazia depois que nós saíamos da faculdade. Precisava sempre de duplinhas, uma duplinha ficava em um dia e a outra no outro. Então das 16h às 22h tipo eu ficava dividindo com a outra aluna, uma dia vinha eu, um dia vinha ela. A partir daí ficamos aguardando então vaga para o estágio remunerado. Eu estava no terceiro ano de faculdade quando nós fizemos o primeiro voluntário e no último ano, no quarto ano da faculdade que nós iniciamos o processo com o remunerado. Então nós trabalhamos das 16 às 22h [...]” (Cravo vermelho)

“O meu horário de estágio era das 16h às 22h, e a princípio eu era estagiária só de final de semana, então eu vinha todos os finais de semana, sábado e domingo [...] Tinha gente que fazia durante a semana. A gente teve um mês de voluntário, eu fiz em 1988 e fui contratada em 1989, geralmente no mês de férias julho a gente ficava um mês como voluntária e depois disso, indo tudo bem, a gente era contratada como estagiária remunerada.” (Amor perfeito)

Vale destacar, ademais, que o estágio podia ser feito em dias da semana ou nos finais de semana. O aluno podia escolher se queria fazer o estágio em dias alternados para não comprometer a carga horária da faculdade, ou durante o final de semana como mostram as falas de Camélia branca, Bromélia e Azaleia rosada.

“[...] a gente começou o estágio na época (1979) que era a semana toda, trabalhávamos das 16h às 22h e no final de semana a gente revezava, uma dava plantão no sábado e a outra no domingo. Então a gente ia para faculdade, saía da faculdade mais cedo e perdia um período de aula [...]” (Camélia branca)

“[...] Foi em 1986 e eu já estava no último ano da faculdade. Eu não me sentia segura de vim antes não, eu vim só no último ano. Eu fiz 1 mês de estágio nas férias, de segunda a sexta, tinha que ser nas férias senão você não conseguia, eram todos os dias de segunda a sexta, durante 1 mês. A enfermeira, se ela te aprovasse aí você poderia ser admitido para fazer o estágio remunerado que tinham 2 opções para o remunerado, ou você fazia acho que era das 17h às 22h, e depois de sábado e domingo era plantão, tinha esquema de plantão, ou você fazia só estágio de final de semana. Teve uma época que você fazia sábado e domingo 12h, ou você trabalhava ou no sábado ou no domingo. Quem fazia esse horário da tarde também durante a semana, no final de semana era ou sábado ou domingo. Eu fazia só final de semana, sábado e domingo. Trabalhava para caramba, nossa! “risos”.” (Bromélia)

“[...] eu fazia 12h no fim de semana, 1 plantão por semana, todo fim de semana eu dava 1 plantão ou sábado ou domingo. Eram 12h e no decorrer que vai passando o tempo, você vai pegando experiência então a gente prestava todos os cuidados [...] no primeiro mês, agora eu estou lembrando, a gente fazia um estágio não remunerado para conhecer e eram todos os dias porque era janeiro, e a gente já estava de férias. Então fizemos o estágio não remunerado para pegar a dinâmica do setor e depois ficou de final de semana.” (Azaleia rosada)

Outra egressa relata que a inserção gradativa na assistência proporcionava a ela uma oportunidade para poder acompanhar a enfermeira em suas atividades, além de dividir a escala de trabalho com o auxiliar de enfermagem, participando da sistematização do cuidado, conforme ilustra bem a fala de Girassol.

“[...] acho que éramos em torno de 12 estagiárias, a gente ia para uma sala e ela (enfermeira da educação continuada) fez uma integração mesmo. Ela explicou o que era, como se fosse um aluno novo ou um funcionário novo que estava entrando no hospital, então a gente teve toda uma preparação antes. Depois nós fomos distribuídas em seções porque lá eram seções. Então eu fiquei em uma seção [...] e a gente acompanhava o enfermeiro, porque lá você tinha o chefe de seção, tinha o enfermeiro assistencial e eu acho que eram 2 técnicos. E o enfermeiro assistencial dividia as atividades com os técnicos de enfermagem. Então eu acompanhei os técnicos, digo, o enfermeiro assistencial, a gente ia acompanhando tudo que ele ia fazer, se ele estava na assistência então a gente fazia os procedimentos, via como fazia evolução [...].” (Girassol)

A estagiária Hibisco, descreve o acompanhamento que recebia da enfermeira da Educação Continuada da instituição e que foi de fundamental importância na sua formação.

“Eu lembro que o estágio era com uma enfermeira brava da Educação Continuada, ela levava a gente nas unidades. Ela perguntava coisas sobre a medicação e eu não sabia responder e depois ela me ensinava o que era e eu aprendia. Acho que eu fiquei um mês inteiro fazendo nas férias, porque era durante a semana e daí tinha essa pessoa para me ajudar, para acompanhar a gente [...] e aí eu já fui pro fim de semana porque eu vinha trabalhar só fim de semana 12h, porque a faculdade era de manhã e à tarde durante a semana, então eu não podia, e sábado e domingo eu podia. Como era um horário a mais eu tinha que fazer um horário fora do horário da escola, então eu vinha de sábado ou de domingo.” (Hibisco)

Nesse sentido, Redding e Flatley (2003) relatam o quanto o mentor ou preceptor é importante para o programa de estágio extracurricular, pois este tem a responsabilidade de apoiar o aluno na familiarização de um novo ambiente de trabalho que será enfrentado após a graduação.

Na fala de Flor de lótus, referente ao período de 1992 a 1993, é possível observar que em um determinado tempo da história a instituição deixou de exigir o estágio voluntário e passou a selecionar os alunos direto para o estágio remunerado.

“[...] não peguei o voluntário, eu cheguei passei pelo processo seletivo, fiz um período de treinamento e os 2 últimos anos da faculdade foi fazendo o estágio. Entrei no começo do terceiro ano, era obrigatório, eles não recrutavam pessoas no segundo ano [...] eu fazia nos sábados e domingos, jornada de 12h. Muito difícil trabalhar na semana, só quando eu trocava com alguma colega, porque as vagas já eram estabelecidas assim, algumas pessoas faziam o horário intermediário e eu fiquei com o final de semana, porque para mim era mais interessante.” (Flor de lótus)

Sobre a aquisição de competências, expressa na subcategoria **Incorporando competências comportamentais**, os discursos de alguns participantes mostram de modo contundente o quanto o estágio extracurricular contribuía para que as estagiárias incorporassem comportamentos que eram observados nos enfermeiros da instituição, e passavam a reproduzi-los no seu dia a dia. O interessante é que na fala Cravo vermelho é possível observar o reconhecimento de aquisição de um modo de agir próprio que caracterizava o campo da enfermagem. Ainda nessa perspectiva, a sociologia de Bourdieu aborda um conceito muito interessante que busca explicar porque agimos e reproduzimos determinados comportamentos de acordo com o campo social no qual estamos inseridos. Este fenômeno é conhecido por *habitus* que em palavras simples significa o aprendizado que incorporamos ao longo de nossa trajetória. *Habitus* é o processo de interiorização de comportamentos, é um conjunto de disposições que nos leva a agir numa determinada direção sem que haja a necessidade de passar pela consciência do indivíduo. Um ponto importante da definição de *habitus* é que ele surge a partir de um processo de socialização (Ortiz, 1983).

Vale ressaltar o excerto de Cravo vermelho a respeito dessa incorporação de saberes e comportamentos por parte das estagiárias.

“[...] iniciei em uma clínica geral na época, era bem diferente de hoje em relação às especialidades, uma enfermeira maravilhosa que eu falei que eu queria ser igual a ela ”risos”. Recebo meus estagiários como eu fui recebida na época. Ela me ensinou muito, trabalhava junto comigo, me orientando, me ensinando [...] a gente começou a ver o quanto uma enfermeira era importante nesse sentido cientificamente, e isso lógico, nos traz assim uma enorme vontade de também querer ser assim [...] eu acho que a gente só desenvolveu tanto aprendizado, por essa base de estagiário [...] para você estar ali como um enfermeiro recém formado, se você não tem essa base do estágio de realmente saber o que você tem que fazer, o que priorizar, como dá o cuidado, ficaria bem difícil.” (Cravo vermelho)

As falas, em geral, denotam que o comportamento que era esperado pela instituição era percebido logo no início do estágio. Observa-se que no excerto de Lírio, a estagiária relata o quanto se identificou com o *habitus* da instituição, quanto a aceitação e a admiração pelo modo de ser.

“Nós fomos apresentadas para a equipe e tudo aqui tinha a cara dela (gerente de enfermagem). As pessoas eram respeitosas, as pessoas eram atenciosas, todo mundo dava o seu melhor. Imagina uma instituição onde você consiga isso, isso estava no ar. A instituição era simples, não era assim imponente, mas você pisava e o pessoal ficava te olhando, era como se todo mundo estivesse te esperando. Era assim: todo mundo interessado em tudo e em todos. Era um zelando pelo outro, e a culpa era dela porque ela impunha esse modo de ser.” (Lírio)

A participante Amor perfeito não permaneceu na instituição após o término do estágio, porém ainda assim ela observa que até os dias atuais reproduz um comportamento que foi apreendido e incorporado durante o estágio extracurricular.

“[...] tanto é que hoje quando eu recebo estagiários lá no hospital onde eu trabalho, nossa! eu tenho uma grande preocupação com isso, porque eu acho que a forma com que eu fui recebida, isso marcou muito, então eles estavam preparados para ensinar, para ter paciência, para nossa curiosidade. Às vezes, eu queria perguntar alguma coisa e eles sempre deram liberdade, estavam prontos para ajudar. Quando tinha alguma coisa que eles percebiam que eu não ia fazer, já sentia que tinha alguém ali para me ajudar.” (Amor perfeito)

Ramirez, Zimmerman e Judson (2013) observaram que os alunos do programa de estágio extracurricular se tornavam engajados na cultura da organização, e eles não eram somente considerados como mão de obra, mas também buscavam alinhar a prática com os objetivos da faculdade, muitos destes alunos foram contratados pela instituição após o término do programa.

Cada campo econômico possui um conjunto de regras e comportamentos esperados e que são projetados em seus atores sociais, que podemos chamar de um processo de aculturação. Quando existe a incorporação desta cultura, o colaborador é visto positivamente, pois parece ser óbvio que não haverá contestação, nem desequilíbrios entre os objetivos pessoais e os objetivos da corporação. O discurso de Cravo branco reflete bem esta afirmação.

“[...] Mas eu tinha um perfil também muito de aceitar. Se eu fosse uma pessoa de ficar rebatendo, não aceitar desaforo e não aceitar muita conversa, eu não teria ficado até o fim do estágio, não teria eu tenho certeza. Era um perfil muito passivo, eu aceitava, tolerava e não fazia comentários depois. Eu percebi muitas vezes a maneira como a gente passava algumas situações, se eu fosse falar por exemplo com a gerente, ela ia achar aquilo um absurdo, eu tenho certeza que ia. E eu não levava isso adiante, porque também eu ia me comprometer. Isso não ia mudar em nada minha vida aqui, eu estava aqui para aprender, eu não era funcionária do hospital. Então a gente passava algumas dificuldades, mas eu tolerava bem para conseguir ficar até o fim.” (Cravo branco)

É interessante observar o quanto o *habitus* adquirido ao longo do estágio extracurricular se reproduzia no comportamento das profissionais após a formação e contratação, como enfermeiras. Elas tinham um senso de pertencimento e de admiração pelas competências comportamentais que adquiriram durante a experiência do estágio, pode-se dizer que esse era o “capital cultural incorporado” que permite a sedimentação da relação entre os agentes no campo (Silva, Cerri, 2013). Esta reflexão é feita por Lírio.

“[...] o Oswaldo Cruz ganhou, não me recordo o ano, um destaque na revista Exame. Houve uma pesquisa feita pela revista e saiu como a melhor enfermagem do Brasil [...]. A gente falava para gente mesmo no espelho: “nós somos a melhor enfermagem do Brasil” (risos). E você sabe o que a gente fazia? A gente fazia, a gente cuidava. Isso era a melhor enfermagem do Brasil, você não via enfermeira do Oswaldo Cruz sentada no posto, não via. Era assim, a gente atendia todo mundo, o paciente chegava e a gente já estava ali com a pranchetinha, era a gente que queria estar ali mostrando a unidade, era a gente que queria receber a família, explicar tudo[...]. Via um médico chegando, já pedia para copeira um cafezinho, já pegava as pranchetas dele, tudo em ordem. Já tendo um paciente crítico fazia minha planilha, porque nem era planilha, porque não tinha Excel. A gente fazia na unha, no traço todos os parâmetros para o médico ver o que tinha oscilado, o que não tinha oscilado, sem ninguém pedir.” (Lírio)

Na subcategoria, **na relação com os outros profissionais**, as alunas que participavam do estágio extracurricular percebiam que eram vistas de uma maneira diferente tanto por seus colegas, quanto pelos próprios professores, pois estes reconheciam que elas possuíam maior habilidade e conhecimento com relação aos demais alunos da classe, como se constata nas falas de Hortência e Bromélia.

“[...] ninguém te tratava diferente, mas quando chegava em algum estágio, por exemplo e alguém tinha dificuldade de puncionar alguma veia, elas nos chamavam entendeu? Ou então dizia: “ai olha, você já fez isso no Oswaldo?” e eu dizia: “Ah eu já fiz ou eu sempre faço”. Por exemplo, nós percebíamos diferença muito nos banhos, nós fazíamos os banhos acho que mais rapidamente, o paciente sofria menos porque você não esquecia de levar nada, você já tinha uma metodologia para o paciente porque aprendia aqui no hospital. Mas entre as colegas não existia isso, pelo menos comigo pessoalmente eu nunca percebi.” (Hortência)

“[...] mas o que a gente percebia era que quando tinha as discussões, você tinha muito mais bagagem de aprendizado do que as outras pessoas, porque você escutava falar as coisas e você pensava: nossa já passei por esta situação, já me vi nesta situação, entendeu?. Então não percebia nenhum sentimento deles em relação a gente, mas eu percebia que o nosso aprendizado era maior do que o deles, com certeza [...]” (Bromélia)

Sobre a citação de Hortência e Bromélia, a de serem reconhecidas entre os colegas por realizarem o estágio extracurricular, Bourdieu relata que as pessoas possuem disposições previamente constituídas e adquiridas ao longo de sua vida, e que são ajustadas às exigências

de um determinado campo social. Neste caso, o campo da enfermagem, em busca de reconhecimento e consagração. (Miceli, 2007)

Em alguns discursos é possível constatar que os alunos se tornavam referência para alguns colegas da faculdade, apoiando-os nas eventuais dificuldades que se deparavam durante os estágios curriculares. Essa afirmativa é constatada nas falas de Camélia branca e Acácia amarela.

“[...] engraçado na graduação a gente sente que o pessoal olhava como se você fosse um ET, primeiro porque chegava nos estágios normais a professora já colocava tanto eu quanto a minha colega como líder do grupo. Então a gente meio que fazia gestão daquele grupo, e como a gente já tinha uma vivência, em alguns estágios ficávamos sozinhas. No estágio do hospital Amparo Maternal a própria professora falava: você sabe então fica aí sozinha. [...] então as 6 já trabalhavam, quando a gente chegava no hospital (hospital público) para alguma unidade, o pessoal largava e às vezes a gente ficava até um pouco chateada, porque ficava todo mundo na salinha de café e quem assumia a unidade era a gente. Eles tinham tanta tranquilidade que a gente acabava assumindo.” (Camélia branca)

“[...] ah sempre tem, sempre cria uma questão de Know how dentro do grupo, acaba tendo uma outra postura. Até de conhecimento, de perguntar: e lá como é que você faz, como que é lá. Então você meio que vira uma referência dentro do grupo até para compartilhar o conhecimento, a experiência que você está tendo naquele momento. Muito, muito legal, muito bacana.” (Acácia amarela)

Enquanto algumas das participantes observavam que eram admiradas e valorizadas pela experiência adquirida no estágio extracurricular, uma (Cravo branco) declarou que não percebia nenhum tipo de diferenciação nos relacionamentos, tanto por parte dos professores, quanto pelos colegas de classe.

“[...] Teoricamente não, eu não percebia isso, se tinha felizmente eu nem percebi [...] era uma coisa meio extra mesmo, extra faculdade. Não tinha quase comentário sobre isso, nenhuma fala pública do professor em sala de aula. Eles não perguntavam o que a gente fazia aqui, eu sinceramente não via nenhuma participação dos professores, nenhuma participação da universidade dentro do hospital.” (Cravo branco)

No discurso de Camélia branca, observa-se que os médicos da instituição tinham uma boa aceitação do estagiário e compreendiam a importância de participar deste processo de aprendizado:

“[...] Nessa época os próprios médicos da UTI acabavam dando atividades para gente e assim, SNE e SVD era só a enfermeira que passava, então se tinha esses procedimentos o médico chegava e chamava: “você quer aprender, você quer fazer?” E eu dizia: “quero e eu ia”. Então vamos lá que eu fico do seu lado. Até os médicos sentiam a presença da estagiária e respeitavam a gente. Sabiam que a gente estava lá para aprender e para somar. Eu fazia estágio na semana e a gente revezava no final de semana, sábado eu ficava, domingo a outra colega aí no outro final de semana a gente trocava, ela ficava no sábado e eu no domingo.” (Camélia branca)

O programa de estágio extracurricular pode fornecer valiosas contribuições tanto para os alunos participantes, quanto para os profissionais da instituição. Os gerentes e os mentores de uma instituição americana, acharam a experiência de participar deste processo bastante desafiadora e também gratificante, além de se tornarem mais conscientes sobre o seu papel enquanto facilitadores no processo de transição de novos colaboradores. Eles se sentiram gratos pela oportunidade de capacitarem mais os estagiários (Redding, Flatley, 2003).

Nas próximas falas constata-se a percepção do estagiário sobre a relação com a equipe de enfermagem da unidade. A maioria das participantes tinha a percepção de estar agregando e de realizar uma troca de aprendizados como relata Cravo vermelho.

“Ah foi ótimo, as pessoas fazem sempre o possível para nos ajudar, para orientar. Eu falo bastante da Cida porque era uma pessoa bem fechada, mas uma pessoa que tinha uma facilidade de querer nos ensinar, era uma pessoa que você podia contar. Então vários enfermeiros você podia contar [...] você via a diferença de personalidades e isso era bem bacana porque você começa a entrar em um local onde vai trabalhar com a adversidade, cada um é cada um. Cada um tem um jeito e isso era bem bacana. Acho que em todas as relações que nós tivemos aqui, eu como estagiária sempre fui muito bem recebida, as pessoas sempre procuravam compartilhar com a gente, então eu acho que foi fundamental para nós. Eu me sentia bem acolhida.” (Cravo vermelho)

Além da relação com a equipe de enfermagem, observa-se que, sob o ponto de vista das participantes, os pacientes também reconheciam a estagiária como um membro da equipe de enfermagem, valorizando sua atuação e aprendizado, de acordo com a egressa Hortência.

“[...] naquela época era uma enfermeira que se chamava enfermeira chefe, então ela ficava de manhã e tinha geralmente de 3 a 4 colaboradores [...] e eles sempre faziam questão de apoiar, de proteger e quando eu entrava nos quartos eles falavam: essa é a nossa estagiária, com aquele orgulho sabe. Eu falava ai coitados “risos”, mas eles falavam assim com bastante orgulho, muita receptividade, e porque eles sabiam que futuramente nós podíamos ser as enfermeiras deles. Mas o hospital em si, como não tinha muitos funcionários, menos unidades de internação, então o relacionamento ficava muito fácil porque todo mundo conhecia todo mundo. Todo mundo conhecia os médicos, os médicos conheciam todo mundo e a gente como estagiária acabava entrando neste ritmo, porque nos plantões nós é que acabávamos atendendo os médicos quando a enfermeira não estava [...] a receptividade era muito grande porque eles, na minha percepção, viam você como parte da equipe. Por exemplo, em um natal eu cheguei para dar plantão tinham uns 8 presentes que os pacientes tinham deixado para mim estagiária, porque? porque eu era parte da equipe e isso era bem legal.” (Hortência)

Por vezes, algumas estagiárias tinham o sentimento de estarem sendo utilizadas como mão de obra barata, conforme descrito nas falas de Hibisco e Acácia amarela, porém mesmo assim a oportunidade de aprendizado no campo era superior a esses sentimentos e às

dificuldades que enfrentavam no dia a dia. Bourdieu descreve que no campo social os agentes se apropriam das possibilidades que são oferecidas, em busca de atender seus desejos e expectativas, porém, por sua vez o campo utiliza estes desejos tornando-os submissos diante daquilo que lhes é apresentado (Miceli, 2007).

“Sempre muito boa, quem a gente mais ficava próximo era dos auxiliares, naquela época não tinha técnico, então eles é quem mais ensinavam a gente do que os enfermeiros, na verdade [...] o fato é que eles sempre trataram a gente muito bem, sempre como iguais, sempre ensinando, dando dicas, mesmo com as enfermeiras, elas sabiam que a gente vinha. Eu não tinha claro na época aquela noção de que eu era uma mão de obra barata, agora a gente tem essa noção de que o estagiário é usado como uma mão de obra, um ajudante, mas nunca me senti mal ou usada, pelo contrário, sempre me senti muito agradecida porque eu estava aqui [...].” (Hibisco)

“[...] Porque no começo a primeira sensação que a gente tem como estagiária é que eles acabam usando a nossa mão de obra, mas eu nunca fiquei muito preocupada com isso porque como eu vim para cá para aprender. Então quanto mais eles me dessem mais feliz eu ficava [...]. O enfermeiro que está com a gente também precisa se sentir seguro, porque senão você vira atendedor de campainha, verificador de sinais vitais e higiene íntima. Esses três são aqueles básicos, mas sem eles também não tem como começar. Até para você poder orientar o seu grupo você precisa saber fazer, tem que dar exemplo em atender campainha, verificar sinais vitais, porque senão você fica em um certo descrédito. E a gente vai percebendo isso ao longo do tempo, então a gente não perde nada, só agrega, só ganha.” (Acácia amarela)

Em contrapartida ao relato anterior, é possível constatar que a instituição estava preocupada em formar profissionais capacitados, que analisassem criticamente os problemas que surgiam no dia a dia, tal como descrito no programa do estágio extracurricular da instituição alvo da presente investigação, conforme o discurso de Hortência.

“Naquela época ainda tinha atendente, e eles nos ensinavam muito, [...] para eles era um prazer chegar um aluno, uma pessoa assim que eles podiam ensinar, então eu nunca me senti usada ou uma mão de obra [...] Uma coisa que eu sempre achei bom é que as enfermeiras puxavam para você ter raciocínio clínico, para você entender diagnóstico, fisiologia, farmacologia. Então elas sempre te puxavam para esse lado.” (Hortência)

Nesse sentido, vale destacar que um programa de estágio extracurricular de qualidade possui em suas linhas mestras o desenvolvimento do aluno, estimula o desenvolvimento de materiais educativos para os pacientes, além de facilitar o aprimoramento da comunicação verbal e da capacidade de julgamento clínico (Ramirez, Zimmerman, Judson, 2013).

Outra perspectiva importante dos achados refere-se ao fato de que a maioria das participantes expressaram sentimentos de acolhimento com relação à maneira como foram recebidas e acompanhadas pela equipe de enfermagem do setor. No entanto, algumas relataram

que tinham dificuldades em se relacionar com membros da equipe (depoimento de Cravo branco). Além disso, observa-se a preocupação de como seria a realidade após a formação, pois se a estagiária fosse contratada como enfermeira ela poderia ou não ser líder da equipe que lhe ensinou tudo ao longo da experiência do estágio.

“Era muito boa, mas existiam poucos, mas tinham alguns tanto atendentes quanto auxiliares de enfermagem que tinham um certo ciúmes, os mais velhos principalmente. Então eles faziam comentários, às vezes assim: “éh você está aqui aprendendo e daqui a pouco você vai querer mandar em mim”. Tinha um certo mal-estar. Eu não fazia comentário a respeito daquilo, deixava passar. Até porque muito bom foi quando eu me formei, eu ia trabalhar com uma outra equipe, não era a mesma com quem eu estagiei, senão realmente ia ser bastante difícil, porque você ficou o tempo inteiro perguntando e alguém te ensinando e depois você vai teoricamente ser coordenador daquela pessoa, é uma coisa meio diferente. De uma maneira geral era bem aceito, mas alguns atendentes não gostavam muito, mas a grande maioria sim, aceitavam, ensinavam com muita paciência. Os enfermeiros na grande maioria aceitavam muito bem [...].” (Cravo branco)

A fala de Cravo branco é instigante no contexto do estudo, porque de certa maneira é possível ocorrer uma certa confusão da estagiária com relação ao seu escopo de atuação quando se depara com o papel novo que deverá ser desempenhado ao ser contratada como enfermeira (Stinson, Wilkinson, 2004).

Por outro ângulo, percebe-se na fala de Bromélia, certas dificuldades de relacionamento com o enfermeiro que a acompanhou:

“A unidade onde eu fazia estágio era muito boa no sentido de relacionamento com a equipe, estou tirando o enfermeiro, tinha muita cooperação, muito respeito, porque eles percebiam que apesar deles terem o conhecimento prático, eu tinha mais conhecimento teórico, então havia uma troca. [...].” (Bromélia)

No discurso de Lírio, no entanto, é possível identificar o quanto a estagiária precisava mostrar vontade de fazer e aprender para ser aceita pelo grupo. Outro ponto importante é que havia uma percepção de que por volta de 1983 o programa estava sendo aprimorado na instituição, pois ainda não havia uma definição clara de papéis.

“Tinha, principalmente atendentes e eles começavam com receio e quando percebiam que a gente era pau para toda obra [...] quando eles viam que a gente estava com a pior parte, com a mais trabalhosa, fedida, difícil, sabe; aí eles começavam a ver graça na coisa e a gente levava de boa. Novinhas, cheias de ânimos, cheias de alegrias, gratas pela oportunidade. Então quando eles perceberam que ninguém ia puxar o tapete de ninguém [...] eu lembro que tinha muito isso no começo, a gente logo conquistou eles, e com relação a enfermeira no começo também foi um pouco tipo: “o que será que eu vou fazer?, o que será que ela vai me pedir?” Acho que elas pensavam: “o que será que eu vou pedir para ela?” Foi uma construção, foi uma construção.” (Lírio)

Categoria 3 - A percepção do estágio extracurricular para o egresso

Destaca-se a percepção que as estagiárias possuem sobre o programa do estágio extracurricular, pois ao se relacionar, enfrentar desafios, ao observar as oportunidades de cada dia de estágio é possível elaborar uma opinião positiva ou negativa de toda esta experiência.

Teodosio e Padilha (2016) relatam que os ambientes de socialização são fundamentais para o desenvolvimento de uma identidade social resultante da interação do indivíduo com o meio no qual está inserido. Desta forma, a partir desta socialização tem início a criação de uma identidade social.

Na subcategoria **Aspectos positivos da experiência dos egressos**, alguns dos pontos positivos observados pelas estagiárias é que além do aprendizado técnico, do reconhecimento recebido pelos pacientes e da oportunidade de inserção profissional, um dos maiores aprendizados obtidos era observar como era ser enfermeira, contribuindo para esse processo de construção identitária, durante a formação (citação de Girassol). Esse item “identidade” já foi descrito anteriormente como motivação para a busca do estágio extracurricular.

“Muito positivo, porque eu consegui identificar o papel do enfermeiro. Eu lembro que eu comecei a perceber qual era a minha função, porque até então estava tudo muito solto, a gente não conseguia alinhar com a prática. Por ser uma instituição particular tem uma característica diferente, então a conhecer, a se relacionar com os pacientes de uma maneira diferente e ser reconhecido pelos pacientes também, isso era bem interessante. Algumas técnicas que eu não tive a oportunidade de ver durante o estágio curricular eu consegui no estágio extracurricular. O papel do enfermeiro dentro da equipe foi o que mais me marcou mesmo.” (Girassol)

Aprender o dia a dia do enfermeiro, acompanhar a atuação desse profissional em campo, ao realizar procedimentos técnicos, gerenciar conflitos e desafios da profissão, de alguma maneira mostra que estes pontos se destacam nas falas de algumas estagiárias (Flor de lótus e Cravo branco), como um dos pontos mais positivos desta experiência.

“[...] agora de positivo bastante coisa, na verdade muito da parte prática mesmo o que eu adquiri de conhecimento foi aqui, e também comecei a ver melhor o papel do enfermeiro. Porque os outros campos de estágios eram principalmente em instituições públicas e a gente não conseguiu observar o enfermeiro mesmo neste contexto administrativo assistencial. Aqui era interessante esta proposta, o enfermeiro ainda era, apesar de ser gestor da unidade, ele também era bem assistencial.” (Flor de lótus)

“Quase que eu só consigo ver pontos positivos, eu aprendi a ser enfermeira fortemente aqui. Se eu tivesse me formado e depois ido trabalhar, acho que eu não ia ter a mesma coragem, é coragem mesmo de você assumir os pacientes, assumir uma equipe. É uma coisa complexa de muita responsabilidade. Então eu vejo uma

diferença enorme na minha formação a partir do estágio que eu fiz aqui. [...] E tinha muita coisa que eu não via lá (no estágio curricular) e via aqui, e contribuiu demais para minha formação, eu não tenho dúvida. Mesmo se eu trabalhasse em outro hospital, o grande aprendizado foi aqui.” (Cravo branco)

É possível identificar que algumas falas remetem às dificuldades, que foram enfrentadas pelas estagiárias, mesmo após expressar os pontos positivos da experiência. Nesse sentido, conciliar a faculdade com o estágio é um dos pontos sinalizados como desafiadores, como descreve Cravo vermelho.

“Eu acho que eu só posso dizer que foi positivo, eu não posso nem dizer que foi negativo, eu falo negativo porque era sacrificado, bem sacrificado. Porque você tem uma série de outras coisas para fazer na faculdade, trabalhos, enfim. Mas eu acho que o estágio só veio acrescentar aquilo que eu tinha que fazer na faculdade.” (Cravo vermelho)

Enfrentar um desafio como uma oportunidade de desenvolvimento é o que permite alguns profissionais se destacarem em um determinado campo econômico. Observa-se que no relato de Lírio, embora a estagiária reconheça diversos desafios enfrentados ao longo da experiência, é possível reconhecer uma fala resiliente que apoia o fortalecimento de sua escolha profissional. Algumas ferramentas são importantes para ajudar na superação de momentos desafiadores que surgem ao longo de uma trajetória profissional, tais como saber se relacionar, acreditar na capacidade do outro, fazer escolhas significativas, ser perseverante e flexível. Essas habilidades apoiam o crescimento e desenvolvimento de cada indivíduo, permitindo-o desenvolver sua própria resiliência (Bastos, 2013).

“Não teve nada negativo, nada. Eu acho que cada momento de tensão, stressinho, de bronca, de conflito só me ensinou. Eu não consigo te contar uma passagem que eu não fizesse de novo, porque quando eu via o atendente querendo passar a perna na gente, eu percebia e eu dizia assim: ele está se sentindo ameaçado, eu tenho que tomar mais cuidado. Tenho que fazer ele entender que ele é tão importante quanto eu aqui. Eles pensavam assim: ah eles estão contratando estagiárias para mandar a gente embora. Não foi fácil, não vou dizer que era um mar de rosas e que aqui todo mundo só sorria, não é isso. Mas eu tenho um temperamento que eu não valorizo as coisas banais, então eu tinha o que eu mais queria que era seriedade, era uma enfermagem que queria ser importante, sabe? [...] incrível, ela (gerente de enfermagem) tirou sangue de mim, ela conseguia me dar corda de um jeito que era uma sintonia, era uma simbiose, ela dava corda, ela me falava: “eu quero que você faça isso, você tem que fazer aquilo”, e isso para mim era gás [...].” (Lírio)

As participantes reconhecem fortemente como ponto positivo a oportunidade de obterem mais conhecimento e de se relacionarem com outros membros da equipe multiprofissional, conforme as falas de Amor perfeito, Camélia branca e Azaleia rosada.

“Positivo e acho que fundamental para tudo: crescimento profissional, oportunidade de aprender, e depois tive a oportunidade de ficar na instituição. Eu acho que foi o maior crescimento e a maior oportunidade que eu já tive na vida [...]” (Amor perfeito)

“Olha positivo eu acho que assim, foi um crescimento e foram experiências que foram me dadas que se eu ficasse só com a faculdade, só com a graduação eu não teria metade do conhecimento técnico que eu tive. A experiência, o relacionamento com o paciente foi uma coisa que a gente adquiriu porque quando você é estagiária você tem medo de falar com o paciente, você acha que ele é um monstro, e a gente foi vendo como é que o pessoal daqui lidava com uma facilidade, com uma tranquilidade, muito respeito, muita tranquilidade. Os médicos tinham muito respeito pela gente, então assim eu nunca tive problema com nenhum médico. E a gerente era uma pessoa que desde quando a gente entrou tinha uma coisa muito importante, ela fazia a gente tratar todas as pessoas como senhor e senhora, então do funcionário ser uma auxiliar, um atendente ou um técnico “senhor e senhora”. Essa parte do respeito foi muito importante, uma coisa que eu acho que você carrega pro resto da sua vida.” (Camélia branca)

“[...] foi uma coisa de sacrifício mesmo, mas que valeu muito a pena, porque o conhecimento que a gente desenvolveu e todo o empenho das pessoas tentando te passar [...] Eu fiquei encantada quando eu entrei aqui, eu chegava em casa e falava: “gente todo mundo te cumprimenta”, sabe assim era muito bom esse clima, eu fiquei encantada com isso. [...]” (Azaleia rosada)

Na subcategoria **Vivências 'negativas' apontadas pelos egressos do estágio**, poucas participantes relataram experiências negativas, porém alguns discursos expressam sentimentos valiosos que foram construídos ao longo do estágio. É possível observar que, embora um dos pontos positivos mais destacados pelas egressas foi o aprendizado e a oportunidade de relacionamento com os diversos atores deste campo social, a fala de Cravo branco expressa que alguns enfermeiros tinham um comportamento muito diferente do esperado pela instituição, enquanto líderes de equipe. Bourdieu afirma que em cada campo existem pontos de vista diferentes e concorrentes, conferindo ao mesmo, um lugar de lutas e conflitos entre os agentes sociais, que buscam reconhecimento e glória (Miceli, 2007).

“Ponto negativo que vem na minha cabeça é que algumas coordenadoras eram extremamente rígidas, elas não tinham o mesmo comportamento, elas não gostavam de ter estagiárias, não gostavam. E algumas deixavam isso muito claro. Tinha uma que em momentos de urgência ela me colocava parada na porta e dizia você não pode sair daqui, eu não podia entrar no quarto e ficava do lado de fora. Se fosse outra pessoa talvez tivesse feito o maior escândalo e não ia ter mais estágio para ela fazer. Eu ficava calada, tolerava aquilo e continuava, mas era uma coisa que chegava a ser humilhante. A maioria das coordenadoras dava plantão no final de semana no próprio andar, elas vinham e a gente ficava muito na cola delas, só que algumas não queriam que você tivesse lá. Tinha uma inclusive que na passagem de plantão fazia você ficar fora da sala para atender campainha [...] então esses eram alguns pontos negativos [...]” (Cravo branco)

Contrariamente ao relato anterior de Cravo branco, no discurso de Hortência a egressa expressa um momento de muita emoção ao lembrar que não houve nenhum ponto negativo em sua experiência.

“Ponto negativo para mim, assim vou ser bem honesta: nenhum. Nenhum, porque assim como eu sou hoje e ainda sou, eu era muito feliz naquela época e eu continuo sendo feliz até hoje.” “choro” (Hortência)

Na subcategoria **Contribuição do estágio extracurricular para a inserção profissional**, é possível observar o quanto o estágio extracurricular apoia a transição da escola para a vida profissional, e a partir desta experiência os estagiários se percebem mais confiantes e mais preparados para enfrentar o mercado de trabalho (Remle et al., 2014). Isso é observado nos discursos de Bromélia, Camélia branca e Flor de lótus.

“Eu não sei se eu não tivesse feito o estágio se hoje eu estaria aqui, isso é com certeza absoluta. Eu acho que mesmo que eu não estivesse ficado aqui, o fato de você ter feito um estágio extracurricular e ver como é que é, como que funcionam as coisas, minimizam seu stress na hora de ir para uma outra instituição. Não faz um bicho de sete cabeças [...] porque a realidade na faculdade é completamente diferente, completamente diferente. Então [...] mesmo se eu não tivesse ficado aqui teria me ajudado bastante a ir mais tranquila para outra instituição[...].” (Bromélia)

“Primeiro por conseguir o local de trabalho e eu acho que a maturidade para você assumir tudo que vinha pela frente, porque até um determinado momento eu era estagiária, parceira do auxiliar e do técnico. Passou dezembro e janeiro era a gestora, eu ia trabalhar dando atividades, tendo que fazer escalas, coisas que até uma semana atrás eu estava na escala, eu era contada como uma auxiliar. Então eu acho que essa maturidade, esse desenvolvimento foi graças ao estágio [...].” (Camélia branca)

“Primeiro romper um pouco do medo, porque quando você se forma tem aquela dificuldade de aproximar a teoria da prática e você se sente inseguro, e ao mesmo tempo você sabe que num grupo de técnicos, principalmente antes que não tinha o número de enfermeiros que a gente tem hoje no mercado, teoricamente você já ganhava o papel de líder e sem experiência nenhuma de ser o líder de uma equipe [...] Então quando eu fui procurar meu emprego, meu primeiro emprego foi em uma unidade de pediatria, já por si só a gente fica mais assustada, porque com criança tudo é mais delicado, você precisa de maior habilidade e isso me ajudou bastante porquê de certa forma eu já tinha desenvolvido uma parte desta habilidade. E de relação também, relação com o paciente, relação com o acompanhante.” (Flor de lótus)

As egressas percebiam que a partir da experiência adquirida no estágio extracurricular, elas se sentiam mais capacitadas para enfrentar alguns desafios específicos do campo da enfermagem como cita Cravo vermelho.

“[...] se a gente não tivesse feito o estágio, a gente ia sair muito crua da faculdade, saber organizar o setor, dar os cuidados e como ser enfermeira. Aquilo realmente nos

motivou e nos trouxe uma base de como atuar, então eu acho que sem o estágio ia ser bem difícil.” (Cravo vermelho)

Ao finalizar o curso de graduação se inicia uma fase de angústia e preocupação sobre como será a inserção no campo econômico. Participar de um programa de estágio extracurricular parece diminuir estas preocupações, pois existe uma grande oportunidade de ser contratada pela instituição. Camélia branca retrata bem este aspecto em sua fala.

“Me ajudou muito, primeiro porque eu acho que eu amadureci muito nos 2 anos e meio, com o tempo, com as dificuldades e com os desafios, porque acabei de fazer o estágio e eu já estava empregada, não tinha aquela neurose: nossa eu vou sair e vou ter que ficar 1, 2 meses desempregada, não, eu já tinha emprego, e consegui o emprego e já fui fazer a especialização, não parei. Na época eram 4 anos e daí eu fiz a especialização de 1 ano, aí eu me formei, me casei e começaram os filhos [...].” (Camélia branca)

As alunas eram contratadas pela instituição de acordo com a quantidade de vagas disponíveis, portanto, nem todas eram efetivadas, porém, a experiência adquirida por meio do estágio extracurricular conferia maior segurança no momento de buscar uma oportunidade de trabalho em outra instituição, conforme destacado na fala de Girassol.

“[...] Então lá realmente eu pude levar para minha experiência no meu primeiro emprego. Porque depois eu fui aprovada no Hospital Universitário, e eu já tinha uma noção. [...] e futuramente, depois de 5 anos eu saí de lá e fui para o hospital particular, e quando eu mencionei que eu fiz um estágio extracurricular numa instituição particular como o Oswaldo Cruz, isso foi um diferencial porque durante todo o tempo da entrevista a gerente falava, mas você não tem a experiência de um hospital privado e eu falava, olha mas eu tive contato eu fiz estágio extracurricular numa instituição particular, então eu conheço o perfil de um hospital particular, eu conheço o tipo de pacientes. Isso favoreceu bastante para mim, foi uma coisa muito positiva.” (Girassol)

Ao término do estágio, além da disponibilidade da vaga, outro item importante para a seleção do futuro enfermeiro da instituição era a avaliação da incorporação do *habitus* adquirido ao longo da experiência. Sendo assim, é possível afirmar que ao adquirir o comportamento esperado e o capital cultural próprio do campo, a estagiária aumentava suas chances de ser contratada como enfermeira. Neste sentido, é importante citar que de acordo com Bourdieu o capital simbólico, ou seja, aquilo que o campo apresenta para os agentes como objeto de conquista e reconhecimento, é o que assegura ao campo formas de dominação (Miceli, 2007), conforme destacado na fala de Cravo branco.

“[...] eu lembro claramente quando a gerente de enfermagem me chamou, e ela falou que durante o estágio eu demonstrei que eu era muito de acordo com a filosofia do

hospital. Essa foi a grande questão, e hoje eu penso que eu era muito de acordo com a filosofia do hospital porque eu acatava tudo que me orientavam. Eu aceitava, eu não ficava debatendo, não criava confusão. As pessoas faziam e saiam, não ficavam, então tinha que ter uma postura assim de acatar, aprender e fazer. Mas para mim foi muito mais fácil, eu já conhecia o hospital, então foi uma coisa muito tranquila, foi uma passagem só [...].” (Cravo branco)

Na subcategoria **Contribuição do estágio extracurricular para a trajetória profissional**, observa-se que após concluírem o estágio extracurricular as participantes se sentiam estimuladas a se manterem atualizadas, inscrevendo-se em cursos de pós-graduação. Essa afirmativa é corroborada pelos resultados da caracterização das participantes da pesquisa que mostra que todas realizaram cursos de pós-graduação e 33% realizaram um total de três cursos, após a finalização do estágio.

Uma das participantes (Lírio) abriu seu próprio consultório e atribui o seu sucesso profissional aos aprendizados que adquiriu durante o estágio extracurricular, inclusive o estímulo que recebeu de sua gerente, na época em que atuou na instituição.

“[...] mas se eu parar para pensar ela fez muito mais do que me dar um emprego, o estágio, me trouxe para cá de verdade e eu terminei minha pesquisa aqui. Então se quando eu terminei a minha pesquisa e foi total para mídia, se eu tivesse uma chefe invejosa, que tinha medo da “enfermeirinha” que estava aparecendo aí no jornal e me colocasse em uma gaveta, talvez isso teria me frustrado tanto que eu nem teria feito a minha pós [...]ela valorizou o trabalho, ela falou: “isso aí que a gente tem que fazer”. Se ela não lesse dessa forma e não me desse oportunidade, não me impulsionasse, eu não sei se eu teria hoje um consultório de enfermagem [...].” (Lírio)

Um ponto interessante sobre a contribuição do estágio extracurricular para a trajetória profissional, é o valor atribuído ao programa, conforme o discurso de Lírio.

“O que eu diria para os profissionais que recebem os estagiários é que tenham noção da responsabilidade que é isso para fazê-lo com o devido respeito, [...]o enfermeiro que recebe o estagiário tem que ter a noção que está pegando aquela pedrinha nos últimos momentos de lapidação. Depois ele se mistura na massa e ele vai tocar, se não tiver muita força interior. Então ainda é um momento bacana de contribuir, então eu espero que as pessoas sejam legais por aí com os estagiários (risos).” (Lírio)

De acordo com Bourdieu, o processo de transformação que faz com que alguém se torne um determinado profissional ou agente social em certo campo, é contínuo e prolongado, e tem início desde a infância em que começa o processo complexo de socialização, e se estende ao longo da vida (Miceli, 2007). Neste sentido, o estágio extracurricular pode contribuir para a continuidade da transformação dos estagiários, possibilitando uma projeção social na profissão

de enfermagem, além de proporcionar a obtenção de reconhecimento e de vitórias pré-definidas pelo próprio campo.

7 CONCLUSÃO

7 CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou ampliar o conhecimento a respeito da história do estágio extracurricular em enfermagem, especialmente no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, cenário escolhido, além de caracterizá-lo, sob a óptica de egressas que participaram do programa, no contexto analisado pela pesquisadora.

A partir do referencial teórico de Pierre Bourdieu foi possível desvelar o quanto o estágio extracurricular contribui para que as estagiárias incorporem alguns comportamentos desejados pela instituição, e também identificar lutas e desafios enfrentados dentro deste campo social. Além disso, foi possível conhecer como esta modalidade de ensino possibilita a aquisição de capitais que facilitem a transição entre a faculdade e o início da prática profissional.

Os achados desta pesquisa permitiram, também, caracterizar os sujeitos, de tal forma que foi possível correlacionar alguns resultados e reforçar alguns pontos importantes da discussão. Destarte, dentre os achados principais destaca-se a influência que o estágio extracurricular pode exercer sobre o desenvolvimento de competências comportamentais que são projetadas pela instituição, e que podem definir a obtenção de um dos troféus deste campo social, que é a contratação profissional do estagiário ao término do programa.

Outro ponto importante destacado pelas estagiárias foi a distância que existia entre a formação acadêmica (grade curricular), à época dos estudos de graduação, e o que era vivenciado na prática do estágio, o que mostra que ainda existiam (e existem) muitas oportunidades de revisão do ensino da enfermagem no Brasil. Foi possível observar, também, que em muitos discursos, as egressas relataram a busca pelo desenvolvimento de habilidades técnicas e comportamentais com foco no relacionamento com a equipe multiprofissional, o paciente e as famílias.

Referente à questão do currículo escolar, não se pode deixar de citar Paulo Freire, que formulou as bases de uma educação libertadora, e algumas de suas concepções trazem a perspectiva de construção de um horizonte de possibilidades em busca de uma transformação social. Um conceito importante é que a construção de um pensamento crítico exige que o discurso das instituições escolares reflita a realidade, em que os acontecimentos do mundo, a dinâmica da vida com suas lutas e possibilidades, bem como as experiências dos estudantes, sejam analisados e articulados com os diferentes tipos de conhecimentos (Menezes, Santiago, 2014). Além disso, quando questionadas sobre os pontos positivos e negativos desta

experiência, a grande maioria das egressas relata somente pontos positivos, embora reconheça o esforço e a dificuldade que era conciliar a demanda da faculdade com a demanda do estágio.

A possibilidade de inserção profissional e a influência do estágio extracurricular para a trajetória profissional, são outros pontos que se destacaram nos resultados, pois ficou evidente o quanto o estágio pode facilitar a transição entre a escola e a vida profissional dos alunos de graduação em enfermagem.

Esta pesquisa, embora não tivesse como objetivo avaliar o estágio extracurricular sob a óptica da ética e da legislação, é de extrema importância para o aprofundamento deste tema, pois de acordo com os resultados apresentados, os alunos valorizam e buscam esta oportunidade nas instituições de saúde, como no Hospital Alemão Oswaldo Cruz. O Hospital oferece estágio extracurricular até os dias de hoje e tem aprimorado o programa continuamente, para oferecer aos alunos da graduação em enfermagem um campo de oportunidades e aperfeiçoamento da prática profissional.

Ao finalizar esta pesquisa constata-se a necessidade de outros estudos que busquem ampliar a compreensão da influência do estágio extracurricular na formação dos enfermeiros nos dias atuais, além do impacto que os estagiários podem ter sob o ponto de vista de qualidade e segurança dos serviços brasileiros de saúde.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

Albuquerque EM. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. [Dissertação], Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. 99p.

Alberti V. Fontes históricas. In: Carla Bassanezi Pinsky (Org.). Fontes Orais: História dentro da História. São Paulo: Ed. Contexto, 2008. p.15-202.

Aróstegui J. La investigación histórica: Teoría y método. Barcelona: Ed. Crítica. 2001. p.17-53.

Baldin N, Munhoz EMB. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa *snowball* (bola de neve). Rev Elet Mestr Educ Ambient. 2011;27(6):1517-25.

Barros JA. O campo da história: especialidades e abordagens. 9ª ed. – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. p. 222.

Bastos MA. O conceito de resiliência na perspectiva de enfermagem. Rev Iberoam Educ Invest Enferm. 2013;3(4):61-70.

Bezerra MM, Guerra DR, Guedes MVC. Atendente de enfermagem: Por quê? Até quando? Rev Bras Enferm. 1998;51(1):77-92.

Brasil. Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa, as condições para equiparação das escolas de enfermagem.

Brasil. Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977. Casa Civil. Dispõe sobre es estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º grau e supletivo e dá outras providências.

Brasil. Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008. Casa Civil. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

Caldeira VP. Estágio extracurricular em enfermagem: Opção ou obrigação? Uma contradição a ser superada. REME. Rev Min Enf. 1997;1(1):36-41.

Cantrell MA, Browne AM, Lupinacci P. The impact of a nurse externship program on the transition process from graduate to registered nurse – Part I. Quantitative findings. J Nurses Staff Dev. 2005;21(5):187-95.

Cantrell MA, Browne AM. The impact of a nurse externship program on the transition process from graduate to registered nurse – Part III. Recruitment and retention effects. J Nurses Staff Dev. 2006;21(1):11-4.

Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 245, de 31 de agosto de 2000. Dispõe sobre autorização de Estágio Extracurricular para Estudantes de Enfermagem de Níveis Técnico e de Graduação. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-2452000-revogada-pela-resolucao-cofen-2992005_4285.html. Acesso em: 02 julho 2015.

Costa KS. Homens na Enfermagem: inserção, vivência e trajetória profissional. [Dissertação]; Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. 2016. 196 p.

Fenush JK Jr, Hupcey JE. An investigation of clinical unit choices by graduating baccalaureate-nursing students. *J Prof Nurs*. 2008;24(2):90-5.

Gastaldo DM, Meyer DE. A formação da enfermeira: ênfase na conduta e detrimento do conhecimento. *R. Bras. Enferm*. 1989;42(1, 2, 3/4):7-13.

Gregory S, Bolling DR, Langston NF. Partnerships and new learning models to create the future perioperative nursing workforce. *AORN J*. 2014;99(1):96-105.

Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Relatório de sustentabilidade. São Paulo; 2016.

Janotti ML. Fontes históricas. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). O livro Fontes históricas como fonte. São Paulo: Contexto, 2008. p. 09-22.

Lima MADS. Ensino de enfermagem: retrospectiva, situação atual e perspectivas. *R. Bras. Enfermagem*. Brasília. 1994;47(3):270-7.

Luchesi LB, Lopes GT. História oral. In: Oguisso T, Campos PFS, Freitas GF - organizadores. Pesquisa em história da enfermagem. Barueri, SP: Ed. Manole; 2011. p. 401-56.

Macedo MLAF, Costa MCMDR, Lima SP, Padilha MI, Borenstein MS. História oral temática na pesquisa em enfermagem: estudo bibliométrico. *Cogitare Enferm*. 2014;19(2):384-91.

Matos JS, Senna AK. História oral como fonte: problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande; 2011;2(1):95-108.

Miceli S. tradutor. Pierre Bourdieu: Meditações Pascalianas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2007. 324p.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec; 2014.

Menezes MG, Santiago ME. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. *Pro-Posições*. 2014;25(3):45-62.

Oguisso T. Trajetória Histórica da Enfermagem. São Paulo: Ed. Manole; 2017.

Oja KJ. Financial, performance, and organizational outcomes of a nurse extern program. *J Nurses Prof Dev*. 2013;29(6):290-3.

Ortiz R. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ed. Ática; 1983.

- Paiva KCM, Martins VLV. Contribuições do estágio extracurricular para as competências profissionais: percepções de acadêmicos de enfermagem. *Rev Eletr Enf.* 2012;14(2):384-94.
- Pires RP. Formação de competências na interface estágio extracurricular e início da atuação profissional como enfermeiro. 1ª Ed. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2006.
- Ramirez YI, Zimmerman R, Judson LH. A student nurse externship program: Academia and service collaboration. *J Nurs Regul.* 2013;4(1):39-44.
- Redding DA, Flatley D. Successful implementation of a student nurse externship program. *Clin Res Regul Aff.* 2003;20(4):479-85.
- Remle RC, Wittmann-Price RA, Derrick T, McDowell L, Johnson B. An 8-week externship program designed for recruitment and retention. *J Nurses Prof Dev.* 2014;30(5):E3-7.
- Santos CM, Oliveira SMG. Estágio extracurricular como complemento das práticas em saúde na graduação. *Rev Baiana Enferm.* 2012;26(2):541-6.
- Santos MA. Lutas sociais pela saúde pública no Brasil frente aos desafios contemporâneos. *Rev Katál.* 2013;16(2):233-40.
- Secaf V, Lorencette DAC, Marx LC, Enfermagem: O estágio extracurricular remunerado. *Acta Paulista.* São Paulo. 1989;2(3):79-85.
- Silva JA, Cerri LF. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. *Rev Linhas.* 2013;14(26):171-98.
- Silva TA. Identidade e escolhas profissionais na perspectiva de graduandos de enfermagem. Dissertação de mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. 171 p.
- Stinson S, Wilkinson C. Creating a successful clinical extern program using a program planning logic model. *J Nurses Staff Dev.* 2004;20(3):140-4.
- Teodosio SSC, Padilha MI. “Ser enfermeiro”: escolha profissional e a construção dos processos identitários (anos 1970). *Rev Bras Enferm.* 2016;69(3):428-34.
- Trice LB, Brandvold C, Bruno E. Practice and education: Partnering to address the perioperative nursing shortage. *AORN J.* 2007;86(2):259-64.
- Tseng CN, Hsieh CJ, Chen KH, Lou MF. Comparative study of an externship program versus a corporate-academic cooperation program for enhancing nursing competence of graduating students. *BMC Med Edu.* 2013;13(108):1-9.
- Vasconcelos MD. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. *Educ Soc.* 2002;23(78):77-87.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

- 1) Gênero:
- 2) Naturalidade:
- 3) Faculdade/Universidade onde se formou:
.....
- 4) Ano que cursou o estágio:
- 5) Idade no ano que cursou o estágio:
- 6) Clínica onde vivenciou o estágio na instituição:
.....
- 7) Cursos realizados posteriormente e o ano de conclusão (especialização, pós-graduação):
.....
.....
.....
- 8) Característica das Instituições onde trabalhou (Pública ou Privada), função e por quanto tempo:
.....
.....
.....

APÊNDICE B - PERGUNTAS NORTEADORAS

1) O que motivou você a fazer o estágio extracurricular?

.....

.....

2) Como era o estágio extracurricular na época em que você foi estagiário?

.....

.....

3) Quais foram os pontos positivos e os pontos negativos nesta experiência?

.....

.....

4) Como era a percepção dos seus colegas de classe que não participaram do estágio extracurricular com relação a você?

.....

.....

5) Como era a sua relação com a equipe de enfermagem da unidade onde você estagiou?

.....

6) Você acha que o estágio extracurricular ajudou você na sua inserção profissional? Se sim, de que forma? Se não, por que não?

.....

.....

7) Gostaria de comentar mais alguma coisa?

.....

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Juliana Santos Amaral da Rocha, Aluna de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, venho convidá-lo a participar de uma pesquisa sobre **“Vivências dos alunos de enfermagem egressos do Estágio Extracurricular no período de 1977 a 1997”**. Esta pesquisa tem por objetivos compreender e analisar as vivências e expectativas dos sujeitos que vivenciaram o estágio extracurricular no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, de 1977 a 1997, na perspectiva do referencial teórico de Alfred Schutz.

Para tanto, será realizada entrevista, que deverá ser gravada em dia e horário definidos de acordo com a disponibilidade do colaborador do estudo. Além disso, a entrevista será confidencial e sigilosa, garantindo-se o anonimato e a privacidade dos colaboradores. Estima-se que a sua duração seja de aproximadamente duas horas.

O conteúdo da entrevista será utilizado apenas para a realização do estudo, podendo os resultados serem apresentados em eventos e publicados em revistas científicas. A participação dos colaboradores no estudo será totalmente voluntária, podendo os mesmos deixá-lo a qualquer momento que desejarem, sem quaisquer prejuízos.

A entrevista pode causar desconforto ao participante por recordar vivências do passado. Nesse caso, a pesquisadora demonstrará empatia e aguardará o tempo necessário a fim de que o colaborador decida se continuará ou não participando da pesquisa, respeitando-se assim, o princípio da liberdade e autonomia do mesmo.

Os benefícios prováveis pela participação do colaborador na pesquisa estão presentes no ato de recuperar o passado através de suas memórias e vivências acerca do programa de estágio extracurricular.

A pesquisadora agradece a sua atenção e coloca-se à disposição para quaisquer esclarecimentos ou eventuais dúvidas sobre a pesquisa, antes ou após o seu consentimento. Você poderá contatá-la em qualquer etapa do estudo através do telefone (011) 96088-1898 que estará à disposição por 24hs, ou do e-mail: jupamaral216@hotmail.com e também por meio do endereço Rua João Julião, 331 – Paraíso – São Paulo/SP, CEP – 01323-020.

Caso você tenha alguma dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/EEUSP) – Endereço – Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 – Cerqueira Cesar – São Paulo/SP, CEP – 05403-000, Telefone (011) 3061-8858 e e-mail: cepee@usp.br e Comitê de Ética em Pesquisas do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Rua João Julião 245 bloco A, 1A Norte, Paraíso – CEP: 01323903 – São Paulo – SP – Telefone: 3549.0682 ou 3549.0683– e-mail: cep@haoc.com.br.

Você tem todo tempo necessário para ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e decidir se quer participar deste estudo.

Conforme as normas da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que versa sobre os aspectos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos, o documento será disponibilizado em duas vias, ficando uma delas com o participante.

Li e compreendi os objetivos do estudo, todos os procedimentos que serão realizados, estou ciente dos possíveis riscos e benefícios e, em caso de qualquer dúvida, poderei entrar em contato com a equipe do estudo.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante

Data ___/___/___

ANEXO 2

DEPOIMENTOS DOS EGRESSOS DO PROGRAMA DE ESTÁGIO EXTRACURRICULAR EM ENFERMAGEM

Participante: Cravo Vermelho

A gente tinha a ideia de melhorar os nossos conhecimentos na prática realmente. Porque a gente esperava mais alguma coisa em relação aquilo que a gente vinha aprendendo na faculdade. Então a gente queria aplicar aqueles nossos conhecimentos na realidade de dentro de um hospital.

E eu não vou me lembrar de fato como é que nós ficamos sabendo desse estágio, mas assim, eu, a Sílvia e a Fatima, nós éramos do mesmo grupo na faculdade, mesma turma. E decidimos então por vim no Oswaldo Cruz, não me lembro como ficamos sabendo realmente. Começamos fazendo um estágio voluntário naquela época.

Iniciamos lá pelo final de 1985 com este estágio voluntário e mediante uma avaliação, acho que eram 15 dias desse estágio voluntário que a gente fazia depois que nós saíamos da faculdade. Precisava sempre de duplinhas, uma duplinha ficava em um dia e a outra no outro. Então das 16h às 22h eu ficava dividindo com a Sílvia, um dia vinha eu, um dia vinha a Sílvia. A partir daí ficamos aguardando vaga para o estágio remunerado. Eu estava no terceiro ano de faculdade quando nós fizemos o primeiro voluntário e no último ano, no quarto ano da faculdade que aí nós iniciamos o processo com o remunerado. Então nós trabalhamos das 16h às 22h. Eu iniciei em uma clínica geral na época, era bem diferente de hoje em relação às especialidades, uma enfermeira maravilhosa que eu falei que eu queria ser igual a ela (risos). Recebo meus estagiários como eu fui recebida na época. Ela me ensinou muito, trabalhava junto comigo, me orientando, me ensinando. Ficamos também bastante tempo com os técnicos para ver como era feito, na época nós tínhamos bastante auxiliares. E a gente teve a Cida que ficou anos com a gente, uma pessoa que era auxiliar de enfermagem, mas que tinha muito conhecimento.

Naquela época, diferente de hoje, nós não tínhamos esses treinamentos que nós temos hoje para poder ir para as unidades já sabendo mais ou menos alguma coisa. A enfermeira Eliane fazia reuniões comigo para me orientar em termos de procedimento e como proceder em termos de cuidados. Eu me lembro que na época, depois do primeiro estágio foi a Denise que fez o nosso processo seletivo, e acabou mudando meu setor, e fui para a terceira seção, não me adaptei naquela unidade. Pedi o retorno com a Eliane, e depois que retornei com ela consegui dar sequência no remunerado. O estágio durou todo o quarto ano da faculdade.

Eu fui para uma outra clínica que na época também era geral, era a sexta com a oitava seção, eram 8 leitos e mais os 8 leitos da sexta seção. Então nós tínhamos 32 leitos naquela unidade, igual a terceira seção que também tinha 32 leitos naquela unidade. Eram tudo enfermarias, totalmente diferente. E nessa época nós fazíamos também preparos, todo preparo de cirurgia era feito à noite. Então eu pegava uma boa parte desses preparos de pacientes, eu aprendia muito porque era bem diferente e a gente queria realmente ter o aprendizado, ter a

prática, puncionar veia e isso era uma dificuldade. E cuidar do paciente, a gente fazia assim, não tinha uma divisão como é hoje, a gente não tinha os cuidados integrais, era cuidados integrados onde nós fazíamos sinais vitais, higiene, não era muito focado na questão de medicações do processo que a enfermeira realmente fazia. O foco no nosso estágio era diferente e nós tínhamos limites dentro do aprendizado. Logicamente que com o decorrer do tempo a gente começa a avançar um pouco mais, a gente fazia medicação, fazia procedimento e junto até com a enfermeira. Na época, na sexta seção era a Lina que estava comigo e aprendi bastante até em relação quando ela começou com os curativos de papaína, a gente começou a ver o quanto uma enfermeira era importante nesse sentido cientificamente, e isso lógico, nos traz uma enorme vontade de também querer ser assim. Então acho que no decorrer a gente começou a pensar muito no que eu queria fazer no pós, eu acho que a gente só desenvolveu tanto aprendizado por essa base de estagiário, porque na hora que você sai daqui como estagiário, e na verdade eu fiquei aqui porque passei no processo seletivo, o quanto isso de fato foi importante.

Porque hoje nós temos coordenadores, na época nós não tínhamos. Nós tínhamos enfermeiro referência, mas não era da forma como é hoje. Para você estar ali como um enfermeiro recém-formado, se você não tem essa base do estágio de realmente saber o que você tem que fazer, que priorizar, como dá cuidado, ficaria bem difícil. Na época o nome não era coordenador, era chefe de seção, então o foco era diferente, porque você tinha um enfermeiro que era chefe do setor e depois os outros enfermeiros, aí foi tendo mais enfermeiros na unidade, porque na época se eu não me engano, quando eu entrei nós estávamos em 16 enfermeiros no hospital, era muito pouco em relação ao que é hoje.

Eu acho que eu só posso dizer que foi positivo, eu não posso nem dizer que foi negativo, eu falo negativo porque era sacrificado, bem sacrificado. Porque você tem uma série de outras coisas para fazer na faculdade, trabalhos, enfim, mas eu acho que o estágio só veio acrescentar aquilo que eu tinha que fazer na faculdade. Eu acho que o foco era outro, se você ver hoje, como é hoje e como foi antigamente, eu não vou dizer explorada, mas pouco aproveitada, eu acho que a gente podia ser mais aproveitada diante do estágio que a gente vê hoje. Eu acho que as pessoas vêm pro estágio hoje e Sistematização da Assistência de Enfermagem com outra bagagem, muito maior em relação ao que a gente saía, porém a nossa faculdade antigamente tinha uma outra bagagem diferente da que é hoje.

Eu fazia estágio dia sim dia não das 16h às 22h, eu dividia, era eu a Silvia, a Silvia e eu. Isso era o maior sacrifício, porque não tem carro, final de semana a gente não fazia essas 12 horas, acho que não, não me lembro e não vou lembrar, mas eram dias intercalados. Não tinha no final de semana das 16h às 22h, mas eu não lembro se no final de semana qual horário a gente fazia, mas o ponto positivo era o aprendizado, porque era aquilo que a gente queria aprender para vida. Eu não sabia se eu ia ficar aqui ou se eu ia para outro. Nós participamos até de processo seletivo em outro, mas como nós passamos aqui e fomos chamados, ficamos por aqui e não quis nem saber o resultado (risos). Era nosso sonho de consumo, ficar no Oswaldo Cruz.

Eu não percebia isso, se tinha eu não percebia. Eu acho que a gente não teve esse confronto, tinha outras pessoas que faziam estágio em outros lugares, teve outras até que vieram para cá pós estágio, ou seja, após o término de faculdade, colegas nossas que vieram. A Tânia

enfermeira que era da Endoscopia, não sei se ela ainda está por ai ou se ela saiu, ela também foi da nossa turma. Também tiveram outros enfermeiros que vieram para cá após e também não se adequaram, então eu não conseguia perceber essa diferença, porque nos estágios quando nós fizemos administração a gente ficava muito junto. Era eu Fatima, a Terezinha que também era do nosso grupo, então como nós estávamos sempre no nosso grupo, eu não percebi isso.

Foi ótimo, as pessoas fazem sempre o possível para nos ajudar, para orientar. Eu falo bastante da Cida porque era uma pessoa bem fechada, mas uma pessoa que tinha uma facilidade de querer nos ensinar, era uma pessoa que você podia contar. Então vários enfermeiros você podia contar. Trabalhei com a Adelás no noturno. Então você via a diferença de personalidades e isso era bem bacana porque você começa a entrar em um local onde você vai trabalhar com a adversidade, cada um é cada um. Cada um tem um jeito e isso era bem bacana. Acho que em todas as relações que nós tivemos aqui, eu como estagiária sempre fui muito bem recebida, as pessoas sempre procuravam compartilhar com a gente, então eu acho que foi fundamental para nós. Eu me sentia bem acolhida.

Ele (o estágio) me ajudou em termos de como trabalhar, porque você sai da faculdade, tudo é lindo e maravilhoso e quando você está na realidade, você tem que ver a realidade de cada lugar. E aqui era uma realidade diferente da que você via no outro hospital (hospital público) que era onde a gente fazia estágio. De um local onde nós fizemos estágio de obstetrícia que era um horror, você não tinha agulha, não tinha nada. As pacientes tinham que tomar injeção com uma agulha romba 40x12, uma coisa de louco. Então você sai daquela sua realidade de estágio para vim para uma realidade totalmente diferente, onde as coisas na época, apesar de serem totalmente diferente eram certinhas. Você tinha material, tinha como trabalhar, e isso nos ajuda em como eu vou ser enfermeira. Uma coisa é lá outra coisa é aqui. Como que aquele colaborador que na verdade foi meu par, na época que eu era estagiária, como ele vai ser meu parceiro não estando na mesma posição. E isso eu acho que as enfermeiras me deixaram bem claro, qual era minha posição naquele momento, para eu desligar a chave e ser enfermeira. Então comecei na quarta seção, depois disso sozinha como enfermeira de manhã porque mudou totalmente a característica da quarta seção na época que eu voltei para lá. Eram sete pacientes e trabalhava eu e mais um colaborador que era auxiliar de manhã. Então era uma época totalmente diferente. Nós preparávamos todo material de Centro Cirúrgico na unidade, então eu fazia medicação, eu fazia os cuidados. A gente fazia uma Sistematização da Assistência de Enfermagem bem diferente, não tem nada a ver como é hoje, uma prescrição em caneta verde, trabalhava eu e um colaborador. A gente tinha que tentar dar todo esse cuidado, tinha paciente traqueostomizado, e como a gente já teve uma base de ter ficado 1 ano aqui, isso foi ótimo para gente se desenvolver. Depois eu fui para o noturno, eu, Fatima e Sandra porque a Sandra é da mesma época de entrada aqui no hospital. Eu fiquei na sétima seção como enfermeira, a Fatima na quarta e a Sandra na terceira seção. Então como nós vamos trabalhar, a gente tinha um colaborador à noite com 15 leitos e era assim, a gente tinha que se organizar, saber quais eram nossas atividades. E eu acho que o estágio deu toda essa base para gente ter a postura de enfermeira e saber como proceder. Se a gente não tivesse feito o estágio, a gente ia sair muito crua da faculdade, tentar saber organizar o setor, dar os cuidados e como ser enfermeira. Aquilo realmente nos motivou e nos trouxe uma base de como atuar, então eu acho que sem o estágio ia ser bem difícil. Eu falo sempre para as meninas que entram, porque como eu te falei eu recebo da mesma forma que eu fui recebida e isso é ponto pacífico para mim, e eu sempre coloco para

elas que a oportunidade está aí, cabe a vocês agarrarem ou não. Se vocês vão chegar ao final do estágio com todo aprendizado, porque vocês têm todas as oportunidades. Então vocês vão chegar no final do ano e tudo depende de vocês, porque nós estamos dando todas as ferramentas, toda a base para vocês crescerem aqui dentro e resta saber se vocês querem ou não querem. Então isso é bem importante, é uma mensagem que eu passo e acho bem importante para passar para todos os estagiários, visto que foi assim que eu fui recebida.

O estágio voluntário é como se fosse um processo seletivo, para ver se tinha vaga. Se houvesse vaga, se você passasse. Eram 15 dias que a gente fazia esse estágio e se a gente fosse aprovado nisso, entraria na vaga que tivesse para estágio remunerado. Olha temos vaga para estágio voluntário, tudo bem? Sim, vamos lá eu quero aprender. Aí surge a vaga e na época era bem difícil, se a gente fosse pensar: sai da faculdade correndo, vem para cá, pega ônibus, um monte de ônibus, porque na época imagina, hoje todo mundo tem carro, tinha que pegar ônibus, metrô, saía muito cedo de casa. Principalmente o primeiro ano na USP, era tipo 4h da manhã. Eu me lembro que só tinha aluno da USP.

Foi muito bom, era bem diferente. Acho que hoje está muito mais estruturado, lógico. Eu acho que as pessoas Sistematização da Assistência de Enfermagem com muito mais bagagem para ser enfermeira, muito mais. Lógico que o tipo de paciente que nós tínhamos, hoje é totalmente diferente. Hoje as pessoas estão mais com direitos do que deveres, isso é ponto pacífico, que a gente observa mesmo, então acho que não só a parte prática, porque prática a gente aprende, mas eu acho que a postura do enfermeiro, ele tem realmente que começar a espelhar em alguém e às vezes o espelhar em alguém é que é mais difícil, porque nós temos muitas pessoas novas, temos muitas pessoas mais antigas, mas ele tem que ter alguém em quem ele se espelha, para que ele tenha uma desenvoltura quando ele passar para enfermeiro. Eu acho que isso é importante, muito importante. A gente procura sempre estar trabalhando com os estagiários neste sentido e quando eles estão lá comigo como enfermeiros, aí muda, aí vamos lá, vamos ser o enfermeiro de fato, desliga a chave e vamos. É muito legal esse trilhar dos estagiários.

Participante: Girassol

Eu queria conhecer um pouco da prática, eu já tinha ouvido falar do estágio porque algumas alunas de anos anteriores já tinham feito e eu queria realmente vivenciar a prática, ou seja, colocar em prática aquilo que eu tinha aprendido nos anos anteriores. Esse foi um dos objetivos. Eu também tinha medo porque eu fiz no finalzinho do terceiro ano e quarto ano, então eu já estava me formando e eu tinha medo como é que eu ia sair preparada para atuar no mercado. Esse foi um dos grandes objetivos. Era um hospital de referência, particular, eu tinha feito estágios em hospitais públicos, e eu não tinha a vivência do estágio em um hospital particular. Na época era o único hospital que tinha o estágio extracurricular, tinha a Beneficência Portuguesa. O HAOC era, se não me engano, dois dias durante a semana e a Beneficência Portuguesa era um sábado o dia inteiro. Acho que era isso, na época eu até fiz lá, mas depois eu saí e fiquei só no HAOC.

Eu estava no terceiro ano, nós tivemos toda a parte de integração com a instituição. Foi apresentado pelas enfermeiras da educação continuada que não me recordo o nome, mas eu lembro que elas colocaram a gente, acho que éramos em torno de 12 estagiárias, a gente ia para uma sala, e ela fez uma integração mesmo, explicou o que era como se fosse um aluno novo, um funcionário novo que estava entrando no hospital. Então a gente teve toda uma preparação antes. Depois nós fomos distribuídas em seções, porque lá eram seções. Então eu fiquei em uma seção, na terceira e na sétima seção, se não me engano. E a gente acompanhava o enfermeiro, porque lá você tinha o chefe de seção, tinha o enfermeiro assistencial e eu acho que eram 2 técnicos. O enfermeiro assistencial dividia as atividades com os técnicos de enfermagem. Então eu acompanhei os técnicos, digo, o enfermeiro assistencial. A gente ia acompanhando tudo que ele ia fazer, se ele estava na assistência então a gente fazia os procedimentos, via como fazia evolução. Teve uma época do estágio que a gente começou a dividir, sempre com menos pacientes, mas tinha o enfermeiro que acompanhava, isso foi bem no finalzinho.

Muito positivo, porque eu consegui identificar o papel do enfermeiro, e eu lembro que eu comecei a perceber qual era a minha função, porque até então estava tudo muito solto, a gente não conseguia alinhar com a prática. Por ser uma instituição particular tem uma característica diferente, conhecer, se relacionar com os pacientes de uma maneira diferente e ser reconhecido pelos pacientes também, isso era bem interessante. Algumas técnicas que eu não tive a oportunidade de ver durante o estágio curricular eu consegui no estágio extracurricular, é assim, o papel do enfermeiro dentro da equipe foi o que mais me marcou mesmo. De desvantagem eu não sei, na época acho que eu estava tão interessada (risos) em ver como que era que cansaço eu não tinha. Acho que era tudo muito tranquilo no último ano. Não me recordo de ter tido cansaço não, muito pelo contrário, eu estava motivada, querendo aprender. Aí eu consegui tocar e foi tudo certo, não teve nada que eu me recordo de desvantagem. Era aqui próximo, na Paulista. Então não teve desvantagem não.

Não sei se eu também não olhei para isso, mas eu não lembro de ter tido nenhum tipo de diferenciação. Eu não lembro disso não. Eu acho que não teve. Eu nunca fiz distinção em relação a isso. Para mim era uma atividade que eu estava desenvolvendo, lógico, por interesse próprio. Eu estava pensando na minha capacitação, e eu não tenho recordação nenhuma de ter tido alguma situação relacionada aos colegas. Eu sei que algumas pessoas participaram porque era um processo seletivo, alguns foram aprovados, outros não, mas eu não me lembro de ter tido alguma diferença em relação a isso. No meu grupo em si, porque na faculdade sempre tem um grupo mais próximo, só eu que estava fazendo, e não tive nada não.

Eles (a equipe de enfermagem) eram meu porto seguro (risos), sabe aquela vontade de aprender, aprender, então eu criei isso, porque eu lembro que eu tinha uma grande preocupação de me aliar com aquelas pessoas que sabiam, com aquelas pessoas que tinham uma prática. Tanto é que eu levei essa forma inicial quando eu fui assumir como enfermeira mesmo, eu tinha que ver neles alguém que vai me ajudar a aprender. Então com os técnicos e com as enfermeiras, nossa! Sempre foi uma relação muito boa. Eu acho também que eles estavam abertos para isso, isso foi uma coisa que favoreceu muito. Tanto é que hoje quando eu recebo estagiários lá no hospital onde eu trabalho, nossa! eu tenho uma grande preocupação com isso, porque eu acho que a forma com que eu fui recebida, isso marcou muito. Então eles estavam preparados para ensinar, para ter paciência, para nossa curiosidade. Às vezes eu queria perguntar alguma coisa e eles sempre deram liberdade, estavam prontos para ajudar, e quando tinha alguma coisa que

eles percebiam que eu não ia fazer, já sentia que tinha alguém ali para me ajudar. Então foi muito bom, a relação foi muito boa. Nossa! eu tenho uma recordação muito boa e bacana do Oswaldo Cruz, sobre essa época em que eu precisava realmente aprender a prática.

Bastante, no sentido de saber como que as coisas vão acontecer. Outra coisa, não tinha a presença do professor, isso é uma interessante e boa, quer dizer o professor é necessário naquela fase inicial em que a gente está começando, só que quando chega próximo a gente tem a curiosidade de saber como vai ser sem o professor, e nessa fase a gente não tinha. Então lá realmente eu pude, como eu falei para você, eu pude levar para minha experiência no meu primeiro emprego. Porque depois eu fui aprovada no Hospital Universitário, então eu já tinha uma noção. Também o Hospital Universitário é muito acolhedor, ele tem toda uma preparação para isso, e futuramente, depois com cinco anos que eu sai de lá eu fui para um hospital particular, então quando eu mencionei que eu fiz um estágio extracurricular em uma instituição particular como o Oswaldo Cruz, isso foi um diferencial porque durante todo o tempo da entrevista a gerente falava: mas você não tem a experiência de um hospital privado, e eu falava: olha mas eu tive contato, eu fiz estágio extracurricular numa instituição particular, então eu conheço o perfil de um hospital particular, eu conheço o tipo de pacientes. Isso favoreceu bastante para mim e foi uma coisa muito positiva viu, o Oswaldo Cruz.

Acho que também ficou marcado a harmonia do grupo, eu digo assim sobre a chefia, porque no finalzinho teve a época do final de ano. Sabe aquela coisa de confraternização, então sempre quando eu me lembro do Oswaldo Cruz eu me lembro daquela alegria, daquela festa, daquelas pessoas. Tinha um jardim, era uma coisa bem acolhedora. Lembro da dona Lore também, ela sempre passava por lá para saber como é que estavam as coisas, então tem coisas bem pessoais, de ser humano, de aconchego. É o que eu lembro de lá.

Participante: Amor perfeito

A motivação foi inspirada em alguns colegas que aqui estagiavam, e que tinham um encantamento por trabalhar aqui nesta instituição. Assim, eles gostavam demais de trabalhar aqui, então já era no final da graduação. E neste período, inclusive eu era estagiária da Beneficência Portuguesa, só que lá eles não contratavam como estagiária e sim como técnico de enfermagem, inclusive eu entrei assim no meio do ano do último ano da graduação e aqui os meus colegas já estavam há alguns meses e falavam muito bem da instituição. Então eu deixei meu estágio na Beneficência Portuguesa e vim buscar um campo de estágio nesta instituição e quando eu entrei realmente eu vi que foi muito bom, porque desde um *butterfly* que a gente nunca tinha visto na faculdade, aquilo para mim era uma coisa maravilhosa. E naquela época também tinha umas coisas, uns detalhes aqui dentro da instituição que me encantavam. Por exemplo, no posto tinham uns vasos de flores, que eu acho que era um detalhe que me encantava aqui dentro. E fora a oportunidade que a gente tinha de aprendizado, de crescimento e também buscando lógico a formação, porque a gente sabia que os enfermeiros, os estagiários que aqui estavam muitos eram aproveitados. Então tudo isso fez com que eu tivesse o interesse.

Bom, o meu horário de estágio era das 16h às 22h, e a princípio eu era estagiária só de final de semana, então eu vinha todos os finais de semana, sábado e domingo e não era assim,

a gente não era fixo de um setor, de uma unidade, de uma seção. No começo a gente ficava fixo em um setor, treinava e depois que passava alguns meses a gente começava. Pegava plantão em um setor e terminava em outro, ou então estava em um setor e ia para o outro. Nós éramos mais como apoiadores e o modelo não era tão diferente quanto é hoje, nós éramos treinadas depois acompanhadas e depois a gente assumia sozinha mesmo. Tinha gente que fazia durante a semana.

A gente teve um mês de voluntário, eu fiz em 1988 e fui contratada em 1989. Geralmente no mês de férias em julho a gente ficava um mês como voluntária e depois disso, indo tudo bem, a gente era contratada como estagiária remunerada. O salário era muito bom (risos).

Bom, positivo e acho que fundamental para tudo, crescimento profissional, oportunidade de aprender e depois tive a oportunidade de ficar na instituição, eu acho que foi o maior crescimento e a maior oportunidade que eu já tive na vida. Negativo assim, é uma fase cansativa, isso é mesmo, ter que levar a graduação e o estágio é bastante cansativo mesmo, porque você sai daqui quase 22h da noite e final de semana você abre mão de tudo e do descanso, mas a gente vinha feliz (choro).

Acho que para ser bem sincera, não lembro de ser uma coisa que fazia tanta diferença. Não sei, pode até ser que eles (os colegas da faculdade) olhavam com olhar diferente ou sentiam vontade de também estar, fazer parte. Não lembro de nenhum fato (risos), eu lembro que os professores, os docentes sim te olhavam diferente e tratavam diferente. No sentido de: ah está no Oswaldo Cruz. Eles já reconheciam a instituição como uma instituição referência de cuidado, de assistência. Dona Lore, isso eu lembro, e principalmente a Paulina, até hoje (risos).

Ah... maravilhosa, maravilhosa! Eu acho que assim eles (equipe de enfermagem do setor) foram as pessoas que me ensinaram, que me ensinaram tudo eu acho (choro), era a sexta antiga seção. Lembra da enfermeira X (cita o nome da enfermeira)?, então ela era uma enfermeira doida de pedra, agitada e a gente ia no ritmo dela. Até hoje desde aquela época a gente carrega isso, era um time bem, bem assim (choro), ah eu não sei como dizer, unido. Rosângela, uma técnica, eu viajei com ela, a gente saía de férias e viajava junto, ia na casa, a gente fez amizade. O pessoal me recebeu muito bem, muito bem, e voltando lá na questão quando a gente abre mão de algumas coisas, tipo feriado, a gente vai se preparando (risos).

Ah sim, porque fui estagiária e aqui fiquei, aqui estou, então eu acho que mesmo que eu não tivesse ficado aqui, eu acho que a gente conseguiria ser inserida em outro mercado de trabalho, porque naquela época eu acho que o Oswaldo Cruz era o melhor em referência de assistência.

Eu acho que a gente já vinha ... o preparo enquanto estagiário ... só a questão de quando você se tornar enfermeiro, você ter segurança, que é o que a gente vive hoje, a gente presencia hoje com os nossos estagiários de assumir realmente o papel do enfermeiro. Por exemplo, eu lembro muito bem que quando eu virei enfermeira a gente até sabe às vezes das rotinas, mas algumas coisas você por não ter resolvido aquela problemática, você fica na dúvida. Eu lembro muito bem do processo de um Neuro pedindo um liquor e eu não sabia onde ligar, onde agendar (risos), mas eu acho que quando a gente passa de estagiário para enfermeiro, além da responsabilidade, o medo da responsabilidade, mas acho que você tem um preparo diferente por estar dentro da instituição e conhecer várias rotinas já. Acho que isso facilita bastante, e é o que a gente presencia hoje com nossos estagiários, a dificuldade e as facilidades.

Se eu tivesse ido para outra instituição, eu acho que não ia ser tão difícil por conhecer muitas coisas já de técnica, de conhecimento mesmo. Eu acho que isso ia fazer diferença no meu desempenho, mesmo que fosse em outra instituição. Eu acredito que sim.

Ah...uma época muito boa, muito boa. Eu tenho muita, muita saudade, mas eu já vivi várias coisas dentro da instituição, mas eu acho que foi uma época fundamental na minha vida ...fundamental! (choro). Eu só tenho a agradecer.

Participante: Hortência

Bom! Nós conhecemos algumas colegas do ano posterior ao nosso que já faziam estágio não só no Oswaldo Cruz, mas na Beneficência Portuguesa e outros hospitais, e nós conversávamos muito porque a escola de enfermagem é um mundo pequeno, e elas comentavam que tinham muitas oportunidades, tanto de procedimento quanto abertura das enfermeiras daqui. Porque naquela época no final de semana a enfermeira ficava com duas unidades e, normalmente ela se rodiziava entre essas duas unidades e a estagiária tinha assim...uma certa liberdade. Então foi esse o motivo que me fez procurar o estágio, ter mais experiência, mais oportunidade, porque o hospital Oswaldo Cruz era a chance de um futuro trabalho quando eu me formasse e era uma referência naquela época e acho que até hoje, era o sonho de quem estudava enfermagem. Então foi isso.

A questão financeira não me motivou, porque naquela época meu pai me sustentava, inclusive meu pai nem queria que eu fizesse o estágio, então o mais forte realmente para mim foi a questão do aprendizado, da experiência e também pelo nome do hospital que era bem-conceituado. E o que as colegas do outro ano falavam é que o que nós aprendíamos na faculdade nós conseguíamos aplicar no hospital Oswaldo Cruz, então acho que isso foi uma grande motivação, porque até então nós fazíamos estágios em hospitais públicos e havia toda aquela restrição tanto de material quanto de tecnologia. Então a parte financeira não, eu nem sabia quanto que iria ganhar, para falar a verdade, quando eu soube até me assustei.

Na época que eu fui estagiária não era necessário entrar no quarto ano, você podia entrar antes. O que eu me lembro é que podia entrar desde o segundo semestre do segundo ano, se não me engano acho que era isso. Naquela época nós mandávamos uma carta para a educação corporativa dizendo, fazendo uma identificação sua, onde você estudava, etc...e comentando quais os motivos para você querer fazer estágio aqui no Oswaldo Cruz. Aí eu enviei, fui chamada, naquela época você fazia um mês de estágio que se chamava voluntário onde você vinha todos os dias da semana, de segunda a sexta, você não recebia nada, nenhum salário e se ao fim daquele mês você tivesse um perfil que fosse desejável para o hospital ou tivesse um aprendizado que correspondesse, tivesse assim...realmente assim... a carinha do hospital, você era aprovado. E aí eu fui aprovada e comecei a trabalhar nos finais de semana, então na verdade eu trabalhava quatro dias por mês, ou sábado ou domingo, plantão de 12h. E naquela época, como eu tinha te falado, a enfermeira, não ficava uma enfermeira por setor, então nós tínhamos uma atuação mais ampla. Por exemplo, ligava para ela e dizia: “olha o paciente está assim...posso ligar pro médico?” Então nós ligávamos para o médico, ele fazia prescrição por telefone de algum item, nós anotávamos e nós cumpríamos. Aí nós já fazíamos também

Sistematização da Assistência de Enfermagem, ela nos orientava lógico. Sempre nós fazíamos e com certeza ela iria completar mais alguma coisa, mas naquela época nós fazíamos a prescrição, a evolução e não fazíamos diagnóstico ainda.

Ah eu acho que assim 99,99% pontos positivos, então eu acho que segurança, adquirir segurança. Poder aplicar o que nós havíamos aprendido na faculdade na prática. Ah...poder conhecer tecnologia que nós praticamente não tínhamos nos estágios. Materiais diferentes, por exemplo, aquela torneirinha de três vias no meu primeiro dia de estágio a enfermeira me deu com uma seringa e falou: “olha você fica mexendo em casa”. Então eu nunca tinha visto, não tinha. E a questão também da Sistematização da Assistência de Enfermagem, que nos hospitais públicos nós acabávamos fazendo no nosso papel, mas não assim... aplicar no paciente, pôr um horário, alguém checar. E outra coisa, eu acho que aquele sonho de ser enfermeira do HAOC, aprender como que seria ser enfermeira do HAOC, eu acho que isso foi uma das coisas mais importantes porque todas nós... eu vou até te contar uma coisa: a minha turma foi a primeira turma onde foi criado nas unidades o segundo enfermeiro de manhã, então todas nós fomos aprovadas e cada uma foi para uma unidade, e aí foi uma coisa muito boa para nós. Eu acho que um pouco do sonho começou a se realizar.

Ponto negativo para mim, assim... vou ser bem honesta: nenhum. Nenhum, porque assim como eu sou hoje e ainda sou, eu era muito feliz naquela época e eu continuo sendo feliz até hoje (choro).

Eu sempre assim...naquela época ainda tinha atendente viu Jú, você vai dar risada, eles nos ensinavam muito, sabe assim...quando você chegava as pessoas te abraçavam, para eles era um prazer chegar um aluno, uma pessoa que eles podiam ensinar. Então eu nunca me senti usada ou uma mão de obra, porque naquela época nós fazíamos tudo e naquela época tinha uma coisa diferente, um fazia a medicação, o outro fazia o controle, o outro ia para os banhos e era um pouco diferente do que é hoje, mas nunca, acho que esses anos todos eu nunca me senti explorada, nunca! Nunca porque eu acho que o Oswaldo Cruz sempre fez a propaganda para fora do enfermeiro que colocava a mão no paciente, o enfermeiro que independente do cargo dele, se tocasse a campainha e o paciente precisasse de alguma coisa, ele iria fazer. Então é essa coisa que sempre foi, o hospital foi famoso por isso. Naquela época era uma coisa muito forte e quando você estava na faculdade você sempre quer fazer, fazer, fazer. Mas assim...uma coisa que eu sempre achei bom é que as enfermeiras puxavam para você ter raciocínio clínico, para você entender diagnóstico, fisiologia, farmacologia. Então elas sempre te puxavam para esse lado.

Eu fiz estágio onde se chamava quinta seção, a quinta seção hoje é o Pronto Atendimento 2. E você sabe até antes de eu entrar na faculdade eu fiquei internada na quinta seção? (risos)... era o destino.

Na verdade, na minha classe nós éramos eu acho que em 12 ou 14 estagiárias aqui, acho que eram 12 estagiárias que eram da mesma turma e eram estagiárias do HAOC, mas tinha colegas que faziam estágio em outras instituições. Então eram poucas, ou um terço da classe que não fazia estágio em nenhum lugar. Na verdade, ninguém te tratava vamos dizer diferente, mas quando chegava em algum estágio, por exemplo, tinha dificuldade de puncionar alguma veia, elas nos chamavam, entendeu? Ou então dizia: “ai olha, você já fez isso no Oswaldo?” e eu dizia: “Ah eu já fiz” ou “eu sempre faço”. Mas, por exemplo, nós percebíamos a diferença muito nos banhos, nós fazíamos os banhos acho que mais rapidamente, o paciente sofria menos,

porque você não esquecia de levar nada, você já tinha uma metodologia para o paciente, porque aprendia aqui no hospital, mas entre as colegas não existia isso, pelo menos assim... comigo pessoalmente eu nunca percebi.

Ah olha...eu não posso reclamar, eu só posso elogiar porque no primeiro dia eu cheguei com aquele medo, eu já cheguei cedo, você sabe que eu chego cedo ...cheguei cedo e o pessoal do noturno que ainda estava no setor. Aí eu cheguei no posto me apresentei, aí eles disseram: “você que vai ficar aqui?”, já vieram me dar um cafezinho, sabe?. Foi assim...acho que aquilo, o fato de oferecer, me relaxou bastante. Com relação ao pessoal da manhã...então naquela época era uma enfermeira que se chamava enfermeira chefe, ela ficava de manhã e tinha geralmente de três a quatro colaboradores e o que ela fazia: um dia eu fiquei indo para os banhos, outro dia eu fui fazer sinais vitais junto com o colaborador, depois já me deixou sozinha e então já fui fazer banho dos pacientes mais simples e fui controlar os sinais vitais de todos os pacientes. A medicação eu comecei a acompanhar e depois, acho que uma semana eu já estava fazendo medicação sozinha e não tinha essa coisa de kit, estoque. O estoque não era controlado, nada disso. E a prescrição do médico era manual com a letra que você imagina (risos), mas como eram dias de semana e a enfermeira estava lá, os colaboradores estavam lá...e aí eles sempre faziam questão de apoiar, de proteger e quando eu entrava nos quartos eles falavam: “ai essa é a nossa estagiária”, com aquele orgulho sabe, eu falava: “ai coitados” (risos), mas eles falavam assim com bastante orgulho, muita receptividade. É porque eles sabiam que futuramente nós podíamos ser as enfermeiras deles. Mas o hospital em si, como não tinha muitos funcionários, menos unidades de internação o relacionamento ficava muito fácil, porque todo mundo conhecia todo mundo. Todo mundo conhecia os médicos, os médicos conheciam todo mundo e aí a gente como estagiária acabava entrando neste ritmo, porque nos plantões nós é que acabávamos atendendo os médicos quando a enfermeira não estava, nós é que acabávamos ligando para o médico quando a enfermeira não estava lá. Então a receptividade era muito grande porque eles tinham, na minha percepção, eles viam você como parte da equipe. Por exemplo, em um natal eu cheguei para dar plantão, tinha uns oito presentes que os pacientes tinham deixado para mim estagiária: por quê? Porque eu era parte da equipe e isso era bem legal.

Olha eu acho que ele (o estágio) foi um diferencial. Porque o que acontece, no estágio da escola, o estágio curricular, você vai para o estágio acho que com oito ou seis colegas, e as oportunidades não são muitas, porque tem você estudante, normalmente tem residentes e eles também querem fazer procedimentos. No hospital público, por exemplo, em uma unidade de internação, médico cirúrgica, não tinham muitas oportunidades. Então eu acho que isso era algo diferente.

A segunda coisa que era diferente era assim... as nossas professoras do estágio, elas não eram profissionais que tinham uma bagagem prática muito grande, então por exemplo, diferente da enfermeira do HAOC que dominava fazer qualquer tipo de procedimento as nossas professoras não tinham isso, elas também não tinham aquele estímulo para te levar para fazer o procedimento. No entanto aqui...as enfermeiras eram extremamente práticas, elas sabiam como fazia todos os procedimentos, além de fisiopatologia, fármaco, etc. Então aqui, o que aconteceu é que você consegue... eu consegui florescer. Porque veia, punctionar acesso que é um exemplo assim bem básico, eu tinha punctionado até o começo do terceiro ano uns três. Aqui eu

puncionava todo dia, toda hora. Curativo, tive contato com outros materiais e o porquê destes materiais. Então foi muito diferente, eu acho que isso de procedimento foi diferente.

A outra era a questão de postura como enfermeiro, que eu acho que naquela época, não sei se hoje ainda é assim, mas naquela época tinha uma questão de funcionário de instituição pública, não tinha assim... aquele ânimo que a instituição privada tinha, era nítido essa diferença. E aqui o enfermeiro queria te ensinar, ele queria que você ficasse aqui, então é diferente, você não era uma mera passagem, você era alguém em quem ele pensava: "bom ela vai se formar e ela vai ficar aqui" era assim... vamos dizer, um investimento. E também, elas acabavam nos tratando como coleguinhas, quando chegava no quarto ano elas diziam: "ah não... você já vai se formar". Então tinha essa coisa, e eu acho que assim... é uma motivação de ver que alguém que já era enfermeira, e eu não era, eu era estudante, e eu via aquela pessoa nos valorizando. E ela mesmo pensando assim: "ah no ano que vem ela vai ser minha colega" (choro).

Nossa! eu voltei 99 anos atrás, mas você sabe Jú...é uma fase que eu nunca esqueço, sempre que ia dar qualquer treinamento, a gente se emociona, porque é bonito isso. E não é só isso, eu acho que depois durante minha vida, eu segui o exemplo delas e cuidar das estagiárias como eu fui cuidada (choro) ...acho que faz diferença.

E aquela coisa de saber assim...que todo mundo quando chega aqui no hospital, sabe que o hospital tem um nome, tem uma fama, a pessoa sonha em estar aqui, em ser um colaborador daqui. Ela sonha, mas quando ela chega... bate uma insegurança, porque parece que aquela enfermeira está lá bem longe da gente e você está chegando toda pequenininha, mas elas conseguiam fazer você...te transformar sabe!, fazer você ir evoluindo, tanto que quando eu estava no quarto ano eu me sentia muito segura. Eu não tinha aquela coisa que todo mundo tem: "ai estou no último ano e não sei nada". Nós achávamos que estávamos assim... bem na fita. Tanto que eu vou até te contar, você vai dar risada: nós fizemos essa parte de admissional e tudo mais para tentar ficar aqui no começo de dezembro, aí eu fui a única estagiária que veio no dia primeiro de janeiro, porque a pessoa ia faltar daí me ligaram e eu vim, mas aí a gerente, naquela época era gerente de enfermagem, ela falou: "olha meninas vocês trabalharam todos esses anos...", porque naquela época ficava mais de uma ano "...vocês trabalharam todos esses anos, agora vocês passaram, então... olha vocês ficam de férias em janeiro e vocês vão começar a trabalhar dia dois de fevereiro". Aí nós ficamos todas alegres, porque realmente nós estávamos sem férias direto, porque trabalhávamos nas férias, porque eram outras regras, era diferente do que é hoje. E aí nós ficamos superfelizes e no dia dois de fevereiro viemos todas trabalhar, até minha turma foi para a praia, foi muito legal. Viemos trabalhar e começamos como a segunda enfermeira da unidade de manhã, eu fui trabalhar na primeira seção, lá era seção de transplante renal, dr. Emil e companhia. Daí eu fiquei acho que dois meses de manhã, depois fui para a noite. Eu fiquei... acho que uns... ai fiquei muito tempo à noite... muito tempo não, acho que uns três para quatro anos. Quando eu ia me casar a chefe de seção ia para outro cargo acima, e então com 4 anos de formada eu me tornei chefe de seção. Para mim foi bem difícil, mas faz parte.

Parabéns por esse trabalho, acho que eu vou chorar muito quando eu ler (choro e risos). Eu acho que você escolheu um tema bem legal porque a estagiária faz parte da história desse hospital.

Você anda por aí e as pessoas dizem: “ai fui estagiária...fui estagiária”. E isso é bem do nosso hospital, de investir em um aluno, um estudante e depois colher os frutos lá para frente. Isso é muito legal.

Participante: Lírio

Bem...dois aspectos importantes: primeiramente aquela ansiedade que eu acho que a nossa profissão traz no período da formação, quem lida com saúde deve passar por esta sensação que eu tive, eu acredito. Pensar assim... que você em pouco tempo vai ter a responsabilidade de estar cuidando de pessoas com quadros muito diferentes, lidar com suas limitações de conhecimento, de técnica, chefiar equipe, conduzir inúmeras situações que os estágios curriculares, apesar de na minha época terem sido maravilhosos, me proporcionaram assim... experiências valiosas... eu ainda estava insatisfeita. Eu sentia uma certa ansiedade de que o tempo estava andando e em poucos anos eu estaria formada. Isso é um aspecto que vinha eu diria... no meu coração, me deixava preocupada. Uma das visitas programadas da USP era conhecer hospitais, então nós fizemos algumas visitas e uma das visitas foi aqui no Oswaldo Cruz. Isso aconteceu em 1982, eu estava no segundo ano, não me recordo se era fundamentos de enfermagem ou se era alguma disciplina específica, isso eu não consigo me lembrar, mas algo nos trouxe aqui no Oswaldo Cruz, que era uma instituição absolutamente acanhada, não tinha um nome no mercado, a gente nem sabia para onde estava indo.

Quando nós visitamos o Einstein, todo mundo sabia quem era o Einstein, quando a gente visitou a instituição São Camilo, tinha aquele nome da instituição São Camilo...e assim por diante, mas no Oswaldo foi uma grande surpresa para mim, o que me surpreendeu era o verde, que tinha muita planta bonita aqui, um jardim maravilhoso, muito bem cuidado... isso era uma coisa que sempre me tocou desde mocinha, eu valorizo muito a jardinagem o zelo com plantas... é uma coisa que me chama atenção, então logo me chamou atenção. E a estrutura era simplória, a vista que você tinha da instituição de fora era uma coisa bonita, colonial, mas parecia uma fazenda de café, e quando você entrava... as instalações frente às outras instalações que a gente visitava, não tinha aquele aspecto hospitalar, era interessante, era simples, eram fórmicas que chamavam atenção... uma decoração antiga, mas muito bem cuidada, tudo limpíssimos, muito limpo, mas simples, muito simples...e assim, eu me recordo como na semana passada da minha entrada: entrando aqui dentro pelos corredores, as coisas me chamando atenção, e de repente a professora nos levou até a sala da então, eu não me recordo se era gerente, a chefe vai..., na época devia ser chefe, devia ser o termo que a gente usava: a chefe de enfermagem...muito bem. Eu me recordo muito bem da secretária que nos recebeu...uma moça com um cabelão, nem lembro mais o nome, mas ela tinha um cabelão grande, preto e depois de alguns minutos de espera... abre a porta e sai a dona Lore. Ela nos cumprimentou, nos falou algumas palavras, nos acolheu, agradeceu a visita eh...eu fiquei absolutamente apaixonada por ela, foi como ver um príncipe encantado para mim. Eu olhei...eu vinha já de estágios no outro hospital (hospital público) onde as enfermeiras berravam pelos corredores, brigavam com seus funcionários, era uma época que o comportamento era um misto de muita responsabilidade, muito zelo, mas as vezes, dependendo da pessoa havia estilos de comportamentos que eu olhava e dizia: “eu não

quero ser isso...o que será que eu vou ser quando me formar? Uma professora?”, me identificava mais com a professora do que com o pessoal da assistência. E eu me recordo que eu fiz estágio, na época que eu vim visitar o Oswaldo eu estava fazendo estágio numa unidade do hospital (hospital público) que eu nem vou te dizer para você não rastejar (risos), mas tinha uma enfermeira supercompetente, mas ela era tão pesada, era tão... sabe... tinha modos assim muito tensos de lidar no dia a dia. E aquilo gerava em mim uma rejeição interna, porque você está vendo um profissional que já tem um cargo importante, em uma instituição importante. Então você vê que as regras são aquelas, é assim que o aluno enxerga: “então é assim que eu tenho que ser?”... e aquilo não me agradava. E quando eu vi a Lore, o jeito como ela nos recebeu, o respeito como ela falava com a gente, olhando para gente de verdade, frente às outras enfermeiras que nos recebiam também nas visitas, ela se destacou demais. Eu fiquei com ela na minha mente. Bom... daí eu saí daqui e só lembrava dela, já não lembrava das paredes, da fôrmica antiga, do couro das almofadas, aquelas poltronas antigas, eu pensava assim: “nossa! essa mulher... deve ser uma delícia trabalhar com ela”. E fiquei com aquilo em mente, e não consegui esquecer. Passado um tempinho, uma semana, 15 dias eu voltei aqui e pensei: “bom vou ver se eles não me dão estágio”. Voltei, fui falar com ela e a secretária me fez esperar, mas imagina, uma gerente receber uma pessoa assim de improviso, porque imagina se eu sabia que tinha que agendar visita, nada disso, e ela me recebeu e me disse: “aqui nós não temos estágio”. Aquilo me frustrou tanto, mas eu sempre fui muito... (risos) muito assim... quando eu quero um negócio é difícil me convencer a desistir dele, e eu disse: ”dona Lore eu faço qualquer coisa”...não... primeiro, desculpa, eu fiquei com um não. Ela falou não e ela era uma pessoa que apesar de extremamente delicada e feminina, ela era forte, ela é forte ainda. Hoje ela é uma senhora de não sei quantos anos setenta e tantos, mas ela é muito forte. E eu não conseguia falar com ela, eu fiquei com um não, agradei e fui embora. Conversei com umas amigas mais próximas da faculdade, desculpe... e algumas concordavam comigo que aqui era uma instituição bem interessante, seria bacana e tal...e eu não estava mais sozinha, agora éramos quatro: eu, a Claudinha, a Valclei e a Ítala. Essas pessoas todas falaram assim: “se eu consegui...então vamos, vamos tentar, vamos fazer uma proposta, quem sabe a gente consegue de repente cobrir alguma necessidade do hospital”.

Aí eu voltei, já não era sozinha e disse: “olha... eu sei que vocês não têm, mas eu pensei o seguinte, a gente quer tanto, e eu já tenho outras três amigas que também querem e a gente faz qualquer coisa, a gente pode ajudar os atendentes”, porque na época existiam atendente. Continuei: “a gente trabalha de sábado, domingo, feriado...o que a senhora acha?” e foi assim. Ela ficou me olhando e deve ter me achado uma teimosa, e disse: “eu vou pensar...vamos ver o que a gente consegue”. E com isso ela abriu, primeiramente de uma maneira totalmente informal, não tinha uma remuneração, não tinha um encaminhamento, porque não tinha ninguém que fazia isso aqui antes. Não tinha nada a ver com a escola... é do jeito que eu estou te contando genuinamente. Eu me senti absolutamente atraída pelo estilo da dona Lore, a culpa é da dona Lore (risos)... sabe assim, você olhar e falar assim: “não é aqui”, a questão não era o hospital, o hospital tinha na época, foi pré *boom* do Oswaldo Cruz, e eu tive a bênção de poder participar disso, porque ela esquematizou, ela planejou. Eu te garanto que nós não viemos para cá por causa do nome do Oswaldo Cruz. O que me fez conversar com as amigas, convencer tanto a Lore quanto elas, é poder estar perto dela...eu queria conhecer esse modelo, como é que uma mulher daquele jeito conseguia ser chefe de enfermagem, como?

O modelo dela destoava das outras, entende? era uma referência de ser que eu não tinha, de comportamento que eu não tinha. A enfermagem lutava para conseguir ser boa, não era competente, pode parecer absurdo para você hoje, mas na época que eu me formei na década de 1980 era assim: a enfermeira que era boa era a enfermeira rassa, a enfermeira precisava...era uma guerra. E os funcionários... não sei porque eu vinha de uma instituição pública que eram todos concursados...aquele comodismo, um pouco também de...e era também difícil mexer com os funcionários, você quase ficava refém deles em algumas situações. Então eu sei que muita coisa disso não mudou, muito disso não mudou, mas eu tenho que confessar para você que foi isso, foi olhar para uma pessoa e pensar: “Jesus, meu Deus... que mulher!”, olhar e querer estar perto para aprender... é isso.

Nós fomos apresentadas para a equipe e tudo aqui tinha a cara da Lore na enfermagem, as pessoas eram respeitadas, as pessoas eram atenciosas, todo mundo dava o seu melhor. Imagina uma instituição onde você consiga isso... isso estava no ar. A instituição era simples, não era assim imponente, mas você pisava e o pessoal ficava te olhando, era como se todo mundo estivesse te esperando. Era assim: todo mundo interessado em tudo e em todos... era um zelando pelo outro, e a culpa era dela porque ela impunha esse modo de ser. Então nós fomos apresentadas nas unidades, cada uma de nós, porque ela admitiu as quatro, e nós começamos como voluntárias, e cada uma foi para uma unidade para ajudar os atendentes. Isso aconteceu em 82 eu acho, eu não me recordo mais se foi em 82 ou em 83, eu me formei em 83, fui estagiária mais de 1 ano e já fui contratada em 84. Sabe o que a gente fazia? Naquela época havia enfermarias que não tinham banheiro, o banheiro ficava no corredor e a gente trazia a comadre cobertinha com um pano cirúrgico, ajudava o paciente, voltava com aquilo pelo corredor, desprezava, limpava na sala de material... tinha taco, taco de madeira no chão, a gente tropeçava nos tacos que estavam saindo, mas tudo muito cuidado, era uma estrutura muito aquém daquilo... do valor das pessoas, da qualidade e do cuidado das pessoas.

E a gente assistiu à revolução, isso foi ano a ano melhorando e melhorando. O Sr. Welter que era o diretor, era 200% fiel, como vou dizer... ele acreditava na dona Lore integralmente, ele era o diretor, mas ela era quem conduzia as coisas do ponto de vista de ideias, a visão dela era respeitada. Ela mudou tudo, eu assisti essa transformação, isso que eu te disse que era uma grande... eu não chamo isso de sorte, mas uma bênção mesmo! Um privilégio você poder ter essa oportunidade de entrar em uma instituição ainda, como eu vou dizer... simples, acanhada e ver a revolução que a gente assistiu. Mas a revolução não foi tanto estrutural, claro que eles melhoraram tudo, o piso, as instalações, tudo foi melhorando, nunca foi luxuoso, sempre foi justo e adequado. As transformações foram sempre com opções de mudanças adequadas e quanto mais perto do paciente chegava, mais eles iam investindo, isso que era bonito.

Na hora de comparar as camas, eles comparavam a top de linha, então a gente teve Hill Rom antes de muita gente ter, e isso era bonito de ver. A recepção não precisa ser luxuosa, a gente não tem essa cara, mas foi mudada. Em compensação a Lore colocou enfermeira no comando de tudo, absolutamente tudo, para você ter uma ideia enfermeira chefiava a recepção, enfermeira chefiava PABX, enfermeira chefiava e acho que chefiava até hoje...? A Lilian não está aqui ainda? Ela foi brilhante, brilhante! Enfim, a lavanderia, a limpeza e higienização era enfermeira que chefiada, então a Lore ia colocando enfermeiras nos cargos chave. O chefiar da Lore não era mandar no funcionário, controlar, não! Era entender as necessidades do paciente

naquela passagem. Por que colocavam enfermeira para chefiar o PABX? Porque o PABX atende o que?: paciente, familiares e pacientes, médicos, e ninguém entende mais do que enfermeira para orientar essas telefonistas sobre como fazer isso. A enfermeira entende todas as necessidades do paciente, então o olhar dela vai direcionar a telefonia, vai direcionar a limpeza do hospital, não era só pessoas limpando o hospital, eram pessoas limpando o ambiente que tinha pacientes, que tinha pessoas sofrendo, que tinha gente doente. Isso foi criando uma atmosfera ainda melhor.

Antes quando eu entrei era uma atmosfera zelosa, respeitosa, o que mais chamava atenção aqui é que era respeitoso, todo mundo era respeitoso, e isso me chamava muito a atenção. Depois ela foi transformando isso em... tecnicamente apropriado, em uma instituição onde as pessoas tinham consciência de que elas estavam aqui para os pacientes, e isso era muito claro. Era inadmissível que se alguém pedisse uma informação, você não largava tudo e ia acompanhar até onde precisava. Você ficar vigiando se o outro ia se apresentar e falar: “olha esse senhor precisa disso, tá”! Era uma coisa de pegar na mão, de acompanhar, enfim de buscar. Engraçado, se eu te falar que isso não era tão verbalizado, não tinha aulinha disso, sabe?. Era exemplo, muita gente fora do hospital me perguntava: “mas aquilo é um quartel general alemão?”, e eu dizia: “imagina, ela mal fiscaliza a gente”, é que a cada momento que ela falava com você, ela dava tanta atenção, ela sabia tanto daquilo que ela estava falando, ela ia tão fundo que era impossível sentar na frente dela sem você ter informação, sem saber o que falar, não existiam aquelas reuniões vazias de blá... blá... blá... sabe?. Era uma coisa que você vai conquistando através do exemplo, do dia após dia.

Ela era uma pessoa que visitava a instituição, não era ela que nos acompanhava, tinham outras enfermeiras e a própria enfermeira do setor, mas era um acompanhamento. Na nossa geração, muito diferente da época da Lucia, das outras meninas com quem você vai conversar, muito diferente. No nosso momento...ah... foi um pouquinho de improviso, isso no crescente. Então quando a gente começava, a gente só atendia campainha, as próprias enfermeiras tinham medo. A gente atendia campainha, levava e trazia recado, higienizava as pessoas e ajudava. Era um par de mãos para ajudar, e ajudávamos quem? Quem a gente tinha menos medo (risos)... então a gente ficava muito com o atendente, com o auxiliar e ia chegando perto da enfermeira, ia chegando e conquistando, cada uma com seu modo. Se você conversar com... não tenho a menor ideia como você faria para falar com essas pessoas, eu perdi totalmente o contato, mas a Claudinha acho que foi para o México, Claudinha, Valclei, Ítala éramos pessoas muito diferentes... então cada uma você ouve percepções diferentes, nós todas fomos bem acolhidas, foi extremamente gratificante, nenhuma de nós desistiu e todas nós fomos contratadas. Quando acabou o período da graduação, nós já ajudávamos em procedimentos mais complexos, então a gente separava medicação via oral, colocava a mão no prontuário, anotava o que fez, nem isso no começo era permitido. Por que vai anotar? vai assinar o que? Não tinha legislação, e não demorou muito, ainda na nossa experiência a Lore junto com o Recursos Humanos que também não tinha esse o nome, era Departamento Pessoal, identificaram o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) como instituição vamos dizer... reguladora desta situação, então estávamos vinculadas ao CIEE e ganhávamos uma bolsa que dava para condução, lanchinho. Era uma coisa bem singela, mas era um ganho, era um ganho.

Eu só fazia o estágio nos finais de semana, todos os finais de semana e eu me recordo de uma ocorrência. Para você ter ideia de como isso era precioso para mim, eu ganhei um carro

do meu pai, porque eu morava em São Bernardo do Campo, e eu vinha muito cedo e queria estar aqui 6:30h para chegar devagar na seção, pegar meu plantão com calma... então ele me deu o carro, e vindo para cá numa bela manhã, eu capotei o carro. Era uma pista e eu pegava uma pista toda tortuosa, e sei lá eu como...era curva, e eu bati... tinha barro na pista e o carro ganhou velocidade e bateu na guia, o carro girou. Foi um susto, bati o nariz no teto do carro, e me tiraram do carro... quando me tiraram do carro o que eu queria fazer?: Ligar para o Oswaldo Cruz para dizer que eu não ia chegar. Foi meu primeiro telefonema, eu pensava: “eu preciso ligar... eu preciso dar um telefonema”. Olha o que eu tinha na cabeça, como se a minha presença fizesse a maior diferença. Daí eu liguei, não era nem 6h da manhã, liguei para supervisora da noite. Ela já estava se preparando para passar o plantão para as enfermeiras que chegavam, e ela disse: “filha você já falou com seus pais?” e eu disse: “não”. Ela continuou: “então pelo amor de Deus liga para os seus pais, porque eu não posso fazer nada daqui, se você precisar de alguma coisa venha para cá, mas liga para os seus pais”. Então eu me lembro disso com um orgulho, é gostoso lembrar o peso que isso tinha para mim, era um valor inestimável para mim ter conseguido entrar aqui dentro para ser estagiária. Não importava... o que eu fazia era de menos... para mim é uma lembrança gostosa. Lembro da mocinha que eu era (risos), minha primeira oportunidade.

Bom...acabou nosso estágio e a gente ainda num papel muito...bem assistencial básico, bem básico, mas já super introna... vou falar de mim, porque eu não sei dizer das outras meninas. Sempre tive muita sorte, então peguei enfermeiras muito afetuosas, então eu já ajudava, tudo ajudava, não fazia nada sozinha, mas ajudava a receber um paciente da Unidade de Terapia Intensiva, receber um paciente do CC. Quando eu me formei em 83, eu me sentia tão segura, tanto que no acidente eu pensava assim: “é fundamental minha presença”, porque também era verdade, a Lore dava folga... você me fez lembrar de uma coisa importante, a Lore começou a dar folga para os funcionários e ocupar a gente como uma mão de obra no quadro da escala, então era um fato, a equipe contava mesmo com a gente, só que você era “a estagiária”, não sei hoje como é, mas a gente cobria a unidade, a gente era um membro da equipe, assumia alguns procedimentos simples e foi conquistando cada vez mais. Eu não me recordo e se você me perguntar objetivamente: “você fez um cateterismo enquanto estagiária?” Acho que não, sozinha... não creio.....sozinha, sozinha acho que no máximo devo ter pego veia, feito medicamento Intramuscular sim, via oral abundantemente, higiene, transferência de pacientes da Recuperação pós anestésica, sinais vitais, era nosso dia a dia, o que, ajudava muito a liberar os funcionários para as outras coisas. Intramuscular devo ter feito muitas e endovenoso talvez..., talvez porque no nosso estágio na escola fizemos bastante, mas nada muito além disso também.

Eu me sentia a pessoa mais importante do mundo em saber que eu estava sendo considerada na escala, nunca tive essa postura de que alguém está abusando de mim, acho isso uma grande babaquice... acho isso de uma pobreza de espírito que não tem tamanho. Eu acho que todo mundo... com o número de pessoas desempregadas, o número de pessoas já formadas, dar oportunidade para um estagiário, crescer, aprender, vivenciar tudo isso é uma oportunidade... é o jeito que eu via, é o jeito que eu continuo pensando e sei que hoje por aí as coisas estão um pouco diferentes ... é uma questão até de princípios, filosófico até, social, uma coisa meio... eu entendo, mas não concordo, não é assim que eu enxergo. Eu entendo mas tenho dó de quem pensa assim. Porque se eu pensasse assim, eu não seria quem eu sou hoje, eu devo

tudo a esse princípio. Eu sou uma pessoa muito realizada na enfermagem, não sei se você tem noção do quanto eu sou muito realizada, em termos totais. Eu saí daqui com dó, eu pedi a conta com dó, mas segura que eu tinha que fazer isso e foi para montar o meu negócio, então eu devo tudo, porque depois como... eu sei que isso nem interessa para sua pesquisa, mas a gente acabou de se formar e ela, aí vou falar de mim porque eu não sei como foi com as outras, ela me chamou falou que eu estava contratada e eu queria fazer obstetrícia, porque obstetrícia era o curso mais puxado da USP então eu achava ótimo, uma coisa bem... as pessoas eram ótimas, nem foi por amor a obstetrícia. E ela falou, e era de dia, puxadíssimo o curso... então ela falou: “puxa vida, eu nem sei se vou ter oportunidade para te dar no fim do ano que vem, um ano de curso”. Então eu falei: “aí dona Lore eu tenho que ser forte, porque eu preciso... eu acho importante continuar estudando para...”, aí foi o outro lado meu querendo crescer intelectualmente, cientificamente para ser um profissional melhor. E eu disse assim: “não vai ter maternidade no hospital?”, e ela disse: “nós temos planos sim”, daí eu disse: “eu volto com todo amor e carinho, nem que seja para voltar como estagiária de novo, não faz mal”. Daí olha que gracinha, ela me ligou depois e disse: “eu sei que você está de férias agora”, até do estágio eu estava de férias, “pensa, conversa com seus pais, veja se não dá para conciliar, a gente muda, nem que seja para adaptar os horários aqui, vê o que a gente tem que fazer para você poder ficar, pensa nisso”.

Eu lembro de ter ido para o Guarujá com meus pais e ficar assim pensando, pensando. Eu voltei e decidi enfrentar, falei então: “tá... eu vou fazer o curso”, quase morro. O curso era de manhã todo dia e tinha que fazer tantos partos... enfim, foi bem puxado e eu pegava aqui à tarde. E ela me deixou, depois me passou logo para noite. Essas quatro estagiárias foi a primeira leva de enfermeiras assistenciais à noite, porque até a gente ir pro noturno, aqui era aquela coisa de ter uma enfermeira para o hospital inteiro, que chegava na ponta do pé para não acordar funcionário, porque todo mundo cochilava, fazia rodízio de cochilo. E era aquela coisa que eu não gostava, a qualidade à noite caía muito, nós viemos para o noturno com toda vontade de trabalhar, foi uma revolução, mas é outro capítulo, outra história (risos).

Bom, foi assim... eu comecei como noturno, depois fui para o diurno de novo e no paralelo desde a faculdade eu fui fazendo, tocando uma pesquisa sobre a papaina, então eu comecei na faculdade sozinha porque ninguém quis... eu cansei de convidar, eu me lembro lá no nosso refeitório, na mesa, aquelas mesas que estão lá até hoje de madeira...eu falava: “gente vocês não querem me ajudar em uma pesquisa, olha que interessante... assim, assado”, daí eu vendia o meu peixe. A fitoterapia nem existia, nem se falava de fitoterapia, e aí eu fui fazendo sozinha e de repente muito cedo, em 86 eu ainda era uma novata de enfermeira, esse trabalho ganhou um prêmio, e foi um *boom*, saiu na mídia, foi uma coisa assim, que teve uma repercussão assustadora para mim. De repente tinha gente que vinha no hospital com um pedacinho da Folha de São Paulo, Estadão, saiu em um monte de lugar, televisão, rádio, as pessoas vinham com o recorte na mãozinha procurando aquela enfermeira que fazia um curativo com mamão... foi assim. Aí o que a Lore fez? Ela simplesmente me tirou da assistência, eu já era chefe de unidade em 87, eu era chefe da sétima seção, daí ela falou: “eu quero que você faça mestrado”. Daí eu falei: “é?”. Ela continuou: “veja como conciliar isso, eu te libero algumas horas, a gente vê. Eu quero que você faça mestrado e depois nós vamos criar um setor de pesquisa aqui dentro”. E foi assim... eu fiz o mestrado, compensava as horas e ela me dava uma certa flexibilizada nas horas, eu lembro que ela me ajudou bastante nisso. E eu toquei a unidade, eu era chefe de uma unidade pesada e fiz o mestrado por quê? Porque ela viu que pela minha

pesquisa de repente o Oswaldo Cruz estava aparecendo, e ela falou: “imagina se a gente tiver outros profissionais fazendo coisas interessantes aqui, como modelo”...isso o hospital criou: o hospital não queria aparecer porque tinha comprado um tomógrafo, porque isso era o estilo de outras instituições. Ele queria aparecer pela qualidade da assistência e nessa época já tinha... a revolução já estava a todo vapor. O Oswaldo Cruz ganhou, não me recordo o ano, ganhou um destaque na Exame, houve uma pesquisa feita pela revista Exame e saiu como a melhor enfermagem do Brasil. Nessa pesquisa eles perguntavam para os hospitais, para os clientes, para os médicos, a qualidade do serviço, e o que destacou o Oswaldo Cruz foi a melhor enfermagem do Brasil e isso durou mais de décadas, isso se repetia aqui todo dia. A gente falava para gente mesmo no espelho: “nós somos a melhor enfermagem do Brasil” (risos). E você sabe o que a gente fazia? a gente fazia, a gente cuidava... isso era a melhor enfermagem do Brasil, você não via enfermeira do Oswaldo Cruz sentada no posto, não via. Era assim: a gente atendia todo mundo, o paciente chegava e a gente já estava ali com a pranchinha, era a gente que queria estar ali mostrando a unidade, era a gente que queria receber a família, explicar... sabe dona da casa? A gente se sentia assim... via um médico chegando, já pedia para copeira um cafezinho, já pegava as pranchetas dele, tudo em ordem... já tendo um paciente crítico fazia minha planilha, porque nem era planilha, porque não tinha Excel. A gente fazia na unha, no traço todos os parâmetros para o médico ver o que tinha oscilado, o que não tinha oscilado, sem ninguém pedir. Nós dizíamos: “Ó doutor... assim, assado”, acompanhava o médico na visita, quando começou o transplante de fígado aqui, o doutor não era muito de levar a enfermeira junto com ele, nossa! Para nós era uma tristeza... até que devagarzinho por conta desses resumos todos, eu pregava na frente do vidro e quando ele chegava eu dizia: “olha doutor está aqui, todos os seus pacientes, olha esse aqui...”, ele ficava me olhando, daí devagarzinho a gente começou... e ele não conseguia mais fazer visita se a gente não estivesse junto (risos).

Não teve nada negativo, nada! Eu acho que cada momento de tensão, stresinho, de bronca, de conflito... só me ensinou. Eu não consigo te contar uma passagem que eu não fizesse de novo, porque quando eu via o atendente querendo “passar a perna na gente”, eu percebia e eu dizia assim: “ele está se sentindo ameaçado, eu tenho que tomar mais cuidado. Tenho que fazer ele entender que ele é tão importante quanto eu aqui”. Eles pensavam assim: “ah eles estão contratando estagiárias para mandar a gente embora”. Não foi fácil, não vou dizer que era um mar de rosas e que aqui todo mundo só sorria, não é isso... não é isso, mas eu tenho um temperamento que eu não valorizo as coisas banais, então eu tinha o que eu mais queria que era seriedade, era uma enfermagem que queria ser importante, sabe? O que eu não conseguia lidar era de ter escolhido uma profissão que eu pudesse ser uma coisa simbólica no corredor, ou uma pessoa que só dava berro com todo mundo, que vivia no chicote, sabe? Não suportava ver médico rindo de enfermeiro e no hospital (hospital público) a gente via isso direto. Então eu vim atrás de um ambiente que era diferente, e a gente construiu uma enfermagem MARAVILHOSA. Eu me lembro que existia um evento aqui no hospital Nove de Julho que chamava “enf tec, só encaminhava”, organizado pelos hospitais de peso de São Paulo, vinha gente do Brasil inteiro e todo ano a gente apresentava temas daquilo que a gente fazia, todo ano. Essa busca por melhora da qualidade não tinha fim aqui dentro. Você estava fazendo uma coisa hoje e ela já estava pensando no amanhã, era muito legal. Tinha as pessoas acomodadas? Claro que tinha, mas ela respeitava também. Eu achava lindo isso nela, dona Lore... incrível, ela “tirou

sangue de mim”, ela conseguia me dar corda de um jeito que era uma sintonia, era uma simbiose, ela dava corda, e ela me falava: “eu quero que você faça isso, você tem que fazer aquilo...”, e isso para mim era gás. E eu ia e fazia e dava a resposta para ela, e tinha pessoas que não cabe aqui citar, mas que eram passivas, não gostavam de estudar, mas ela respeitava tanto quanto. Eu e todas as outras que fizeram belos trabalhos também, então eu achava aquilo lindo, ela respeitava, as pessoas de mais idade ela foi acompanhando até as pessoas se aposentarem, ela não se iludia sabe? A pessoa fazendo seu bom trabalho, cumprindo seu dever na unidade, aquilo que ela cobrava, ela cobrava de todos. Então, respondendo a sua pergunta, para mim foi fundamental, tudo que eu colhi depois, tudo...tudo, eu devo a ter tido coragem de bater na porta e dizer: “por favor, deixa a gente entrar”, e ela ter concedido (risos).

Tinha de tudo, eu me formei na USP, era uma classe heterogenia como todas as classes, tinha a turma do *oba... oba*, aquela turma que estava sempre na vida social, e nem pensavam em fazer, já estava pesado o curso, porque o curso era pesado, muito pesado. Então o pessoal não almejava isso, as pessoas que almejavam não sabiam como a gente fazia, e diziam: ”nossa então todo fim de semana trabalhar, mas como assim todo fim de semana?” E também a dona Lore queria compromisso, não era de vez em quando, não era visita, era estágio, então tinha que assumir feriado e fim de semana, foi o que eu ofereci, não tinha outra coisa para dar. Eu estava na faculdade todo dia até 17h, era muito puxado, era integral na minha época, não sei hoje. Eu vim de um tempo, mas antes da gente as meninas moravam na USP, então lá atrás, muito antes... imagina que curso era, e no meu tempo a gente saía morta para casa só para dormir e tinha ainda coisa para fazer. Então havia um pouco de... eu me recordo de ter admiração, por outro lado pensavam: “vocês são loucas?”, e um pouco de: “ah... mas vai comprometer o curso, não vai dar tempo de estudar, muito puxado”. Então tinha preocupações, mas eu sou uma pessoa que não valorizo muito. Engraçado é até um pouco... talvez um defeito meu, não valorizo muito as pessoas, se eu estiver segura do eu quero fazer, é difícil alguém mudar minha percepção. Então é muito tênue a minha lembrança sobre o que os outros pensavam.

Ah... uma coisa eu lembro, ficava a impressão que a gente trabalhava pelo dinheiro, como se a gente tivesse..., porque a gente era pobre mesmo, tinha a turma da riqueza na classe que não era minha tribo (risos), então tinha aquela coisa assim: “ah legal, vocês vão ter uma verba”, então dava a impressão na classe..., porque a USP oferecia muito estágio, a gente não tinha esse problema, era uma coisa tipo... a gente tem que trabalhar sabe, pessoa que tem que trabalhar e estudar à noite. Teve um pouco isso, tipo: “elas precisam”, então tá!, não era nada disso, mas tudo bem (risos).

No começo aquela coisa de pisar em ovos, mas só por conta de ter sido a primeira turma. Nunca antes alguém tinha entrado para ser um estagiário, não tinha crachá, sabe? Então foi uma construção, cada um reage como pode. Tinha, principalmente atendentes e eles começavam com receio e quando eles percebiam que a gente era “pau para toda obra”..., falo pelas quatro viu, porque eu tenho certeza que as minhas colegas tinham esse comportamento também, porque a gente veio para isso. Quando eles viam que a gente estava com a pior parte, com a mais trabalhosa, fedida, difícil... sabe? Aí eles começavam a ver graça na coisa e a gente levava de boa, novinhas, cheias de ânimos, cheias de alegrias, gratas pela oportunidade. Então quando eles perceberam que ninguém ia puxar o tapete de ninguém, e a dona Lore logo colocou isso, eu me recordo até porque começou, eu não lembro se pegou minha época de estágio... acho que

não..., acho que já foi depois, isso foi bom para as outras estagiárias. O COREN impôs que os atendentes tinham um prazo para estudar, para fazer o curso de auxiliar e se formar em auxiliar de enfermagem, ia acabar os atendentes e a dona Lore disse: “gente ninguém vai ser mandado embora, tentem estudar, todo mundo que puder faça o curso, vai ser bom para vocês e quem não puder a gente vai deixar em uma atividade, ficarão de maqueiro, vão ser absorvidos”, e isso tranquilizou muito o clima, mas eu não me recordo se isso foi no meio do meu estágio. Eu lembro que tinha muito isso no começo, a gente logo conquistou eles e com relação a enfermeira no começo também foi um pouco tipo: “o que será que eu vou fazer, o que será que ela vai me pedir?”. Acho que elas pensavam: “o que será que eu vou pedir para ela?”. Foi uma construção, foi uma construção. Não sei o quanto elas foram orientadas pela Educação, eu só sei que o que chegava em mim é que no começo foi um pouco mais difícil, mas depois tudo foi se organizando. Também a força que a gente fazia no trabalho, era uma força no trabalho, no meio para o fim do estágio a gente era membro da escala, isso com certeza coroou nosso estágio. Para nós era uma maravilha, uma honra.

Ah...totalmente, ela sabia quem ela estava contratando, tanto que eu, não por orgulho, eu respondi para ela que não ia ficar, com o maior pesar do mundo, mas com aquela coisa... eu tenho que estudar. Meu pai falava: “olha se você quer se especializar é agora, depois começa a ganhar dinheiro e não vai querer parar para estudar, então faça agora”. E eu ouvia, sempre escutei muito meus pais, então eu fui forte para dizer não para ela e uma semana depois eu já estava aceitando o emprego (risos), mas se eu parar para pensar ela fez muito mais do que me dar um emprego, o estágio, ela me trouxe para cá de verdade e eu terminei a pesquisa da papaína aqui. Então, se quando eu terminei a minha pesquisa, e foi total para mídia, eu tivesse uma chefe invejosa, que tinha medo da “enfermeirinha” que estava aparecendo no jornal, e me colocasse em uma gaveta, talvez isso teria me frustrado tanto que eu nem teria feito a minha pós, nem teria! A papaína não teria tido a repercussão que teve, então eu sempre falo isso para ela, você é minha coautora, porque se você não tivesse me acolhido e depois valorizado meu prêmio... Por que era o quê? Um prêmio nacional em pesquisa que ganhou em primeiro lugar no Congresso Nacional de Enfermagem... é... sei lá, era uma época que era tudo tão diferente de hoje que é difícil até vocês entenderem. Era uma coisa que não havia, não tinha mídia social, então aparecer numa televisão era uma coisa assim..., hoje é até banal, mas naquela época sair no jornal, na mídia impressa, ...uma coisa desse tamanho. Ela valorizou o trabalho, ela falou: “é isso aí que a gente tem que fazer”. Se ela não lesse dessa forma e não me desse oportunidade, não me impulsionasse, eu não sei se eu teria hoje um consultório de enfermagem, hoje eu teria 20 anos... faz 20 anos que eu saí daqui, então eu fiquei 15 aqui. Eu digo muito isso a ela, ela está no Sul agora e eu estou planejando visitá-la, porque ela não viaja mais. Depois que ela saiu daqui a gente se encontrou algumas vezes para almoçar, e hoje se Deus quiser eu quero planejar logo essa visita lá, para dizer mais uma vez a ela, que também já está com a idade meio avançada. Então isso tudo foi mérito... e você sabe que eu digo isso nas minhas conferências, eu dou muito aula em pós-graduação, e eu falo para os alunos fazerem o trabalho de conclusão de curso com carinho, fazerem com interesse no tema e para quem vai para o mestrado também, buscar um tema que você se identifique que vai acrescentar, que você deixe como um legado, isso vai fazer diferença, isso vai ser um tijolinho na ciência, na minha categoria. Então isso é muito importante, você gostar do que você está fazendo, porque o fruto disso é imensurável,

you não consegue saber hoje onde vai parar sua pesquisa, então... que seja uma coisa que você goste, que seja importante para você. Isso é muito especial, e tudo isso por conta de... Voltando na história, eu atribuo tudo isso também ao estágio, por que? Eu comecei a pesquisa eu ainda era acadêmica, depois se eu arrumasse um trabalho com outras características que não as daqui, talvez eu não tivesse continuado e quando eu conversava com ela..., era engraçado porque as pessoas sempre davam um pouco de risada, porque eu já estudava a papaína, mas ficou muito gravado nas pessoas a coisa da fruta, do mamão *in natura*. E não era uma época que isso era usual, sabe? Eu me entusiasmava tanto com os resultados que eu convencia as pessoas que aquilo ia ser uma coisa boa, e ela sempre teve essa visão progressista de impulsionar, até no olharzinho dela o jeitinho que ela ouvia... “tá bom, então vai”, eu sentia que ela pensava: “que coisa doida, mas continua fazendo deve ser bom” (risos). Isso é uma provação, é uma pessoa que é referência para um aluno, pessoas que estão adiante na carreira tem uma influência muito grande na cabeça do aluno, não sei se elas se dão conta disso, então o enfermeiro que tem alguma distinção na instituição... Ah... quando ele critica o estagiário de maneira rude, desrespeitosa ou não se comporta bem, é uma judiação, porque aquilo marca muito o estagiário, influencia muito. Eu gostaria de mais que as pessoas no campo tivessem essa consciência. Eu tenho isso muito claro na minha mente, a minha visão é que o aluno..., nós que temos já experiência, nós que temos carreira, a gente influencia muito os grupos que estão começando, e a gente tem que tomar cuidado com o que fala quando estamos com eles, como se comporta. É como uma plantinha, você pode matar de sede ou jogar coisa errada sabe? Em vez de água você jogar um veneno, falar aquelas palavras ruins de que nada vale a pena, é tudo uma porcaria mesmo, a gente não chega em lugar nenhum, isso faz as pessoas saírem da categoria, buscarem outras frentes de trabalho e isso é uma judiação.

O estágio depois da minha turma foi cada vez mais formal, cada vez mais direcionado, eu nunca participei muito disso, eu só acolhia as estagiárias. Eu tive estagiárias maravilhosas, meninas que são minhas amigas até hoje, e aí eu mudei o papel, e como eu era uma das primeiras eu sempre tive muita satisfação em recebê-las, vivia sabe? Corrigindo, impulsionando, levando junto, você tem que fazer isso. Perguntava do curso, fazia elas entenderem que tinham que prestar conta de como estava indo, que eu queria..., como ela estava comigo eu dizia: “agora você está comigo e tem que ser do meu jeito” (risos). Então eu levava a coisa assim, e eu logo fui chefe de unidade aqui, até por falta de pessoas, porque a Lore foi criando isso, não tinha isso aqui, não tinha nem enfermeiras para todas as unidades quando eu entrei, depois logo teve uma por horário e depois teve a segunda da manhã, e aí eu já era chefe de setor e quando a minha segunda enfermeira não chamava a estagiária, não dava tanta atenção... ah... eu ficava muito brava, aí eu me impunha: “não, não pode! Tem que ser assim... assim e assim”. Eu sei que depois foi cada vez melhor, tinha acompanhamento. Visita? Imagina que tinha visita, a gente conhecia o vestiário e o banheiro e mais nada, e o setor seu é aquele... e a gente ia explorando o hospital. Depois não, tinha um guia de visita no hospital para conhecer as pessoas, enfim, aos poucos tinha toda uma programação do que iam fazer, tinha ficha de avaliação, foi formalizando e cada vez mais melhor.

No final de semana eu ficava com a equipe, porque não tinha uma enfermeira por unidade no fim de semana, entendeu? Toda unidade tinha uma enfermeira líder que a gente chamava de enfermeira chefe, manhã e tarde, à noite não, à noite era uma para o hospital todo. No fim de semana ficava a supervisora, não tinha a enfermeira por unidade, aí a

responsabilidade aumentava, então no setor em alguns momentos você não tinha enfermeira, porque a enfermeira supervisora passava em todos os setores, ela passava e ficava, ela fazia ou acompanhava os procedimentos mais críticos, acompanhava os pacientes mais críticos.

Eu acho que o aluno tem que ir atrás do que ele busca. Os caminhos são diferentes para as pessoas, tem gente que gosta de um trabalho com um dinamismo, outros gostam de outro dinamismo, outro desafio, então eu acho que o estágio extracurricular é uma oportunidade fantástica para você já buscar os seus objetivos. Para os acadêmicos eu diria e digo sempre: “vá buscar, se você gosta de tecnologia, vai buscar a vivência de estágio em grandes centros de Diagnóstico por Imagem, se você gosta de pesquisa, então vai buscar os grandes centros, é a hora, é o momento de ir atrás e conquistar seu espacinho ali, mostrar interesse. Não desiste de ir atrás, porque quando a gente é aluno a gente mede menos as coisas, a gente vai muito pelo seu instinto, pela vocação, pelo emocional, então isso é tão precioso e na idade madura você vai perdendo porque você ganha outras responsabilidades, porque vem filho, casamento, as dívidas e a vida te cobra uma determinada performance até financeira. Você não pode casar com uma mão na frente e outra atrás”.

O acadêmico tem que buscar mesmo, porque é assim que as portas se abrem e você vai buscar teu caminho, e o que eu diria para os profissionais que recebem os estagiários é que tenham noção da responsabilidade que é isso para fazê-lo com o devido respeito, e ter a noção de que é nesse momento que a gente está assumindo o papel de qualquer líder, e a obrigação do líder é ter uma visão mais a médio prazo. Então, hoje a fase pode ser ruim, hoje você pode estar passando por um momento X, Y, Z, economia e tudo mais, mas ter uma noção histórica de onde saímos e onde a gente quer chegar, e manter isso para os estagiários é fundamental, por exemplo o estagiário ter uma boa noção de onde a gente saiu, quem foi Florence?, o que essa mulher fez?, por que que uma mulher nobre, de família nobre, larga tudo para cuidar de pessoas e fazer um trabalho que era feito por pessoas do pior escalão, como é que pode isso?. Entender como é que ela trabalhava, isso é tão importante... é tão importante para você saber, conhecer sua profissão. E ver hoje as mulheres de destaque, as instituições internacionais referentes a atividade do enfermeiro, enfim... isso para o estagiário tem que ser bem sedimentado porque nem toda escola te dá isso, nem toda escola, quando muito, sugerem que leiam o livro da Florence, outros falam em uma aula onde às vezes a maioria faltou porque é menos... sabe? Valorizada por alguns, e, no entanto, é tão importante. Então eu acho que essa visão... o enfermeiro que recebe o estagiário tem que ter a noção que está pegando aquela pedrinha nos últimos momentos de lapidação. Depois ele se mistura na massa e ele vai tocar, se não tiver muita força interior... então ainda é um momento bacana de contribuir, e eu espero que as pessoas sejam legais por aí com os estagiários (risos).

Participante: Bromélia

Na realidade foram dois motivos principais, um é você adquirir mais experiência, e o outro é você conseguir uma colocação, porque na época a maioria dos estagiários eram admitidos, então a gente escolhia um hospital de referência que você gostaria de trabalhar para ser estagiária. Tanto que alguns colegas meus foram estagiários em outras instituições e ficaram

nessas instituições. Então o motivo era esse, era mais pela questão de ser admitido como profissional, mas também tinha a questão do aprendizado.

Eu fiquei sabendo do estágio porque a maioria das pessoas da faculdade vinha fazer estágio aqui, você conhecia um monte de gente que vinha fazer o estágio, então era a divulgação boca a boca.

A gente não tinha, na realidade assim... a gente não tinha nenhum treinamento fora do setor, você chegava e já ia direto para o setor, quando você chegava lá tinha um enfermeiro que ia te acompanhar durante um mês ou um mês e meio, eu não sei exatamente qual era o período, mas você só podia ser admitido depois desse período de experiência. Era assim: para ver se você tinha condições para ficar lá, porque se a enfermeira falasse que você não tinha condições, você tinha duas opções, ou você prorrogava esse seu estágio de aprendizado, não lembro exatamente qual era o termo que eles utilizavam, aí depois você poderia ser admitido, ou você desistia e ia embora. Foi em 86 e eu já estava no último ano da faculdade. Eu não me sentia segura de vir antes não, aí eu vim só no último ano.

Eu vim e fiz um mês de estágio nas férias, de segunda a sexta, período de férias..., tinha que ser nas férias senão você não conseguia. Era todos os dias de segunda a sexta, durante um mês, a enfermeira... se ela te aprovasse aí você poderia ser admitido para fazer o estágio remunerado que tinham duas opções para o remunerado, ou você fazia das..., acho que era das 17h às 22h e depois de sábado e domingo era plantão, tinha esquema de plantão, ou você fazia só estágio de final de semana. Tinha um esquema de... teve uma época que você fazia sábado e domingo 12h, ou você trabalhava no sábado ou no domingo. Quem fazia esse horário da tarde também durante a semana, no final de semana era sábado ou domingo. Eu fazia só final de semana, sábado e domingo. Trabalhava para caramba, nossa! (risos).

Eu não sei a experiência das outras pessoas, mas eu tive uma experiência que eu, como que eu vou dizer..., a gente não tinha naquela época muita assessoria, era a enfermeira da unidade só. O esquema era assim: o enfermeiro que estava de plantão no final de semana, ele assumia duas unidades, então como hoje tem o coordenador de duas unidades naquela época o plantão..., o enfermeiro ficava com duas unidades no final de semana. Na realidade, a gente que era estagiário, a gente assumia uma unidade praticamente, a gente tinha o respaldo, mas a gente fazia tudo sozinha, porque como o enfermeiro tinha dois setores, era os estagiários que... claro, que iam se desenvolvendo e que tinham condições de assumir praticamente..., ele vinha dava o respaldo, a gente tirava as dúvidas, mas ele ficava na outra unidade e você tocando a sua unidade. E naquela época eu trabalhei com várias pessoas, mas naquela época, particularmente, eu peguei uma enfermeira muito difícil, então... nossa senhora, aprendi na raça, essa é a palavra (risos).

Então, negativo é difícil você ver um ponto negativo, hoje eu não consigo ver isso, talvez naquela época porque era bem puxado, era bem cansativo, mas o aprendizado..., a gente aprendia muita coisa, muita coisa, não só do ponto de vista técnico, porque eu acho que por mais que você sai da faculdade crua, tecnicamente falando, mas também do ponto de vista administrativo você já ia vendo como o enfermeiro lidera, como que ele..., você tinha função praticamente de enfermeiro na unidade. Muitas vezes você assumia paciente, mas muitas vezes você que resolvia as questões, acabava resolvendo as questões.

Tratamento diferente não, como eu falei para você, muitos faziam, eram poucos que não faziam o estágio extracurricular na minha época, ou nessa instituição ou em outra instituição,

mas o que a gente percebia era que quando tinha as discussões, você tinha muito mais bagagem de aprendizado do que as outras pessoas, porque você escutava falar as coisas e você pensava: “nossa já passei por esta situação, já me vi nesta situação, entendeu?”. Então assim..., não percebia nenhum sentimento deles (colegas de classe) em relação a gente, mas eu percebia que o nosso aprendizado era maior do que o deles, com certeza.

Os professores, alguns estimulavam, alguns brigavam porque tinha pessoal que fazia uma escala muito pesada, daí prejudicava a faculdade, o pessoal dormia na aula, porque trabalhava todos os dias da semana, então era bem puxado. Tinham alguns professores que ficavam enchendo o saco, mas a maioria estimulava porque percebia que era um aprendizado a mais para gente. Você já saía de lá preparada, além da questão de você pensar assim... que é outro ponto da primeira pergunta que você me fez, é muito mais fácil você ser admitida para trabalhar em uma instituição que você já conhece, o stress é menor, você já conhece as pessoas e é muito melhor.

A unidade onde eu fazia estágio era muito boa no sentido de relacionamento com a equipe, estou tirando o enfermeiro tá? Tinha muita cooperação, muito respeito, porque eles percebiam que apesar deles terem o conhecimento prático, eu tinha mais conhecimento teórico, então havia uma troca. Tinha algumas situações em que eu tinha problema com o enfermeiro, mas era uma questão de perfil do enfermeiro, que eu não sei, talvez outros colegas não tivessem, e eu escutava também outros colegas dizerem que tinham alguns colaboradores que não aceitavam o estagiário, alguns funcionários, porque achavam que o estagiário estava querendo tirar o lugar deles entendeu? Era uma questão de relacionamento, mas eu nunca tive. Eu sempre me relacionei muito bem, inclusive fui enfermeira de alguns desses colaboradores anos depois, tranquilo, um relacionamento superbom, de aprendizado. Ainda bem, eu trabalhei com pessoas profissionalmente maduras, que não estavam preocupadas com essa questão do..., tinha troca, então dei sorte (risos).

Ah com certeza, eu não sei se eu não tivesse feito o estágio se hoje eu estaria aqui, isso é com certeza absoluta. Eu acho que mesmo que eu não tivesse ficado aqui, o fato de você ter feito um estágio extracurricular e ver como é que é, como que funcionam as coisas, minimizam seu stress na hora de ir para uma outra instituição... não faz um bicho de sete cabeças: “ai como é que vai ser?” Porque a realidade na faculdade é completamente diferente, completamente diferente. Então eu acho que mesmo se eu não tivesse ficado aqui teria me ajudado bastante a ir mais tranquila para outra instituição. Terminou o estágio, teve um processo seletivo e aí a gente foi admitida como enfermeira, porque trabalhei até metade de dezembro, e tirei uns dias de folga e em janeiro, primeira semana de janeiro eu já estava trabalhando.

Participante: Camélia branca

Então o que aconteceu: na época a gente fazia fundamentos de enfermagem, que é onde a gente tinha a vivência do hospital e às vezes era um paciente para cinco ou seis alunos, então eu comecei a ficar meio que desesperada. A minha natureza é ansiosa e o que eu queria, eu falei: “gente eu vou sair da faculdade sem saber fazer as coisas?” Porque eu fui percebendo que você ia uma semana no estágio e nem sempre você tinha a vivência ou a experiência que era

dada, tipo passar uma sonda vesical, fazer uma injeção, a punção venosa. Eu e mais uma amiga começamos a procurar. Na época tinha o Humberto Primo e o Oswaldo Cruz não tinha, mas as duas carudas vieram aqui e a Miriam veio procurar depois aqui no final, e eu e a Claudia a gente começou o estágio na época que era a semana toda, a gente trabalhava das 16h às 22h e no final de semana a gente revezava, uma dava plantão no sábado e a outra no domingo. A gente ia para faculdade, saía da faculdade mais cedo e perdia um período de aula, mas a gente tentava repor com as colegas e vinha para cá, porque a gente identificava que era muito mais importante naquele momento ter a prática. Conhecimento a gente ia pegar os livros e acabar lendo, e isso a gente conseguia adquirir, mas o relacionamento com o paciente, essa vivência mesmo a gente não tinha, e o hospital (hospital público) na época estava assim: a gente percebia que as professoras estavam meio que perdendo o estágio, tinha várias faculdades fazendo estágio nessa época, não era só USP. Porque a nossa ideia era que o hospital é nosso, e quando você ia para lá você via que já tinha mais, aí você ia para o posto de saúde e tinha outras escolas, ia pro Amparo Maternal você tinha que dividir com a Santa Casa, com a Escola Paulista. Então você chegava lá tinha uma parturiente para 10 alunas, coitada... a gestante não aguentava porque você ficava colocando a mão nela, a parturiente tinha que levantar toda hora para ver a evolução da episio, então eu falei não, comecei a ficar desesperada e eu e minha amiga viemos para cá, e a gente foi muito bem recebida. Na época era a dona Lore que estava aqui e a Harue que era tipo uma assistente da dona Lore, e ela falou: “ah, vamos arriscar?” E eu falei: “vamos”, e aí nós entramos. Isso foi em 79, entre o primeiro e o segundo semestre de 79, porque a gente estava terminando fundamentos e começando médico cirúrgico, e o que a gente fazia? A gente acompanhava na época o atendente de enfermagem, porque não existia, na época era assim... era uma enfermeira, de manhã tinham três enfermeiras, à tarde tinham duas enfermeiras e à noite tinha uma enfermeira por cada plantão. O hospital tinha os atendentes e os auxiliares, técnicos de enfermagem ainda não porque estava começando. E a evolução..., eu acho que o que a dona Lore teve a visão de ver nessa época, que os atendentes iam acabar sendo extinguidos, então a gente acabou pegando um pouco das atividades do atendente e entrando como mão de obra, a gente tinha uma remuneração muito boa. Eu lembro que na época eu juntei o dinheiro para casar, porque o que eu ganhava com metade, porque a gente dividia o salário, eu e a Claudia, a metade do nosso salário era mais do que muitas enfermeiras em São Paulo, como estagiária, além da gratificação de ter as experiências em campo, a gente tinha o salário que era um salário razoável. A gente ficava em uma unidade que era muito grande, a terceira seção, que tinha enfermaria, tinha quartos e os atendentes nessa época eram extremamente habilidosos, eles passavam as coisas para gente com uma técnica, que a gente ficava assim: “gente... isso a gente não aprende na faculdade, a gente aprende isso no campo de trabalho”. Então você via um pessoal muito zeloso. Desde que eu entrei aqui no Oswaldo Cruz eu sentia isso, a enfermagem daqui mandava e tinha um parâmetro técnico, tinha uma fundamentação, um fundamento básico muito grande, apesar de ser um atendente de enfermagem ele usava tudo com muita clareza. A gente percebia que aquela enfermeira que ficava no andar, pegava duas ou três unidades, ela conseguia passar as atividades e a forma como executá-las de uma forma muito precisa.

A Lina entrou depois, não somos da mesma turma. Eu vim antes, depois veio a Lina e a Valclei e elas trabalhavam só no final de semana, e a gente trabalhava na semana. Praticamente eu vim dois anos antes dela, porque eu entrei na metade do segundo ano, ela entrou acho que

na metade do quarto ano. Ela ficou uma parte do quarto ano e ficou depois também efetivada aqui. O estágio começou com a gente em 79, na verdade foram três: eu, a Claudia e a Miriam Lucateli. A Miriam hoje eu acho que é professora em Campinas e a Claudia faz doutorado e trabalha com a parte de resíduos, ela é da UNICAMP, é professora lá e está junto com o Ministério do Trabalho, é bem envolvida e continua estudando bastante.

Eu acho que o que tinha antigamente que deixava a gente muito motivada era o comprometimento dos profissionais da época, a gente sentia, desde o pessoal dos serviços gerais até a enfermeira, a gente via o comprometimento do pessoal aqui no hospital, era um pessoal que trabalhava com amor e com sabedoria na hora de fazer, porque eu sempre falei: “a enfermagem eu acho que tem um conhecimento técnico, tem um conhecimento teórico, mas existe uma coisa muito importante que é o bom senso, de você estabelecer que a hora que você tem que tomar uma decisão você pensar essas coisas e tomar uma decisão, porque é o bom senso”.

Na época não tinha educação continuada começou depois. Tinha a dona Maria que era da educação continuada, mas a gente tinha muito pouco contato com ela porque saía entre 15h e 16h e a gente entrava às 16h, na verdade a gente entrava e ficava acompanhando o atendente. Então, no começo o atendente e o auxiliar, e as enfermeiras sempre davam um suporte para gente, mas como elas tinham uma carga de trabalho muito grande, a gente entrava como mão de obra mesmo. O atendente pegava a gente fazendo as coisas e na hora que eles sentiam que a gente estava solta, porque na época todo preparo cirúrgico era feito à noite, a tricotomia, lavagem, na época tinha uma coisa que chamava embrocção que você não deve nem saber o que é, e a gente fazia tudo isso à noite, preparo de colonoscopia com manitol, todas essas coisas a gente iniciava. Tinha que passar uma sonda vesical, era a gente que ia passar, tinha que fazer um curativo, era a gente que ia fazer, e eu acho que tanto eu quanto a Claudia a gente tinha uma coisa muito boa, a gente não tinha medo de nada... “vamos fazer a primeira vez?... vamos!”, e a gente ia com a funcionária e acompanhava. Ela fazia uma vez, a gente percebia, ficava lá de molho, aí na segunda vez ela perguntava: “vocês querem fazer?”, e eu respondia: “quero”, e a gente ia e essa funcionária acompanhava com a gente. A gente tinha a supervisão desta funcionária. E a gente trabalhava muito nos finais de semana, porque no sábado e domingo a gente assumia paciente, a gente entrava na escala, a gente dava banho, curativo, medicação, a gente acabava fazendo tudo. Foram dois anos e meio.

Olha positivo, eu acho que foi um crescimento e foram experiências que foram me dadas que eu acho assim... se eu ficasse só com a faculdade, só com a graduação eu não teria metade do conhecimento técnico que eu tive. A experiência, o relacionamento com o paciente foi uma coisa que a gente adquiriu porque quando você é estagiária você tem medo de falar com o paciente, você acha que ele é um monstro, e a gente foi vendo como é que o pessoal daqui lidava com uma facilidade, com uma tranquilidade, muito respeito, mas muita tranquilidade, e isso foi somando para gente.

Os médicos tinham muito respeito pela gente, e eu nunca tive problema nenhum com nenhum médico. E a dona Lore era uma pessoa que desde quando a gente entrou tinha uma coisa muito importante, ela fazia a gente tratar todas as pessoas como senhor e senhora, do funcionário ser uma auxiliar, um atendente ou um técnico “senhor e senhora”. Então essa parte

do respeito foi muito importante, uma coisa que eu acho que você carrega para o resto da sua vida.

Eu acho que negativo assim... perder um pouco das aulas, da vivência da faculdade, mas primeiro porque eu precisava do dinheiro, que é uma parte importante porque eu perdi meus pais cedo e eu tinha que trabalhar, mas essa vivência com a faculdade e um pouco das aulas que eu perdi foram prejudicadas, mas nada que ao longo do ano, nada que até hoje... eu aqui na auditoria eu não sei tudo, começa uma técnica nova, um material novo, um medicamento novo, você lança mão da bibliografia e vai estudar, você não pode parar.

Como a gente ficava na avenida doutor Enéas, graças a Deus naquela época não tinha trânsito, então a gente chegava na avenida Paulista tomava um ônibus e em 10 minutos eu estava aqui. Eu vinha para cá e entrava 16h, saía 22h “entre aspas”, porque nem sempre a gente conseguia sair às 22h, daí eu chegava em casa por volta das 23h, ia tomar banho, às vezes estudar para a prova, então isso era puxado, mas eu acho que sem esforço a gente não consegue nada.

Engraçado na graduação a gente sente que o pessoal olhava como se você fosse um extraterrestre, primeiro porque chegava nos estágios normais a professora já colocava tanto eu quanto a Cláudia como líder do grupo, e a gente meio que fazia gestão daquele grupo. Como a gente já tinha uma vivência em alguns estágios a gente ficava sozinha. No estágio do Amparo Maternal a própria professora falava: “você sabe? Então fica aí sozinha”. Vinha medicação e os próprios funcionários do hospital (hospital público) já percebiam porque a gente era um grupinho, e é tão engraçado o nosso grupo de estágio, todas faziam estágio extracurricular, duas faziam no Amparo Maternal, duas no Nove de Julho e duas aqui no HAOC. Então as seis já trabalhavam, quando a gente chegava no hospital (hospital público) para alguma unidade, o pessoal largava..., às vezes a gente ficava até um pouco chateada, porque ficava todo mundo na salinha de café e quem assumia a unidade era a gente. Eles tinham tanta tranquilidade que a gente acabava assumindo. Durante a graduação eu não senti tanto problema. Quando eu fui fazer uma especialização em obstetria, porque na época ia montar maternidade aqui, porque aí eu já era enfermeira, eu trabalhava das 14h às 22h aqui e ficava na faculdade até mais ou menos 13h, 13:30h e eu perdi um pouco da matéria, só que eu xerocava o caderno e chegava no final de semana eu ficava estudando. Teve um episódio que eu fiz a prova e a outra menina também, e a minha nota foi maior que a dela, a menina foi reclamar com a professora, e a professora veio me contar que minha colega foi reclamar que eu não estava em aula e a minha nota foi maior, ela queria que a professora tirasse minha nota. Eu falei para ela que nem sempre a presença é sinal que você está presente na aula, eu falei: “eu não estou presente na aula, mas a sua matéria eu levei para casa e estudei”. Eu falei para ela: “então vê a sua nota de acordo com a participação em aula. Se você for colocar pela minha participação em aula você vai me dar zero, mas pelo que eu consegui me envolver e consegui subtrair da sua matéria”. No fim ela acabou mantendo. Mas isso é uma coisa muito chata, porque eu acho que a enfermeira tem isso, uma fica preocupada com o resultado da outra e porque a outra não estava na sala de aula, tem que levar uma nota menor do que a que estava em aula, mas eu acho que isso é da classe, a classe é desunida e eu acho que não trabalha junto. Eu não sinto este corporativismo na enfermagem, parece que uma quer dissociar da outra. Vamos caminhar junto, você está fazendo isso e é legal? Me ensina. Eu acho que isso com o estágio nosso grupo tinha muito disso, uma ajudava a outra. Se uma tinha que sair mais cedo e não conseguiu fazer evolução do paciente,

então falava: “olha deixa comigo, me passa os tópicos que eu vou lá e faço a evolução”. A única coisa que a gente não fazia era medicação, que isso a gente aprendia muito bem, quem tira a medicação é quem administra. Ou a gente fazia tudo, ou não fazia a medicação e isso a gente tinha bem claro. Mas era um grupo que perante a classe, nós começamos com 80 e no final deve ter se formado com 45, a gente sentia que esses 20% da classe é um grupo um pouquinho mais aluno, o resto é mais tranquilo, tinha uma vida financeira mais confortável, muitas terminaram a faculdade para depois começar a procurar emprego, muitas terminaram a faculdade e não exerceram a profissão... casaram. São motivações diferentes, eu tinha que trabalhar e tinha que ganhar dinheiro.

Era excelente, eles me tratavam como se eu fosse funcionária e como eu era ainda, porque assim na época que eu e a Claudinha a gente era duas crianças, entrei na faculdade com 17 anos e comecei o estágio com 19 anos. E todos os funcionários daqui eram muito antigos, eu era como se fosse a filha, neta deles. Tinha médico que me chamava de boneca, garota então era bem assim. A gente tinha um tratamento, mas a gente sentia que da mesma forma que a gente era tratada com muito carinho, a gente era cobrada. Eles contavam com a gente, então tinha isso acho que eu e a Claudia a gente correspondia porque a gente tinha esse comprometimento, tanto de horário, quanto não faltar no final de semana. Se por acaso ela tinha algum evento ou tinha que sair ou alguma coisa, a gente dobrava o plantão, a própria escala a gente tentava se cobrir, porque a gente sabia que não podia perder isso, o voto de confiança que foi dado para gente, nós tínhamos que fazer por merecer. Mas a equipe na época, era uma equipe muito tranquila, tanto que tinha festinha, a gente participava. Na época eles ganhavam... a gente percebia que eles tinham gorjeta, caixinha que eles ganhavam dos pacientes, e eles contavam com a gente na divisão, e dizíamos: “mas eu trabalho só meio período”, e eles diziam: “não, vocês contam como funcionárias”. Festa de final de ano, a gente recebia a cesta de funcionário, tudo igualzinho. Então a gente era contado como funcionário e tinha um respeito muito grande do pessoal, de tudo, tanto do serviço geral, da lavanderia, farmácia e assim foi bem tranquilo.

Nós começamos, e eu acho que foi uma coisa que para eles era novidade e para gente era novidade. Acho que todo mundo apostou para dar certo, isso foi o mais gostoso. Era tudo muito novo, mas como a gente entrou como mão de obra e a gente tinha essa ansiedade, essa coisa de fazer as coisas... queria fazer as coisas. Então a gente entrava com muita boa vontade: tinha que fazer cama? Vamos fazer cama, tinha que lavar comadre? A gente ia lavar comadre. A gente não escolhia o serviço, e eu acho que isso foi muito importante eles perceberem que para gente serviço é serviço, atividade era atividade, a gente estava aprendendo porque desde coisas pequeninhas, a gente queria aprender a fazer tudo desde o comecinho e com o tempo, depois que a gente se formou é que foi aumentando o quadro de enfermagem, porque todas que se formaram na época e que eram estagiárias foram admitidas como enfermeiras.

Olha primeiro por conseguir o local de trabalho e eu acho que a maturidade para você assumir tudo que vinha pela frente, porque até um determinado momento eu era estagiária, parceira do auxiliar e do técnico, passou dezembro e janeiro eu era a gestora, e ia trabalhar dando atividades, tendo que fazer escalas, coisas que até uma semana atrás eu estava na escala, eu era contada como uma auxiliar. Então eu acho que essa maturidade, esse desenvolvimento foi graças ao estágio. Me ajudou muito, primeiro porque eu acho que eu amadureci muito nos dois anos e meio, com o tempo, com as dificuldades e com os desafios, porque acabei de fazer

o estágio e eu já estava empregada. Não tinha aquela neurose: “nossa! eu vou sair e vou ter que ficar um, dois meses desempregada”, não! Eu já tinha emprego, e consegui o emprego e já fui fazer a especialização, não parei. Na época eram quatro anos e eu fiz a especialização de um ano, me formei, me casei e começaram os filhos.

Algumas enfermeiras eram próximas nos finais de semana, porque a gente percebia que no final de semana além de ficar um tempo maior, a gente percebia que era mais complexo porque a enfermeira que ficava durante a semana com duas ou três seções, no final de semana ela ficava com o hospital todo. Então ela tinha que contar com a gente e ela apostava na gente. Então o que tinha que fazer que ela podia acabar delegando para gente, ela delegava. Tinham umas que confiavam muito, nessa época tinham duas enfermeiras na Unidade de Terapia Intensiva que ficavam só de manhã, e à tarde tinha que ir uma enfermeira para lá e algumas vezes, a gente como estagiária, o pessoal colocava a gente lá. Eles perguntavam: “você tem medo?”, e eu dizia: “porque vou ter medo? Tem mais funcionário e médico lá dentro e eu vou estar menos arriscada”. Nessa época os próprios médicos da Unidade de Terapia Intensiva acabavam dando atividades para gente, Sondagem Nasoenteral e Sondagem Vesical de Demora, era só a enfermeira que passava, se tinha esses procedimentos o médico chegava e chamava: “você quer aprender, você quer fazer?” E eu dizia: “quero”, e eu ia. “Então vamos lá que eu fico do seu lado”. Até os médicos sentiam a presença da estagiária e respeitavam a gente. Sabiam que a gente estava lá para aprender e para somar.

Eu fazia estágio na semana e a gente revezava no final de semana, sábado eu ficava, domingo a Claudia aí no outro final de semana a gente trocava, ela ficava no sábado e eu no domingo.

Em todo meu estágio eu acho que eu cresci muito e o respeito dos profissionais daqui era muito grande, além do comprometimento. Eu aprendi muito e eu nunca vou me esquecer de uma atendente que começou com a gente. Era uma pessoa que você olhava para ela... a técnica do curativo, aquilo que a gente aprendia na faculdade e a via fazendo, eu dizia: “gente que coisa maravilhosa”. Uma pessoa que não teve chance de estudar, mas com o passar e a prática da atividade ela fazia daquilo a coisa mais importante, e passar para gente que ela fazia aquilo com amor. Para mim isso foi muito importante, e ao longo do tempo eu tive muitas estagiárias e o que eu tentava fazer, aquela coisa que foi boa para mim e foi gostosa para mim, eu tentei fazer para as outras enfermeiras também. Foi uma coisa que a gente cresceu tanto, que tinha que dar oportunidade para as outras. Então assim, o que tinha de novo, o que tinha de especial, era uma técnica nova, um medicamento novo ou curativo novo ou diferente eu tentava incluir as estagiárias. Eu acho que tem que ser o dia a dia, tem que ter a medicação, mas você não pode deixar o estagiário só como mão de obra para acabar fazendo essas atividades, você tem que agregar e dar um recurso para eles. E você percebia quando o estagiário tinha comprometimento, boa vontade de ir além e fazer algo mais, ou quando a pessoa era acomodada e não queria fazer.

Então você percebia que tinha estagiária que chegava lá e fazia tudo em dois minutos e dizia: “dona Ítala o que eu posso fazer?” E eu respondia: “vamos ver o carrinho de parada?, vamos ver se o carrinho de parada está em ordem?”. “Olha você já puncionou Port a Cath?”, e elas diziam: “não, nunca”, e eu respondia: “ah então tá bom, vou ver se tem alguma unidade para você puncionar o port”. Na época a gente preparava Nutrição Parenteral Total. Eu perguntava: “você já preparou Nutrição Parenteral Total?”, e elas respondiam: “não, nunca”.

Eu continuava: “então você entra comigo na próxima no fluxo laminar”. Agregar experiências que provavelmente não iriam ter, porque aqui era um campo de trabalho rico, tinha pacientes que eram particulares e convênio e a gente tinha material de última ponta, tecnologia de última ponta, então eu acho que tinha que agregar tudo isso.

Eu acho que o mais importante que depois de formada eu percebi que aqui ao longo dos anos, eu não sei agora, mas na época que eu trabalhei, a dona Lore nunca deixava a gente se acomodar. Se passava dois anos e ela via que você não estava estudando, ela dizia: “e aí...vai fazer algum curso?, vai fazer uma especialização?”. Então eu acho que esse desenvolvimento, às vezes eu dizia: “mas eu estou grávida”, e ela dizia: “mas isso não é impeditivo de nada”. Então eu voltei grávida, eu estava dando de mamar e estava estudando e percebi que esse crescimento tanto técnico, quanto científico sempre foi muito estimulado aqui. E algumas coisas que foram deixadas para gente e que eu acho muito importante, toda a direção daqui, eles não queriam que a gente se comprometesse com nenhuma empresa.

A dona Lore criou algumas coisas na gente que levamos para o resto da vida, tanto que hoje na auditoria, às vezes vem laboratório, o pessoal de medicamento, de material, tenta passar as coisas, e eu digo: “obrigada, agradeço, fico com a parte bibliográfica”, mas só.

Eu cheguei aqui e foi aquela cara de pau porque a gente foi até o Humberto Primo que é aqui próximo, e falaram que todos os estágios estavam cobertos. Lá era só na Unidade de Terapia Intensiva e a loucura da gente era ir para este setor. Daí a gente foi até o Nove de Julho e também não tinha. A gente estava aqui perto e eu falei: “Claudia vamos tentar?” A gente tentou falar com a dona Lore e eu nunca vou esquecer a secretária chamava Helena. Nós chegamos aqui e dissemos: “nós somos estudantes de enfermagem, e a gente está querendo uma oportunidade, e nós já fomos em outros dois hospitais e não tivemos sucesso. A gente queria fazer estágio, e nós queremos saber se vocês estão abertos à estágio”. Ela ficou pensando, uma olhando para a outra e arriscaram para gente.

Eu acho que você tem que arriscar, se você não arrisca e não vai atrás das coisas... Eu sabia que a Mirian estava tentando e eu falei: “Claudinha vamos lá... ela está tentando e a gente vai ter que conseguir”.

Eu acho que o mais importante foi isso, a gente queria aprender, queria somar com o hospital, ter uma força de trabalho mais barata, mas uma força de trabalho com um pouco mais de qualificação, e a dona Lore acreditou e deu a oportunidade.

Participante: Hibisco

Aprender a trabalhar como enfermeira porque a faculdade não dava esta formação. A gente tinha muita aula teórica, os estágios não davam tanta base e eu vi que quanto mais eu pudesse aprender em outros lugares, eu ia me formar melhor. Então eu procurei aprender de outra forma.

Eu lembro que eu devo ter feito uma prova, é porque como eu entrei como enfermeira eu não sei se confundo as duas coisas. Eu lembro que o estágio era com a Renata, uma enfermeira brava da Educação Continuada. Ela levava a gente nas unidades, perguntava coisas sobre a medicação e eu não sabia responder, depois ela me ensinava o que era e eu aprendia.

Acho que eu fiquei um mês inteiro fazendo nas férias (penso eu), porque era durante a semana e tinha essa pessoa para me ajudar, para acompanhar a gente. Não sei se eu lembro de mais nada! Eu já fui para o fim de semana, porque eu vinha para trabalhar só fim de semana, 12h, porque a faculdade era de manhã e à tarde, então durante a semana eu não podia, mas sábado e domingo eu podia. Como era um horário a mais e eu tinha que fazer um horário fora do horário da escola, então eu vinha de sábado ou de domingo.

Eu não lembro de ter tido ponto negativo, só ponto positivo, uma experiência boa, aprendi muito aqui, sempre fui muito responsável, sempre achei que eu tinha que estudar bastante, que dependia de mim para ser uma boa profissional. Eu sugava tudo que o hospital dava e tudo que a faculdade dava, estudava tudo que me davam. Então, era mais um lugar para eu aprender coisas.

As pessoas..., não lembro de ter sido maltratada, não lembro de ninguém me receber bem, não lembro. Não tenho nenhuma lembrança ruim, mesmo no fim de semana as pessoas sempre tratavam a gente muito bem, os funcionários, não lembro de nada ruim.

Não tenho a menor ideia (risos) não sei, na verdade na minha panelinha muitas vieram, então deixa eu ver se lembro..., a minha classe veio em muitas pessoas, a gente veio em muita gente, não lembro se as pessoas me receberam diferente, não sei te dizer.

Sempre muito boa, quem a gente mais ficava próximo era dos auxiliares, naquela época não tinha técnico, então eles é quem mais ensinavam a gente do que os enfermeiros na verdade. Porque a gente ia para o banho, para os procedimentos e quem mais ensinava a gente eram os auxiliares. Ou eles sabiam que tinham que nos ensinar ou eles viam a gente..., eu não sei. O fato é que eles sempre trataram a gente muito bem, sempre como iguais, sempre ensinando, dando dicas, mesmo com as enfermeiras, elas sabiam que a gente vinha. Eu não tinha claro na época aquela noção de que eu era uma mão de obra barata, eu não tinha essa noção. Agora a gente tem essa noção de que o estagiário é usado como uma mão de obra, um ajudante, mas eu não tinha essa noção na época, mas nunca me senti mal ou usada, pelo contrário, sempre me senti muito agradecida porque eu estava aqui. O salário era excelente, eu não lembro exatamente o valor, mas eu achava um máximo aquelas 12h que a gente ganhava, era um valor exorbitante. Eu não trabalhava, sempre estudei em escola pública a vida inteira, meus pais não tinham dinheiro, então aquele dinheiro... nossa! Eu vinha maravilhada, maravilhada. A gente sempre agradeceu muito, um salário muito bem pago.

Sem dúvida, porque eu fiquei aqui. Se eu não tivesse ficado eu acho que eu teria arrumado outro emprego, eu nem cheguei a pedir. Sem dúvida, pela prática toda que a gente viu, por toda a aplicação da teoria na prática, sabendo que eu tinha feito estágio no fim de semana, sabendo que eu tinha dado um monte de carga horária fora do hospital, sem dúvida. A maioria das pessoas não faziam isso, então sem dúvida eu tinha um acréscimo.

Eu não cheguei nem a pedir emprego em outros lugares, nem a fazer currículo. Daqui já prestamos a prova e já fiquei direto, então não tive essa vivência, mas sem dúvida para mim foi muito importante. E eu nem sei se eu tinha essa noção quando a gente começa porque lá no terceiro ano, quando começa e fala: “olha lá no quarto ano você pode pedir estágio”. Quando a minha vida ia ser trabalhar a vida inteira? Quando eu imaginei que eu ia arrumar emprego? Se tivesse um estágio que iam me dar em um hospital que eu pudesse trabalhar..., é foi fantástico. Eu não conhecia o Oswaldo Cruz, não tinha a menor ideia do hospital que era, mas era o hospital que ofereceu, nem tinha outro hospital que oferecia algo assim, não lembro.

Participante: Flor de lótus

A questão do aprendizado, porque eu não achava só o estágio da universidade suficiente para desenvolver habilidade, principalmente habilidade técnica e também a parte financeira, porque como a faculdade era período integral a gente não tinha outros recursos. Então era uma boa oportunidade porque a remuneração era muito boa, e a gente trabalhava de final de semana, tinha o expediente do final da tarde e começo da noite e dava para conciliar bem com a faculdade.

Quando eu fui estagiária nós fazíamos cobertura do técnico de enfermagem que estava de folga ou férias. Não peguei o voluntário, eu cheguei passei pelo processo seletivo, fiz um período de treinamento e os dois últimos anos da faculdade foi fazendo o estágio. Entrei no começo do terceiro ano, era obrigatório, eles não recrutavam pessoas no segundo ano.

Na época o enfermeiro acompanhava muito pouco, porque a complexidade dos pacientes era bem diferentes do que é hoje, a parte de medicamento, então era bem diferente. Quando tinha alguma coisa específica, ou das vezes algum profissional que era professor de universidade, ele acompanhava um pouco mais, explicava e ficava um pouco mais próximo, mas na época o grande contato mesmo em campo, era com os técnicos de enfermagem.

Não tinha um documento formal de liberação, conforme você tinha desenvoltura você ia lá e fazia a prática, não tinha uma pessoa te validando: “olha você está correto ou não está correto”, entendeu?

Eu fazia nos sábados e domingos, jornada de 12h. Muito difícil trabalhar na semana, só quando eu trocava com alguma colega, porque as vagas já eram estabelecidas assim, algumas pessoas faziam o horário intermediário e eu fiquei com o final de semana, porque para mim era mais interessante.

Olha negativo, eu sinceramente não me lembro de nenhum, talvez se tivesse um acompanhamento um pouco mais próximo como você comentou. Então das vezes a gente ia lá para fazer algo e ali no meio da sua atuação você percebia que talvez não tinha tanta clareza e segurança naquilo, aí você parava e pedia ajuda. Talvez se tivesse uma pessoa mais próxima no suporte seria interessante. Agora de positivo bastante coisa, na verdade muito da parte prática mesmo o que eu adquiri de conhecimento foi aqui, e também comecei a ver melhor o papel do enfermeiro. Porque os outros campos de estágios eram principalmente em instituições públicas, e a gente não conseguiu observar o enfermeiro mesmo neste contexto administrativo assistencial. Aqui era interessante esta proposta, o enfermeiro ainda era, apesar de ser gestor da unidade, ele também era bem assistencial.

Não me lembro... nada, nada (sobre a percepção dos colegas de classe que não realizavam o estágio).

Muito boa (a relação com a equipe do setor), como eu falei a gente tinha um contato, principalmente com os técnicos, tinha um contato muito próximo. Alguns deles ainda estão na casa e eles eram muito apoiadores, ajudavam bastante, orientavam, então no geral foi bem bacana, eu tenho boas lembranças desta interação.

Sem dúvida. Ah... de várias formas, primeiro romper um pouco do medo, porque quando você se forma tem aquela dificuldade de aproximar a teoria da prática e você se sente inseguro, e ao mesmo tempo você sabe que em um grupo de técnicos, principalmente antes que não tinha

o número de enfermeiros que a gente tem hoje no mercado, teoricamente você já ganhava o papel de líder e sem experiência nenhuma de ser o líder de uma equipe. E para os técnicos a liderança estava também muito atrelada à capacidade técnica, então sempre se pensou no enfermeiro como aquela pessoa que consegue fazer tudo que o técnico não conseguiu fazer, e na verdade a gente sabe que isso não é real, tanto do ponto de vista de percepção quanto de acontecer mesmo. Quando eu fui procurar meu emprego, meu primeiro emprego foi em uma unidade de pediatria, então já por si só a gente fica mais assustada, porque com criança tudo é mais delicado, você precisa de maior habilidade e isso me ajudou bastante, porque de certa forma eu já tinha desenvolvido uma parte desta habilidade. E de relação também, relação com o paciente, relação com o acompanhante.

Eu lembro muito do quanto o enfermeiro era reconhecido aqui, como era comentado, para quem era aluno era um orgulho estar estagiando aqui. Fiquei sabendo do estágio na universidade.

Participante: Cravo branco

Quando eu estava na graduação eu sentia que eu tinha muita necessidade de adquirir destreza nos procedimentos, minha principal razão foi essa. Eu observava que algumas alunas do ano seguinte que eu estava, alunas do quarto ano que já faziam estágio aqui, eu comecei a conversar com elas e uma delas especificamente me indicou, me orientou como me inscrever para poder fazer a prova e poder vir fazer o estágio. Então eu vim buscar desenvolver habilidade para fazer os procedimentos..., é isso.

Para falar a verdade, oficialmente eu fiz estágio em 86, só que em 85 eu estava no terceiro ano e a minha ansiedade era tanta..., e eu sabia que era só no quarto ano, mas eu vim aqui conversar com a dona Lore, que era a gerente de enfermagem da época, e ela permitiu que eu ficasse acho que por uns dois meses ainda quando estava no terceiro ano só observando, então eu fiquei dentro da Unidade de Terapia Intensiva. Não podia pôr a mão em nada, não podia atrapalhar em nada, eu tinha só que observar.

E eu fiz isso durante um tempo até para perder medo do ambiente, para observar o comportamento das pessoas, e isso me ajudou bastante. Oficialmente eu comecei a fazer estágio, e na época a gente tinha assim..., bem no comecinho a gente sempre ficava muito próximo, olha só, do atendente de enfermagem ou de um auxiliar, então eu aprendi muito com eles. Eram pessoas que tinham uma destreza, uma habilidade muito grande na realização dos procedimentos, tipo banho no leito, administração de medicamentos e assim por diante. Então, era uma proximidade muito grande com eles no dia a dia.

Tinha um período, obviamente, que eu ficava com o enfermeiro para poder aprender as questões da Sistematização da Assistência, naquela época já se fazia, o hospital era um dos principais, um dos primeiros fora o Hospital Universitário que fazia a sistematização em praticamente todas as fases, desde aquela época pensa bem. Então eu aprendi muito com isso, ficava mais próxima da enfermeira coordenadora para poder aprender a fazer a escala, aprender um pouco como ela lidava com a equipe, mas muito mais em observação, nessa parte administrativa. E com o enfermeiro assistencial, os técnicos e auxiliares era mais para aprender cuidados. Por um bom período era sempre com alguém, eu nunca estava sozinha. Passados

talvez uns três ou quatro meses a gente já era liberado para fazer os procedimentos sozinhos. Eu só fazia o estágio aos finais de semana, porque eu não queria atrapalhar a faculdade. A faculdade era integral, eu vinha uma semana no sábado, outra semana no domingo, era sempre intercalado. Ficava aqui 12h, e quando eu vinha nos plantões, depois de um tempo, eu já assumia o paciente sozinha. Eu normalmente ficava com dois ou três pacientes e dava cuidado integral, porque naquela época que estava entrando o cuidado integral, era a Lina que liderava isso, e eu peguei muito no comecinho quando não era cuidado integral, no começo do estágio, eu peguei justamente a mudança. Eu trabalhei muito pouco naquela forma de divisão por tarefa, passado esse tempo eu comecei a lidar com cuidado integral. Enfim, a gente assumia os pacientes, tinha um procedimento que parecia bem nobre, que era preparar quimioterapia e preparar Nutrição Parenteral Total, que na época era chamado de NPP. Tinha uma sala própria, tinha toda uma técnica do fluxo laminar, e a gente só podia fazer quando estava super bom, quando a enfermeira confiava em você e a coordenadora, ela tinha uma escala, aí elas separavam a gente para poder fazer esse procedimento. E participava de todo o restante, tinha sempre uma supervisão de forma que eles iam moldando a gente, e eu observava muito o comportamento delas e não só a parte técnica. Isso me ajudou muito com certeza, para depois desenvolver um pouco daquela coisa da liderança, porque quando você se forma você não é e nem se sente líder, mas só que você vai ter que liderar, você vai trabalhar. Por exemplo, era eu e um auxiliar de enfermagem e de alguma forma você está liderando o trabalho dele, você delega, inclusive, só que quando você é recém-formado, você é extremamente cru, então você tinha que observar muito para poder desenvolver tanto a parte comportamental, quanto técnica para poder trabalhar da mesma maneira.

Eu aprendi muito observando as pessoas, era a maneira que a gente tinha para aprender. E era muito diferente do que eu via e tinha como recurso na faculdade, porque o estágio era no Hospital Universitário no Hospital das Clínicas e o modelo de atenção era diferente, os recursos eram outros, então eu aprendi muito mais aqui e desenvolvi realmente habilidade, que era o que eu pretendia.

Quase que eu só consigo ver pontos positivos, eu aprendi a ser enfermeira fortemente aqui. Se eu tivesse me formado e depois ido trabalhar, acho que eu não ia ter a mesma coragem. É coragem mesmo de você assumir os pacientes, assumir uma equipe. É uma coisa complexa, de muita responsabilidade. Então eu vejo uma diferença enorme na minha formação a partir do estágio que eu fiz aqui. Muita coisa que eu só via lá como teoria, eu só consegui aplicar aqui, lá eu não tinha nem sequer a oportunidade. Talvez nos meus estágios, não falando ainda do de administração, mas nos estágios práticos se eu tinha passado duas sondas enterais foi muito, aqui eu passei 10, 15 senão mais. E tinha muita coisa que eu não via lá e via aqui, aqui contribuiu demais para minha formação, eu não tenho dúvida, mesmo se eu trabalhasse em outro hospital, o grande aprendizado foi aqui.

Ponto negativo que vem na minha cabeça é que algumas coordenadoras eram extremamente rígidas, elas não tinham o mesmo comportamento, elas não gostavam de ter estagiárias, não gostavam! E algumas deixavam isso muito claro. Tinha uma que em momentos de urgência ela me colocava parada na porta e dizia: “você não pode sair daqui”, e eu não podia entrar no quarto e ficava do lado de fora. Se fosse outra pessoa talvez tivesse feito o maior escândalo e não ita ter mais estágio para ela fazer. Eu ficava calada, tolerava aquilo e

continuava, mas era uma coisa que chegava a ser humilhante. A maioria das coordenadoras dava plantão no final de semana no próprio andar, elas vinham e a gente ficava muito na cola delas, só que algumas não queriam que você tivesse lá. Tinha uma inclusive que na passagem de plantão fazia você ficar fora da sala para atender campainha. E a gente compreendia aquilo, as pessoas até explicavam que era um comportamento da pessoa, não conseguiam mudar aquilo, então esses eram alguns pontos negativos.

A relação com os médicos, tudo, os médicos tinham muito apoio das enfermeiras, elas que ficavam de frente. Mais positivos do que negativos, com certeza.

Eu percebo que algumas por não fazer o estágio, talvez até porque não tinham interesse em participar de um processo seletivo e tudo mais, achavam que aquilo prejudicaria a gente na nossa formação. Só que como eu fazia no final de semana, não me atrapalhava em nada, em absolutamente nada. Se eu fizesse durante a semana, e tinham pessoas que faziam a partir das 16h, 17h, isso poderia comprometer. Tinha muita gente contra, mas elas não se mobilizavam a fazer isso também, de forma alguma.

Teoricamente não, eu não percebia isso, se tinha felizmente eu nem percebi, os professores também não. Nem faziam muitos comentários, não faziam. Era uma coisa meio extra mesmo, extra faculdade. Não tinha quase comentário sobre isso, nenhuma fala pública do professor em sala de aula. Eles não perguntavam o que a gente fazia aqui, eu sinceramente não via nenhuma participação dos professores, nenhuma participação da universidade dentro do hospital.

Era muito boa (a relação com a equipe do setor), mas existiam poucos, mas tinham alguns tanto atendentes quanto auxiliares de enfermagem, porque tinha muito mais auxiliar do que técnico, que tinham um certo ciúmes, os mais velhos principalmente. Então eles faziam comentários, às vezes assim: “éh... você está aqui aprendendo e daqui a pouco você vai querer mandar em mim”. Tinha uma certa, um certo mal-estar. Eu não fazia comentário a respeito daquilo, deixava passar, até porque muito bom foi quando eu me formei, e eu ia trabalhar com uma outra equipe, não era a mesma com quem eu estagiei, senão realmente ia ser bastante difícil, porque você ficou o tempo inteiro perguntando e alguém te ensinando e depois você vai, teoricamente, ser coordenador daquela pessoa, é uma coisa meio diferente. De uma maneira geral era bem aceito, mas alguns atendentes não gostavam muito, a grande maioria sim, aceitavam, ensinavam com muita paciência.

Os enfermeiros na grande maioria aceitavam muito bem. Era difícil as vezes você trazer alguma sugestão, a gente até tentava, era estimulado para isso pela própria dona Lore, alguns enfermeiros nem te davam ouvido porque você era crua, realmente era como se você tivesse falando alguma bobagem. Você não tinha experiência e não sabia bem se aquilo era tão grande novidade assim, mas elas eram educadas a maior parte das vezes. Era uma relação boa, mas eu tinha um perfil também muito, muito de aceitar. Se eu fosse uma pessoa de ficar rebatendo, não aceitar desaforo e não aceitar muita conversa, eu não teria ficado até o fim do estágio, não teria, eu tenho certeza.

Era um perfil assim, muito passivo, eu aceitava, tolerava, não fazia comentários depois, eu percebi muitas vezes a maneira como a gente passava algumas situações, se eu fosse falar por exemplo para a dona Lore, ela ia achar aquilo um absurdo, eu tenho certeza que ia, e eu não levava isso adiante, porque também eu ia me comprometer. Isso não ia mudar em nada minha

vida aqui, eu estava aqui para aprender e ponto! Eu não era funcionária do hospital. A gente passava algumas dificuldades, mas eu tolerava bem para conseguir ficar até o fim.

Tinha acompanhamento da educação continuada, mas não era tão formalizado, elas estavam começando a ter um roteiro de evolução de estágio. Tinha uma avaliação específica da coordenadora, mas era bem eventual, mas dava um feedback bem importante. Não estava tão estruturado como é hoje, hoje é muito mais.

Com certeza! Quando eu me formei eu tinha uma expectativa obviamente de trabalhar aqui, eu fiz uma prova, mas eu não tentei só aqui, eu tentei em um outro hospital. Só que quando eu cheguei nesse outro hospital, eu e mais duas colegas que trabalham aqui até hoje, nós fomos juntas. A vaga que eles tinham era de coordenação de Unidade de Terapia Intensiva, e eles queriam deixar a gente participar do processo, eu na hora disse: “não eu não vou participar, eu não tenho condições de assumir a coordenação de uma UTI, eu não conseguiria nem cuidar de um paciente dentro da UTI”. Então eu não participei porque achei aquilo um absurdo, alguém me oferecer uma vaga de liderança para quem não tinha nunca cuidado de paciente, já formado. Mas eu me sentia pouco segura para já ser enfermeira, eu ia ter que enfrentar alguma realidade. Daí eu fui chamada aqui, muito rápido, eu vim segura, porque eu já estava acostumada com as pessoas, o ambiente, com a filosofia do hospital. A minha oportunidade fazendo estágio aqui foi muito grande, porque também eles puderam me observar e eu lembro claramente quando a dona Lore me chamou, e ela falou que durante o estágio eu demonstrei que eu era muito de acordo com a filosofia do hospital. Essa foi a grande questão, e hoje eu penso que eu era muito de acordo com a filosofia do hospital porque eu acatava tudo que me orientavam. Eu aceitava, eu não ficava debatendo, não criava confusão. As pessoas faziam e saíam, não ficavam. Tinha que ter uma postura de acatar, aprender e fazer. Mas para mim foi muito mais fácil, eu já conhecia o hospital, foi uma coisa muito tranquila, foi uma passagem só, foi bem tranquilo.

O estágio foi fundamental, primeiro porque já naquela época as enfermeiras, as pessoas que se formavam e conseguiam emprego aqui eram tidas como muito boas, porque era difícil de entrar, era um hospital muito reconhecido. Era uma satisfação enorme trabalhar no Oswaldo Cruz, tinha muito comentário. Quando eu vim trabalhar eu não fazia ideia qual era o salário, eu nunca perguntei, não queria saber, não me importava muito, porque o que importava era trabalhar aqui. Quando eu recebi o salário, eu fiquei abismada com aquilo (risos), ainda eu pensei: “nossa eu estou fazendo aquilo que eu mais gosto”, porque era uma coisa assim, para mim não era bem um lazer, mas é fazer alguma coisa que...”e ainda ganhava dinheiro para fazer isso”. Parece um absurdo? Mas era assim... nem eu, nem as outras duas colegas que entraram comigo, a gente estava no mesmo esquema, no mesmo patamar. Então nunca nem pensava: “vou trabalhar em outro lugar”, não. Minha missão, minha meta era trabalhar aqui. Ajudou 100%, foi uma continuidade.

Olha... talvez o que eu queria falar é que para mim, e eu tenho quase certeza que para as demais pessoas que trabalham aqui, a complementação na formação foi fundamental, fundamental! Eu não seria a mesma enfermeira quando eu me formei no final de 86, eu não seria a mesma pessoa se eu não tivesse feito estágio aqui. Eu não tenho a menor dúvida, eu não seria. Isso contribuiu fortemente e ainda bem que a gente tem estágio até hoje (risos).

Participante: Acácia amarela

Na verdade, a gente acaba tendo bastante teoria, tem um pouco dos estágios, da prática, mas é totalmente diferente porque a gente acaba tendo uma supervisora dentro da escola, dentro da universidade, e a gente vai buscando o aprimoramento. Então, a princípio foi um aprimoramento, nem foi pensando em se colocar pelo mercado, nada..., foi a título de conhecimento mesmo.

A gente acabou sendo notificada pela questão do Centro de Integração Empresa-Escola que estava começando na época, então eu fiz... acho que na época eram dois ou três meses voluntário que a gente fazia, e depois diante da aprovação ou não, teria a possibilidade de entrar dentro do Oswaldo Cruz para ser estagiário. Tinham dois módulos, ou era final de semana ou era dias alternados durante a semana, e a gente pegava final de semana também. Como eu estava praticamente nos últimos anos e a grade curricular fica mais tranquila, aí a entrada na época era por volta das 16h, então dava tempo tranquilamente de vir e fazer o estágio em dias alternados.

Primeiro o hospital abriu a vaga voluntariado, e depois de três meses o Centro de Integração Empresa-Escola começou a parametrizar isso lá dentro, e a gente acabava ficando como estagiário, porque a gente não tem vínculo de funcionário, colaborador. Hoje a gente tem bastante a questão dos aprendizes que vem para o hospital, e a gente acabou entrando como estagiário de enfermagem. A gente entrou depois da efetivação, de ter passado no período de experiência, e a gente acabou vindo pelo Centro de Integração Empresa-Escola, mas como um estagiário, porque eles tinham vários tipos de estagiários na época. Eu nem sei se isso continua, mas eu vim através do Centro de Integração Empresa-Escola, mas porque o hospital direcionou até para poder ficar com a gente.

Olha a gente ficava sob supervisão da enfermeira do setor, e a gente acompanhava todas as atividades. Então, não assumia nenhum paciente integral, principalmente quando começa. E a gente ficava meio que como apoiador, no sentido de que junto com algum auxiliar que às vezes, nem sempre tinha a questão dos enfermeiros para poder diretamente. O enfermeiro ficava no posto e a gente ia com o auxiliar ou o técnico ver sinais vitais, auxiliava para levar ao banho, os próprios curativos quando surgia a oportunidade de trocar, o enfermeiro nos acompanhava. Primeiro a gente via e depois, como se fosse o estágio da faculdade mesmo, bem com esses moldes. Mas a gente tinha uma preocupação de que o paciente não precisava sentir que a gente era tão estagiário, então por isso que a gente queria cada vez fazer mais, melhorar no próprio procedimento, porque as próprias enfermeiras naquele momento não chamavam atenção da gente na frente do paciente. Elas faziam algumas correções muito habilmente no quarto, depois a gente saía e elas davam um feedback para a gente para dizer como é que foi, o que precisava ficar melhor. Então era mais ou menos dessa forma. Eu fazia o estágio na semana e final de semana, daí a gente fazia seis horas todos os dias.

Eu não posso ver nenhum ponto ruim, para mim não teve nada de ruim porque afinal de contas como ainda a formação não estava efetivada, a própria graduação, eu só aprendi, só aprendi. Lógico que como estagiária às vezes você quer ter um pouco mais de liberdade, se é que é assim que a gente pode chamar, mas isso aos poucos a gente também vai conquistando de conhecer o enfermeiro do setor, ele também te conhecer, ele começa a te dar um paciente para que você cuide sozinha, e conforme eles vão sentindo que você está mais segura e que você tem uma habilidade, conhecimento naquela situação..., depois você acaba ganhando dois

pacientes e isso é uma forma que você conquista. Então assim, não vejo nada de ruim, é que no começo tudo é muito difícil. Até você conhecer, se adaptar, rotina é outra, porque a gente acaba sendo treinado também na universidade... a gente aprende cateterismo, aí eu cheguei aqui nossa! a técnica é outra. “Como aqui é para passar sonda, a técnica e tal?, o que eles fazem aqui de diferente?”. Porque você reaprende, sabe os princípios básicos, mas tem o seguinte protocolo na casa. Então é muito legal, porque você acaba vendo algo a mais.

Eles (os colegas de classe) sempre queriam saber como que aqui era, se ia abrir vaga, se tinha chance, e de fato tinha mesmo uma prova logo que a gente entrava, a gente era submetido a uma avaliação. Mas alguns não queriam porque, ou que não estavam dispostos, e quando você estava indo, sempre te procuravam e diziam: “puxa vida, vai abrir mais vaga? Dá tempo? Quem sabe? ”, então assim de forma geral todo mundo se pudesse participaria entende?

Ah sempre tem, sempre cria uma questão de *know how* dentro do grupo, acaba tendo uma outra postura. Até de conhecimento, de perguntar: “e lá como é que você faz?, como que é lá?”, então você meio que vira uma referência dentro do grupo até para compartilhar o conhecimento, a experiência que você está tendo naquele momento. Muito, muito legal, muito bacana.

No começo é bem complicado, porque você vira assim..., as pessoas acabam nos vendo no começo até você conhecer, conquistar o grupo, de que você está ali quase que meio para atrapalhar. Depois eles começam a perceber que eles podem te usar um pouco como apoiador, tipo: “olha eu também preciso de ajuda, você vai lá comigo?”, coisas meio que deste sentido. Porque no começo a primeira sensação que a gente tem como estagiária é que eles acabam usando a nossa mão de obra, mas eu nunca fiquei muito preocupada com isso porque como eu vim para cá para aprender..., então assim quanto mais eles me dessem, mais feliz eu ficava, entende?

É que em um determinado momento você quer fazer alguma coisa a mais, você não quer só ver sinais vitais, você não quer só fazer as higiênes íntimas, aquela coisa mais braçal. Você quer pensar, você quer fazer coisas novas mesmo, mas isso só aos poucos que a gente vai meio que desmamando, melhorando o conhecimento, pegando a questão da segurança. O enfermeiro que está com a gente também se sentir seguro, porque senão você vira atendedor de campainha, verificador de sinais vitais e higiene íntima. Esses três são aqueles básicos, mas sem eles também não tem como começar. Até para você poder orientar o seu grupo você precisa saber fazer, tem que dar exemplo em atender campainha, verificar sinais vitais, porque senão você fica em um certo descrédito. E a gente vai percebendo isso ao longo do tempo, então a gente não perde nada, só agrega, só ganha.

Ah... demais porque eu fiz o estágio aqui e acabei ficando aqui, teve a oportunidade da vaga e eu fiz a prova, como todo mundo faz, fui bem e acabei ficando. Então eu acho que é extremamente importante, e outra que como a gente acabou de sair da própria graduação até o aprendizado para entrar no trilha, no jeito que tem que ser do Oswaldo Cruz, no acolhimento, eu penso que tenha sido muito mais fácil. Porque eu já vinha nessa disciplina, então foi só continuar.

O que a gente faz de estágio fora, na universidade é muito rápido, então ficando aqui ou não ficando agrega sempre, conhecimento, habilidade, experiência, tudo.

Foi muito bom, só tenho boas lembranças, não tenho nada ruim. Coisas que talvez pela imaturidade, talvez naquele momento a gente não entenda tão bem, mas depois o tempo passa e a gente diz: “puxa era assim mesmo, tinha que ser dessa forma, não dava para ser diferente”. A única coisa é que a gente hoje vê que não tem a questão dos estagiários na casa. Da mesma forma como nós tínhamos lá atrás. A questão dos estágios muito mais voltado quando alguma faculdade pede estágio aqui, mas eu não tenho visto.

Participante: Azaleia rosada

O que me motivou foi desenvolver a parte prática, a gente na faculdade tem bastante carga teórica e eu queria desenvolver esta parte, na verdade eu fui estagiária no terceiro ano no Hospital das Clínicas na Fundap, e nas moléstias infecciosas já tive a oportunidade de desenvolver um pouquinho a parte prática, e eu soube que aqui no Oswaldo Cruz tinha estágio e eu fui atrás porque eu queria a vivência, tanto do hospital também, num hospital conceituado e de ponta, e foi isso que me motivou, poder colocar em prática o que a gente aprende na faculdade. Todos os anos abria essa oportunidade, acredito que foi desta forma que várias pessoas da minha turma vieram fazer estágio aqui nessa época.

No começo até a gente pegar um pouquinho da dinâmica do setor, era uma coisa bem mais de organização, eu lembro que a gente organizava a sala, porque tinha uma sala de microcirurgia, tipo para tirar nevos lá no Pronto Atendimento, daí a gente já deixava todos os materiais esterilizados. Lá, a gente fazia pacotinho de gaze e tinha tipo uma seladora e fazia essas embalagens para depois ir para esterilização, superbacana. No decorrer do tempo, como eu era de fim de semana, eu ia pouco, não ia todos os dias ou em dias intercalados porque tinha uma turma que fazia dias intercalados em dia de semana. Eu fazia 12h no fim de semana, um plantão por semana, todo fim de semana e eu dava um plantão ou sábado ou domingo. Eram 12h e no decorrer que vai passando o tempo, você vai pegando experiência e a gente prestava todos os cuidados. A gente fazia medicação, eletrocardiograma tinha bastante, a gente ia nos andares também fazer eletrocardiograma, então eu tinha a oportunidade de conhecer um pouquinho os andares, ter um pouquinho o contato com as pessoas e era basicamente atender o paciente de emergência.

Eu lembro que a gente atendeu um paciente que me marcou muito, porque ele chegou muito grave, foi um atendimento que a gente foi superbem, estava o dr. Renato..., de pegar o acesso, dar um atendimento e conseguir tirá-lo. Depois ele veio a óbito, mas naquele momento a gente conseguiu prestar a assistência. Consultas que a gente atendia e paciente chegando ou de ambulância, ou grave de carro.

Nessa época a gente tinha um enfermeiro que era também plantonista de finais de semana, não sei se você já ouviu falar. Tinha a Terezinha que era uma senhora professora da UNIFESP, da urologia e ela já era uma senhora, ela vinha de fim de semana também. No primeiro mês, agora eu estou lembrando, a gente fazia um estágio não remunerado para já conhecer e eram todos os dias porque era janeiro, e a gente já estava de férias. A gente fez o estágio não remunerado para pegar a dinâmica do setor e depois ficou de final de semana, a Betânia é dessa época, ela dava plantão lá no Pronto Atendimento e ela era minha enfermeira, que me acompanhava. O técnico acompanhava bastante também, eu lembro que era o Zé, a Cris

Oliveira era técnica e atuava no Centro de Diagnóstico por Imagem, mas às vezes ela dava suporte também no setor. Então ela me acompanhou bastante eu fiquei bem aproximada dela nessa época. A gente vai lembrando... (risos).

Agora no mês que a gente vinha todos os dias, eu lembro bem que era uma enfermeira que estava cobrindo a licença maternidade da Cristina, e era a Sandra que me acompanhou e ficava muito próxima de mim, com certeza. Ela era como se fosse a coordenadora do setor, mas ela ficava bastante comigo.

Negativo acho que não vejo, talvez como é o quarto ano e a gente está numa dinâmica, bastante trabalho, foi uma coisa de sacrifício mesmo, mas que valeu muito a pena, porque o conhecimento que a gente desenvolveu e todo o empenho das pessoas tentando te passar, eu acho que um dos melhores..., foi uma fase muito boa para mim, do meu ponto de vista. Eu fiquei encantada quando eu entrei aqui, eu chegava em casa e falava: “gente todo mundo te cumprimenta, sabe assim”. Era muito bom esse clima, e eu acho que a gente ainda tem esse clima, e eu fiquei encantada com isso. Às vezes a dona Lore pelo Pronto Atendimento também vinha conversar com a gente: “como que está?”, com uma preocupação se a gente estava aproveitando, e a gente já via como ela se comportava. Era um exemplo para a gente, e além da parte técnica, dos procedimentos, esta parte comportamental assim... muito forte, muito forte... de todo mundo, segurança, limpeza, o médico, todos se cumprimentavam: “oi, tudo bem? E aí está gostando?”. Então foi tudo muito... e vinha muito ao encontro com algo que eu também acredito que é um valor muito forte para mim. Então teve tudo a ver para mim, superpositivo, não vejo assim da instituição em si, não tive pontos negativos, não tenho o que falar.

Não percebia não. Porque como vinha uma turma grande da minha classe, na verdade vieram mais de 20 alunos da minha classe e ficaram três. Ficou eu, a Cris e nós éramos mais de 20, era uma turma muito grande, acho que tinha umas 60 pessoas, uma turma grande, depois foram saindo e entrou uma turma de umas 20 pessoas do São Camilo, e foi aí que o Sergio entrou, ele entrou nessa. Então ficaram nós três, o Sergio ficou na UTI, a Cris e eu, ficamos os três.

Então eu não percebia, mas eu sou meio...não percebia. E uma turma fez estágio na Beneficência Portuguesa, eu até tentei ficar, mas me chocava muito a assistência lá e aí eu desisti, mas o pessoal ficava 12h por 36h fazendo estágio no último ano.

Superboa (a relação com a equipe do setor), eram funcionários bem experientes, com bastante tempo de casa e assim, eles me acolhiam que nem uma filha: “olha você quer ver isso?, vem ver”. Então, o relacionamento sempre foi muito bom, sempre muito parceiros, e eu nunca tive problemas de alguma dificuldade, mesmo com a equipe médica. Na verdade, a equipe era o doutor Renato, tinha o doutor Marcos Mori, uma equipe bem acolhedora.

A gente sempre teve um relacionamento, uma coisa de acolhimento, de tentar resolver as coisas, o Pronto Atendimento era menor, era bem diferente.

Com certeza, não tenho dúvida, porque na verdade eu tive a oportunidade que as pessoas daqui de dentro me percebessem. Então a gente passou pela educação continuada, nesse mês que a gente faz não remunerado, não lembro se era uma semana e a gente ficava no auditório, na época era a Adelina. Eu senti que ela também criou um vínculo e ela me recomendou, a Cristina também teve a oportunidade de ver meu trabalho, como era meu comportamento,

enfim, com certeza me ajudaram a ficar no hospital, ainda mais porque era um grupo muito grande de pessoas.

Se não tivesse ficado aqui com certeza a parte prática, a vivência que a gente tem com um ano de estágio é indescritível, quem não faz esse ano é diferente, eu tenho certeza disso. Imagina ter a oportunidade de ficar 12 horas aqui dentro com uma demanda, então com certeza se a gente..., eu até cheguei a mandar currículo na Pró Matre e no Samaritano e chegaram a me chamar. Quando eu me formei eu prestei aprimoramento de neonatologia lá no Hospital das Clínicas, passei em segundo lugar, porque eu gostei muito do estágio de neonatologia. E na época a Denise me ligou e falou: “presente de papai Noel...”, e eu tinha que decidir o que queria porque aprimoramento era o dia inteiro também. Daí eu pensei: “acho que eu vou trabalhar um pouco e ver se é isso mesmo que eu quero”, e aí eu entrei e nunca mais pensei em sair.

É uma história tão bacana (choro), é bem legal mesmo, uma oportunidade muito emocionante, uma vida. Nossa! Dá para lembrar de muita coisa, muita coisa passou.